

# ATOS DOS APÓSTOLOS

*AD EXPERIMENTUM*

Texto provisório,  
destinado à recolha de contributos dos leitores,  
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.  
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:  
**[biblia.cep@gmail.com](mailto:biblia.cep@gmail.com)**

Versão de 1 de fevereiro de 2025



## INTRODUÇÃO

### Autoria

O livro dos Atos dos Apóstolos constitui a segunda parte da obra de Lucas e possui muito em comum com o terceiro evangelho: o mesmo autor (*no meu primeiro livro*, v.1), o mesmo destinatário (*Teófilo*, cf. Lc 1,4 nota) e várias semelhanças entre o início de Atos (1,4-11) e o final do evangelho (Lc 24,44-53). Além disso, há coordenadas literárias e teológicas que percorrem ambas as obras, conferindo-lhes unidade e sufragando a ideia vincada pela tradição de que se trata de um projeto único, em duas partes, da responsabilidade do mesmo autor. É bem provável que inicialmente as duas obras estivessem unidas e tenham sido separadas na altura em que o evangelho foi colocado junto dos outros três.

Parece não ser difícil admitir que o autor se chamasse Lucas e que coincida com *Lucas, o amado médico* de que fala Cl 4,14. Companheiro de Paulo, Lucas seria um cristão da segunda geração, de origem pagã (talvez de Antioquia da Síria). De facto, o fenómeno da pseudonímia (estratégia frequente que consistia em atribuir uma obra literária a uma personagem mais conhecida, no sentido de a credibilizar) parece não ter acontecido, porque, se assim fosse, seria mais provável que o evangelho – e também o livro dos Atos – fosse atribuído a Paulo. O facto de afirmar a necessidade de tudo investigar cuidadosamente (Lc 1, 3) indicia igualmente que o evangelista não conheceu Jesus.

### Datação, finalidade e aspetos literários

O livro dos Atos teria sido escrito no final da década de 80 do séc. I, não apenas com a finalidade de dar a conhecer a vida da Igreja nascente, mas também e sobretudo com a preocupação de apresentar às comunidades cristãs um modelo de vivência eclesial. Por isso, é simultaneamente uma obra histórica – as suas informações coincidem genericamente com os contributos da historiografia, da arqueologia, dos evangelhos e das cartas de Paulo – e teológica, dado que a história do mundo é vista como uma história de salvação (da promessa no AT à realização em Jesus Cristo), sendo Deus, o Espírito e a Palavra os autores do crescimento e expansão da Igreja.

O domínio da arte narrativa faz de Lucas um dos autores mais credenciados do NT, mostrando estar muito familiarizado com a versão grega da Escritura (LXX). Utiliza uma grande variedade de géneros literários, narrações de missão (9,32 – 11,18) e de viagens (13,1 – 21,26); discursos de diversos tipos (2,14-36; 3,12-26; 4,8-12; etc.); orações (4,24b-30); cartas (15,23b-29) e sumários (2,42-47; 4,32-35; 5,12-16). São estes últimos que articulam as narrativas e melhor espelham a teologia do seu autor.

### Conteúdo

Embora existam diversos temas teológicos no livro dos Atos, sobressai, no entanto, o da universalidade da salvação, algo que permite sublinhar o facto de a mensa-

gem do evangelho se destinar a todos (17,31) e não apenas ao povo de Israel. Sem excluir ninguém, o autor deste livro caracteriza-se por um posicionamento inclusivo e defende que a salvação não tem a ver com a prática das obras da Lei, mas com a aceitação de Jesus Cristo como Salvador e do seu projeto de vida (ideia muito semelhante à teologia paulina da justificação pela fé). A reunião magna de Jerusalém (cap. 15) e toda a atividade missionária de Paulo são a expressão mais concreta desta universalidade. Além de universal, a salvação não é uma realidade passada ou futura, mas está a acontecer na vida da Igreja nascente, mediada pela ação dos apóstolos e impulsionada pela força do Espírito.

A fé cristã é apresentada como vivida em comunidade, e assente na escuta assídua do ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na participação na fração do pão e nas orações (2,42-47; 4,32-35; 5,12-15). As tensões que se geram no seio da(s) comunidade(s) são resolvidas mediante o diálogo e a criação de estruturas eclesiais que fomentem a comunhão, como é o caso do grupo dos Sete – escolhidos para prover às necessidades das viúvas e órfãos dos helenistas (6,1-6) – dos anciãos (14,23; 20,17.28) e dos profetas (11,27).

Assim, desde o início do evangelho até ao fim do livro dos Atos, Lucas evidencia que tudo o que acontece é inspirado por Deus; apesar de todos os contratempos, nada impede a realização do projeto divino. Para tal, relata como os gentios foram admitidos à fé, apesar de tantas e tão variadas dificuldades. É com esta narrativa que o autor do livro dos Atos dá segurança e fortalece a esperança de Teófilo, e fá-lo a partir de três provas fundamentais: a materialidade da experiência evangelizadora de Pedro (caps. 1-12), o testemunho da experiência de Paulo (caps. 13-28) e o testemunho das Escrituras (cf. At 15,14-17). Este é o contributo que Lucas pretende oferecer à fé e à esperança de Teófilo no fim do séc. I d.C.: a materialidade das experiências, os testemunhos e a coerência dos acontecimentos com o que estava profetizado no AT.

### **Estrutura**

Tendo em conta que a narração do livro dos Atos acompanha a proclamação do evangelho e a expansão da Igreja desde Jerusalém até aos confins da terra (At 1,8), o texto apresenta a seguinte estrutura:

Prólogo 1,1-14

I. A Igreja de Jerusalém (1,4-8,3)

II. A expansão do evangelho e da Igreja na Judeia e Samaria (8,4-12,25)

III. A expansão do evangelho e da Igreja entre os gentios (13,1-21,26)

Primeira viagem missionária de Paulo (13,1-15,35)

Segunda viagem missionária de Paulo (15,36-18,22)

Terceira viagem missionária de Paulo (18,23-21,26)

IV. Paulo prisioneiro (21,27-28,29)

Conclusão (28,30-31)

## 1 Prólogo

<sup>1</sup>No meu primeiro relato<sup>a</sup>, ó Teófilo, narrei tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o princípio<sup>b,2</sup> até ao dia em que foi elevado ao céu, depois de, pelo Espírito Santo, ter instruído os apóstolos que escolhera. <sup>3</sup>Foi também a eles que, depois da sua paixão, se apresentou vivo, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias<sup>c</sup> e falando-lhes sobre o reino de Deus.

## I – A IGREJA DE JERUSALÉM (1,4-8,3)

### Últimas palavras do Ressuscitado

<sup>4</sup>Enquanto estava com eles à mesa<sup>d</sup>, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém<sup>e</sup>, mas que aguardassem pelo cumprimento da<sup>f</sup> promessa do Pai, «da qual – disse Ele<sup>g</sup> – me ouvistes falar; <sup>5</sup>de facto, João batizou na água<sup>h</sup>, mas vós sereis batizados no Espírito<sup>i</sup> Santo, dentro de poucos dias». <sup>6</sup>Então os que estavam reunidos começaram a perguntar-lhe<sup>j</sup>: «Senhor<sup>k</sup>, é agora que vais restaurar o reino para Israel?» <sup>7</sup>Ele respondeu-lhes: «Não vos compete saber os tempos ou os momentos<sup>m</sup> que o Pai estabeleceu com a sua autoridade; <sup>8</sup>mas recebereis a força do Espírito Santo, que virá

<sup>a</sup> O relato da ascensão faz a ligação entre as duas partes da obra de Lucas: a história de Jesus no evangelho (Lc 24,36-53) e a história da Igreja, narrada no livro dos Atos (1,1-14). Do ponto de vista literário, estes vv. são um mosaico de diferentes registos estilísticos, que se estruturam em: 1) dedicatória (vv.1s); 2) cristofania (v.3), entrecruzada com um relato de despedida (vv.4-8); 3) relato da elevação ao céu (vv.9-11); 4) lista de nomes (v.12s); 5) pequeno sumário (v.14).

<sup>b</sup> Lit.: *fiz a primeira palavra acerca de tudo, ó Teófilo, que Jesus começou a fazer e também a ensinar.*

<sup>c</sup> A cifra é de tradição bíblica: o êxodo durou 40 anos (Nm 14,33); Moisés permaneceu 40 dias no Sinai (Ex 24,18); Esdras escreveu a Lei durante 40 dias (*4Esd* 14,23; *2Br* 76); Elias retirou-se durante 40 dias (1Rs 19,8); Jesus foi tentado no deserto durante 40 dias (Lc 4,2). Para os rabinos, o número 40 indica o tempo simbólico de uma aprendizagem completa. Neste sentido, é provável que esta referência pretenda indicar ao leitor que os apóstolos necessitaram de algum tempo para assimilar um acontecimento tão inaudito.

<sup>d</sup> Jesus une-se aos discípulos numa refeição com sabor eucarístico (cf. Lc 22,14-38; 24,30s).

<sup>e</sup> Com esta referência, Lucas continua a ligar o evangelho e At, pois a cidade constitui um símbolo da continuidade entre o tempo de Jesus e o da Igreja.

<sup>f</sup> *O cumprimento de* é acrescento da tradução.

<sup>g</sup> *Dise Ele* é acrescento da tradução.

<sup>h</sup> A expressão grega usada também pode ter um sentido instrumental (*com água*). Sobre o batismo de João e o de Jesus, cf. Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33; At 11,16.

<sup>i</sup> No judaísmo, a vinda do Espírito é associada aos últimos tempos (cf. Jl 3,1-5). Isto será reafirmado por Pedro em 2,17-21.

<sup>j</sup> Lit.: *a perguntar, dizendo.*

<sup>k</sup> O título de *Senhor* (*Kýrios*), que no AT era atribuído a Deus, é dado a Jesus, em reconhecimento da sua natureza divina.

<sup>l</sup> A expectativa nacionalista de uma restauração de Israel estava bastante difundida no judaísmo do séc. I (cf. *Ant. Jud.* XVII, 271-281; XVIII, 85; XX, 102; *Bell. Jud.* II, 117; II, 259-263; *Shemonêb Ezrê* 14)

<sup>m</sup> A resposta de Jesus enquadra-se no contexto lucano do adiamento da parúsia, que já tinha preocupado os cristãos paulinos de Tessalónica (cf. 1Ts 4,13-5,18).

sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra»<sup>a</sup>.

### Ascensão de Jesus

<sup>9</sup>Tendo dito isto e enquanto eles olhavam, Ele foi elevado, e uma nuvem<sup>b</sup> escondeu-o dos seus olhos. <sup>10</sup>E enquanto olhavam fixamente para o céu, vendo-o partir, eis que se lhes apresentaram dois homens<sup>c</sup>, em vestes brancas, <sup>11</sup>que disseram: «Homens da Galileia, porque estais parados, a olhar para o céu? Este Jesus que, de junto de vós, foi elevado ao céu, há de vir do mesmo modo como o vistes partir para o céu».

### Os apóstolos com Maria e os irmãos de Jesus

<sup>12</sup>Desceram, então, do monte chamado das Oliveiras, que fica próximo de Jerusalém, à distância de uma caminhada de sábado<sup>d</sup>, e regressaram a Jerusalém. <sup>13</sup>Quando chegaram, subiram à sala de cima, onde permaneciam habitualmente. Ali ficaram Pedro, João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelota, e Judas, filho de Tiago<sup>e</sup>. <sup>14</sup>Todos eles perseveravam unidos em oração, juntamente com algumas mulheres, com Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele<sup>f</sup>.

### Eleição de Matias

<sup>15</sup>Naqueles dias, estando reunido um grupo de cento e vinte pessoas<sup>g</sup>, Pedro levantou-se no meio dos irmãos<sup>h</sup> e disse: <sup>16</sup>«Irmãos<sup>i</sup>, era necessário que se cumprisse o que o Espírito Santo, pela boca de David, tinha predito na Escritura acerca de Judas, que foi o guia dos que prenderam Jesus. <sup>17</sup>Ele era um de nós e tinha-lhe sido concedida a participação no nosso ministério. <sup>18</sup>Com a iníqua recompensa que lhe deram<sup>j</sup>,

<sup>a</sup> O plano de Deus alarga-se progressivamente de Israel para o mundo: de Jerusalém para a Judeia (8,1; 9,31), passando depois para a Samaria (8,4ss) e chegando aos confins da terra (28,14). Assim, nesta passagem, não só Roma é já de alguma forma evocada, como se antecipa o discurso de Paulo aos pagãos em Antioquia da Pisídia (13,47).

<sup>b</sup> A nuvem é um dos sinais das teofanias no AT (Ex 13,22; Dn 7,13).

<sup>c</sup> A referência aos *dois homens* remete para os relatos do túmulo vazio (Lc 24,4-9) e da transfiguração (Lc 9,30-34) e destina-se a garantir a veracidade do acontecimento, de acordo com a tradição jurídica judaica que, para tal, exigia a presença de dois homens. Por outro lado, as características destas duas personagens evocam uma dimensão transcendente, enfatizando, com isso, que para aceder ao mistério da divindade de Jesus é necessário abrir-se a uma realidade que ultrapassa a meramente racional.

<sup>d</sup> Um *caminho de sábado* representa uma distância de cerca de dois mil côvados (c. 1 km), ou seja, corresponde ao limite dos dois mil passos que o judeu podia dar nesse dia (cf. *mSota* 5,3; *mEruv* 4; *MekhEx* 16,29; *yBer* 5,9). Deste modo, Lucas salienta a proximidade à cidade santa, de onde parte a missão.

<sup>e</sup> A lista dos nomes dos discípulos concorda com Lc 6,14ss (cf. Mc 3,16-19).

<sup>f</sup> Este v. apresenta o primeiro sumário de At (cf. 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16; 6,7; 8,1b-4).

<sup>g</sup> Lit.: *nomes*. O número de pessoas da multidão (120) é simbólico, enquanto múltiplo de 12 (que evoca as 12 tribos de Israel; cf. Ex 18,12; 1Mac 3,55). Nesta primeira fase e desde que foi fundada (1,15-2,47), a comunidade cristã permanece com os apóstolos em Jerusalém (1,15-8,3), sendo por eles dirigida (3,1-5,42), ainda que passando por momentos de crise (6,1-8,3).

<sup>h</sup> Ou seja, os membros da comunidade, *irmãos* pelo batismo: 11,1; 12,17; 14,2; 21,17. Alguns mss., porém, leem *apóstolos*.

<sup>i</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>j</sup> Lit.: *com a recompensa da injustiça*.

adquiriu um campo; mas depois precipitou-se de cabeça, rebentou pelo meio e todas as suas entranhas se espalharam.<sup>19</sup> Isto tornou-se conhecido de todos os habitantes de Jerusalém, de modo que aquele campo foi chamado, na sua língua, *Haqueldamá*, isto é, «Campo de Sangue».<sup>20</sup> De facto, está escrito no livro dos Salmos:

*Que a sua morada se torne um deserto,  
e não haja quem nela habite<sup>k</sup>  
e ainda: Que outro receba o seu encargo<sup>l</sup>.*

<sup>21</sup>Portanto, é necessário que, de entre os homens que nos acompanharam durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós<sup>m</sup>, <sup>22</sup> desde o batismo<sup>n</sup> de João até ao dia em que foi elevado do meio de nós, um deles se torne connosco testemunha da sua ressurreição».

<sup>23</sup>Apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha como cognome o Justo, e Matias.<sup>24</sup> E, depois de rezarem, disseram: «Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, indica-nos qual destes dois escolheste<sup>25</sup> para tomar lugar<sup>o</sup> neste ministério apostólico, que Judas abandonou a fim de ir para o lugar que lhe pertencia<sup>p</sup>». <sup>26</sup>Lançaram, então, sortes<sup>q</sup>, e a sorte caiu em Matias, que foi agregado aos onze apóstolos.

## 2 Pentecostes

<sup>1</sup>Quando chegou o dia do Pentecostes<sup>r</sup>, estavam todos reunidos no mesmo lugar. <sup>2</sup>De repente veio do céu um ruído comparável ao de uma forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam<sup>s</sup>. <sup>3</sup>Viram, então, aparecer uma espécie de línguas de fogo que se iam dividindo, e pousou uma sobre cada um deles. <sup>4</sup>Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas<sup>t</sup>, conforme o Espírito lhes concedia que se expressassem.

<sup>k</sup> Sl 69,26.

<sup>l</sup> Sl 109,8.

<sup>m</sup> Lit.: *entrou e saiu de [entre] nós*.

<sup>n</sup> Lit.: *começando pelo batismo*.

<sup>o</sup> Vários mss. leem *porção*.

<sup>p</sup> Lit.: *para ir para o seu próprio lugar*.

<sup>q</sup> Este era um método usado em Israel, para permitir que assim se manifestasse a vontade de Deus. Era desta forma que se escolhia quem serviria e sacrificaria no templo (1Cr 25,8; 26,13; *m Yoma* 2,2), se elaborava a escala de serviço dos sacerdotes (Lc 1,9), e foi da mesma maneira que não só se procedeu à distribuição da terra prometida pelas tribos (Nm 25,55; 33,54), como se fez a escolha do rei Saul (1Sm 10,20). Era também assim que em Qumran, juntamente com a avaliação por parte da comunidade, se decidia a entrada de um novo membro (*IQS* 6,13-23).

<sup>r</sup> A festa judaica do Pentecostes passou por três fases: primeiro, era uma festa de origem cananeia, associada às colheitas na altura da primavera, conhecida como *Festa das Semanas*, por se celebrar sete semanas depois do corte das primeiras espigas (Dt 16,9; Ex 23,16; 34,22); num segundo momento, tornou-se a *Festa da renovação da aliança com Noé*, pela ligação cronológica desta festa ao ciclo pascal (Lv 23,15); finalmente, foi transformada na festa que celebrava o dom da Torá no Sinai (*Jub* 6,17-21), cinquenta dias depois da Páscoa. Paulo atesta em 1Cor 16,8 que era já assim que a diáspora judaica a celebrava.

<sup>s</sup> Os vv.2s apresentam semelhanças com a teofania do Espírito anunciada em Is 66,15-20 (LXX).

<sup>t</sup> Por várias vezes os textos fazem referência à existência de glossolalia (falar em línguas) na Igreja primitiva (cf. At 10,46; 11,15; 19,6; 1Cor 12-14), à semelhança do que já acontecia em Israel (cf. Nm 11,25-29; 1Sm 10,5s.10-13; 19,20-24; 1Rs 22,10). O fenómeno era considerado uma manifestação da presença do

<sup>5</sup>Habitavam em Jerusalém judeus piedosos<sup>a</sup>, procedentes de todas as nações que há debaixo do céu. <sup>6</sup>Quando se ouviu este ruído, a multidão reuniu-se e ficou desconcertada, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. <sup>7</sup>Estavam espantados e admiravam-se, dizendo: «Não são<sup>b</sup> todos galileus os que estão a falar? <sup>8</sup>Então como é que cada um de nós os ouve falar na sua própria língua? <sup>9</sup>Partos, medos, elamitas e habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, <sup>10</sup>da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, vizinha de Cirene, colonos de Roma, <sup>11</sup>tanto judeus como prosélitos<sup>d</sup>, cretenses e árabes, ouvimo-los proclamar, nas nossas próprias línguas, as maravilhas de Deus». <sup>12</sup>Estavam todos espantados e perplexos, dizendo uns para os outros: «Que significa isto?» <sup>13</sup>Outros, porém, fazendo troça, diziam: «Estão cheios de vinho doce!».

### O discurso de Pedro no Pentecostes

<sup>14</sup>Então Pedro, de pé, com os Onze, ergueu a voz e disse-lhes: «Homens da Judeia, e todos vós que habitais em Jerusalém! Ficai a saber isto, prestai atenção às minhas palavras: <sup>15</sup>não, estes homens não estão embriagados como estais a pensar, pois ainda são nove horas da manhã<sup>f</sup>; <sup>16</sup>o que está a acontecer<sup>g</sup> é aquilo que foi dito por meio do profeta Joel:

<sup>17</sup>*E acontecerá que nos últimos dias<sup>h</sup> – diz Deus –*

*derramarei sobre todos<sup>i</sup> o meu Espírito:*

*os vossos filhos e filhas hão de profetizar,*

*os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos.*

<sup>18</sup>*Assim será: sobre os meus servos e sobre as minhas servas, derramarei, naqueles dias, o meu Espírito, e eles hão de profetizar.*

---

Espírito. A forma como o acontecimento é descrito recorda o episódio paralelo do início do ministério de Jesus, onde a sua primeira pregação é antecedida pela manifestação do Espírito (Lc 3,21s; 4,16-30). O Espírito é o grande dinamizador da missão da Igreja (cf. At 4,8.31; 6,10; 8,29.39; 10,19s; 11,12; 13,2-4; 20,22s; 21,4.11), cuja natureza universal é manifestada neste episódio; a glossolalia não só a antecipa, como recorda e sublinha a superação do episódio de Babel, onde as línguas foram confundidas e perdida a unidade da humanidade (Gn 11,1-9). Assim, no contexto da festa judaica da renovação da aliança do Sinai, que no Pentecostes se celebrava, Lucas apresenta-nos a restauração não apenas dela, mas de uma outra mais antiga, anterior a Babel e, por isso, realizada com toda a humanidade.

<sup>a</sup> Lit.: *judeus, homens piedosos.*

<sup>b</sup> O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

<sup>c</sup> Lit.: *naquela própria nossa língua em que fomos gerados.*

<sup>d</sup> Um *proselito* era um não judeu que se tinha submetido à circuncisão e ao banho ritual de purificação; se faltasse um destes requisitos, era considerado *temente a Deus* (cf. At 10,22; 13,16.26). Os *tementes a Deus* situavam-se entre os prosélitos e os pagãos, e o seu elevado número explica-se talvez pelo fascínio que naquele período o judaísmo exercia sobre muitos pagãos, atraídos pela doutrina monoteísta e pelo culto sinagogaal.

<sup>e</sup> Este discurso apresenta uma estrutura comum a outros: introdução (vv.14-21); querigma (vv.22-24); fundamentação bíblica (vv.25-36); apelo à conversão (vv.37-41).

<sup>f</sup> Lit.: *a terceira hora do dia.*

<sup>g</sup> Lit.: *isto.*

<sup>h</sup> Os *últimos dias* remetem para o tempo da Igreja, que medeia entre a ascensão de Jesus e a sua última vinda.

<sup>i</sup> Lit.: *toda a carne.*

<sup>19</sup>*Realizarei prodígios lá em cima, no céu, e sinais cá em baixo, na terra: sangue, fogo e nuvens de fumo.*

<sup>20</sup>*O sol converter-se-á em trevas e a lua em sangue, antes de vir o grande e esplendoroso dia do Senhor.*

<sup>21</sup>*E então todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo<sup>k</sup>.*

<sup>22</sup>Homens de Israel, escutai estas palavras<sup>l</sup>: Jesus, o Nazareno, foi um homem que Deus mostrou credível junto de vós, com ações poderosas, prodígios e sinais que, como bem sabeis, Deus realizou no meio de vós por seu intermédio. <sup>23</sup>A este Jesus<sup>m</sup>, que foi entregue de acordo com o desígnio estabelecido e a providência de Deus, vós o matastes, cravando-o numa cruz<sup>n</sup> pelas mãos dos ímpios<sup>o</sup>. <sup>24</sup>Mas Deus ressuscitou-o<sup>p</sup>, libertando-o das dores da morte<sup>q</sup>, uma vez que não era possível que Ele ficasse sob o seu domínio.

<sup>25</sup>Diz David a seu respeito:

*Eu via continuamente o Senhor diante de mim, porque Ele está à minha direita para eu não vacilar.*

<sup>26</sup>*Por isso, rejubilou o meu coração e exultou a minha língua,*

*e até a minha carne há de repousar na esperança,*

<sup>27</sup>*porque Tu não abandonarás a minha alma na morada dos mortos<sup>r</sup> nem deixarás que o teu santo conheça a corrupção.*

<sup>28</sup>*Deste-me a conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria com a tua presença<sup>s</sup>.*

<sup>29</sup>Irmãos<sup>t</sup>, seja-me permitido falar-vos com clareza acerca do patriarca David: também ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está entre nós desde esse dia. <sup>30</sup>Ora, sendo profeta<sup>u</sup> e sabendo que Deus lhe prometera, em juramento, que um dos seus

<sup>j</sup> Os *prodígios* e os *sinais* são as credenciais dos profetas (Dt 13,1-3), entre os quais Moisés sobressaía (Dt 34,10ss).

<sup>k</sup> Jl 3,1-5 (LXX), onde o *nome* concerne a Deus. Aqui é referido a Jesus (v.22.36), afirmando com isso a sua divindade; quem o invocar será salvo pelo batismo, receberá o perdão dos pecados e o dom do Espírito (vv.38s).

<sup>l</sup> Em At, o querigma é transmitido em cinco discursos de Pedro (2,14-39; 3,12-26; 4,9-12; 5,29-32; 10,34-43) e em um de Paulo (13,16-41).

<sup>m</sup> *A este Jesus* é acrescento da tradução.

<sup>n</sup> *Numa cruz* é acrescento da tradução.

<sup>o</sup> A responsabilização dos judeus pela morte de Cristo repete-se em outros discursos (3,13b-15; 4,10s; 5,30; 10,39s; 13,27-30). É também tipicamente lucana a ausência do valor expiatório ou sacrificial da morte de Cristo.

<sup>p</sup> A apresentação teocêntrica da ressurreição é característica de Lucas, ainda que corresponda a formulações antigas do querigma (cf. Flp 2,11; Rm 10,9; Gl 1,1; Mc 16,6).

<sup>q</sup> Lucas segue a versão dos LXX, cujos tradutores preferiram ler *hével* (*dores de gestação*) em vez de *hével* (*corda, cadeia*): cf. Sl 17,6 (LXX); 114,3 (LXX); 2Sm 22,6; Jb 39,2.

<sup>r</sup> Lit.: *Hades*, o submundo da mitologia grega.

<sup>s</sup> Lit.: *com o teu rosto*. Sl 16,8-11 (LXX).

<sup>t</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>u</sup> David nunca é chamado *profeta* no AT (ao contrário de *11QSI* 27,11; *Ant. Jud.* VI,8.2).

descendentes<sup>a</sup> se sentaria no seu trono, <sup>31</sup>ele viu antecipadamente a ressurreição de Cristo e dela falou, dizendo<sup>b</sup> que Ele não seria abandonado na morada dos mortos<sup>c</sup>, e que a sua carne não haveria de sofrer a corrupção. <sup>32</sup>Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disse todos nós somos testemunhas. <sup>33</sup>Tendo sido elevado à direita de Deus<sup>d</sup>, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido<sup>e</sup>, que Ele derramou, tal como vós estais a ver e a ouvir. <sup>34</sup>Pois David não subiu ao céu e, no entanto, ele próprio diz:

*Disse o Senhor ao meu Senhor: “Senta-te à minha direita,  
<sup>35</sup>até que ponha os teus inimigos como estrado dos teus pés”<sup>f</sup>.*

<sup>36</sup>Saiba, pois, com absoluta certeza, toda a casa de Israel que Deus constituiu Senhor e Cristo esse mesmo Jesus que vós crucificastes».

### Primeiras conversões

<sup>37</sup>Ao ouvir isto, eles sentiram o coração trespassado e disseram a Pedro e aos restantes apóstolos: «Que devemos fazer, irmãos<sup>g</sup>?». <sup>38</sup>Pedro respondeu-lhes: «Convertei-vos e seja cada um de vós batizado no nome de Jesus Cristo, para perdão dos vossos pecados. Recebereis, então, o dom do Espírito Santo, <sup>39</sup>pois a promessa desse dom<sup>h</sup> é para vós, para os vossos filhos e para todos quantos, mesmo estando longe, o Senhor nosso Deus vier a chamar». <sup>40</sup>E com muitas outras palavras os advertia e exortava, dizendo: «Salvai-vos desta geração perversa». <sup>41</sup>Os que acolheram a sua palavra foram, então, batizados e, naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas.

### A comunidade modelo de Jerusalém

<sup>42</sup>Os irmãos<sup>i</sup> eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna<sup>j</sup>, à fração do pão e às orações<sup>k</sup>. <sup>43</sup>O temor apoderou-se de todos<sup>l</sup>, perante os muitos prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos<sup>m</sup>. <sup>44</sup>Todos os que tinham

<sup>a</sup> Lit.: *de um fruto do baixo-ventre dele*. Vários mss. mais tardios acrescentam *segundo a carne se ergueria [como] o Cristo e*.

<sup>b</sup> *Dizendo* é acréscimo da tradução.

<sup>c</sup> Lit.: *Hades* (cf. v.27 nota).

<sup>d</sup> Lit.: *pela direita de Deus*.

<sup>e</sup> Lit.: *a promessa do Espírito Santo*.

<sup>f</sup> Sl 110,1. Esta mesma passagem do salmo é citada por Jesus em Mt 22,44par.

<sup>g</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>h</sup> *Desse dom* é acréscimo da tradução.

<sup>i</sup> *Os irmãos* é acréscimo da tradução.

<sup>j</sup> *Fraterna* é acréscimo da tradução.

<sup>k</sup> Este segundo sumário especifica a vida litúrgica da comunidade já apresentada em At 1,14, apresentando os alicerces da vida da Igreja, de que a comunidade de Jerusalém é um exemplo. A expressão *fração do pão* apresenta ressonâncias eucarísticas (1Cor 10,16; 11,24; Lc 22,19) e é a expressão maior do culto exclusivamente cristão, celebrado não no templo, mas em casa e no contexto de uma refeição fraterna (1Cor 11,20-34).

<sup>l</sup> Lit.: *surgiu em toda alma um medo*.

<sup>m</sup> Vários mss. acrescentam *em Jerusalém*.

abraçado a fé<sup>n</sup> viviam unidos e tinham tudo em comum<sup>o</sup>. <sup>45</sup>Vendiam propriedades e bens e dividiam o dinheiro<sup>p</sup> entre todos, de acordo com as necessidades de cada um. <sup>46</sup>Frequentavam todos os dias o templo, como se tivessem uma só alma<sup>q</sup>, e em casa partiam o pão; partilhavam o alimento com grande alegria e simplicidade de coração, <sup>47</sup>louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número daqueles que eram salvos.

### 3 Cura de um coxo no templo

<sup>1</sup>Pedro e João subiam ao templo para a oração das três horas da tarde<sup>r</sup>. <sup>2</sup>Ora, era para ali levado habitualmente um homem, que era coxo de nascença<sup>s</sup>; punham-no todos os dias à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam no templo<sup>t</sup>. <sup>3</sup>Este, ao ver Pedro e João, que iam a entrar no templo, pediu-lhes esmola. <sup>4</sup>Pedro, tal como João, fixou nele o olhar e disse: «Olha para nós». <sup>5</sup>O coxo<sup>u</sup> ficou a olhar para eles, à espera de receber deles alguma coisa. <sup>6</sup>Pedro, porém, disse: «Não tenho prata nem ouro, mas dou-te o que tenho: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda». <sup>7</sup>E, tomando-o pela mão direita, levantou-o. Imediatamente os seus pés e tornozelos ficaram firmes<sup>8</sup> e, de um salto, pôs-se de pé e começou a andar; depois entrou com eles no templo, a andar, a saltar e louvar a Deus. <sup>9</sup>Todo o povo o viu a andar e a louvar a Deus. <sup>10</sup>Sabiam quem ele era, pois costumava estar sentado a pedir esmola junto da Porta Formosa do templo, e encheram-se de espanto e de assombro pelo que lhe tinha acontecido.

<sup>n</sup> Lit.: *todos os que acreditavam*. Nesta tradução de At, o verbo grego *pisteiō* (*acreditar* ou *ser crente*) é por vezes traduzido por *abraçar a fé*, de forma a sublinhar, por um lado, a ligação etimológica entre o verbo e *pístis* (*fé*) e, por outro, a natureza da fé que, embora implique uma decisão inicial, é um caminho a percorrer (cf. 9,2).

<sup>o</sup> A expressão recorda o ideal hebraico de comunhão, expresso nos Sl 2,2; 34,4; 37,38. Também os essênios a procuravam através da partilha de bens (*Ant. Jud.* XV, 371; *Bell. Jud.* II, 122). Lucas revela que tal comunhão e unidade só são verdadeiramente possíveis pela ação do Espírito Santo.

<sup>p</sup> O *dinheiro* é acrescento da tradução.

<sup>q</sup> Lit.: *unanimemente*.

<sup>r</sup> Lit.: *hora nona*. Embora com um culto próprio (2,42), os cristãos continuam a participar na oração no templo. A *hora nona* (*três da tarde*) era a hora do segundo sacrifício diário (o *tamid*) de um conjunto de dois que eram oferecidos diariamente no templo (Ex 29,39-42; *Ant. Jud.* XIV,65).

<sup>s</sup> Lit.: *desde o ventre de sua mãe*.

<sup>t</sup> A estrutura deste relato é semelhante à de outros nos evangelhos: introdução e apresentação da situação (vv.1-5), o gesto (vv.6s), a cura (v.8), e a reação dos presentes (vv.9s). Esta cura é realizada junto à porta dita *Formosa*, provavelmente a porta de Nicanor (feita de bronze), que ficava na parte oriental do santuário e que separava o átrio das mulheres do átrio dos gentios (*Ant. Jud.* XV,11.5; *Bell. Jud.* V,5,2-5). A condição deste homem obrigava-o a mendigar, e excluía-o do acesso ao templo (*yShab* 6,8). Juntamente com a oração e o jejum, a esmola era uma das obras do tripé da piedade judaica (cf. Tb 4,7-11; 12,8s; Sir 3,30; 12,3; Mt 6,2ss; *mAvot* 1,2; *AvotRN* 4; *bBer* 5b; *Or. Sib.* II,78s; *Did.* 15,4).

<sup>u</sup> Lit.: *ele*.

### Discurso de Pedro no templo

<sup>11</sup>E como ele continuava agarrado a Pedro e a João, todo o povo, estupefacto, acorreu a ter com eles, no chamado Pórtico de Salomão<sup>a</sup>. <sup>12</sup>Ao ver isto, Pedro dirigiu-se ao povo<sup>b</sup>, dizendo<sup>c</sup>: «Homens de Israel, porque vos admirais com isto? Ou porque estais a olhar assim para nós, como se tivesse sido pelo nosso próprio poder e piedade que fizemos este homem andar?

<sup>13</sup>O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus dos nossos pais<sup>d</sup> glorificou o seu servo<sup>e</sup> Jesus, que vós entregastes e renegastes diante de Pilatos, que tinha decidido soltá-lo. <sup>14</sup>Vós renegastes o santo e o justo e pedistes que vos fosse entregue um assassino<sup>f</sup>. <sup>15</sup>Matastes o autor da vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos. E nós somos testemunhas disso. <sup>16</sup>Foi o nome de Jesus<sup>g</sup>, isto é, a fé no seu nome, que restabeleceu este homem que vós vedes e conheceis<sup>h</sup>; foi a fé que vem por Jesus que o curou completamente, na presença de todos vós. <sup>17</sup>Ora, irmãos, eu sei que agistes por ignorância, como também os vossos chefes. <sup>18</sup>Mas deste modo, Deus realizou o que antecipadamente tinha anunciado pela boca de todos os profetas, isto é, que o seu Cristo<sup>i</sup> haveria de sofrer. <sup>19</sup>Portanto, convertei-vos, mudai de vida, para que os vossos pecados sejam apagados, <sup>20</sup>de modo a que venham tempos de conforto<sup>j</sup> da parte do Senhor, e Ele envie Jesus, o Cristo que vos estava destinado. <sup>21</sup>É necessário que o céu o acolha até aos tempos da restauração universal, sobre os quais Deus falou desde sempre pela boca dos seus santos profetas.

<sup>22</sup>De facto, Moisés disse<sup>k</sup>: «O Senhor, vosso<sup>l</sup> Deus, fará surgir, do meio dos vossos irmãos, um profeta como eu; escutá-lo-eis em tudo quanto vos disser. <sup>23</sup>E todo aquele<sup>m</sup> que não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo»<sup>n</sup>. <sup>24</sup>E todos os profetas, desde Samuel até àqueles que falaram depois, também eles anunciaram estes dias. <sup>25</sup>Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com os vossos<sup>o</sup> pais, quando disse a Abraão: «Na tua descendência, serão abençoadas todas as famílias da

<sup>a</sup> O Pórtico de Salomão era uma colunata que se estendia por todo o lado oriental da esplanada do templo.

<sup>b</sup> Este discurso apresenta uma estrutura comum a outros discursos: introdução (v.12), querigma (vv.13-16), apelo à conversão (vv.17-21) e fundamentação bíblica (vv.22-26).

<sup>c</sup> Dizendo é acrescento da tradução.

<sup>d</sup> Ex 3,6.15s.

<sup>e</sup> Ou o seu filho (lit.: criança).

<sup>f</sup> Lit.: homem assassino.

<sup>g</sup> Jesus é acrescento da tradução em ambas as ocorrências no v.

<sup>h</sup> Lit.: e pela fé no seu nome, este que vedes e conheceis, o seu nome tornou firme.

<sup>i</sup> Palavra grega que traduz o hebraico *Messias*, que em português significa *Ungido*.

<sup>j</sup> Em Israel este período concluir-se-ia com a vinda do Messias (4Esd 11,37-12,3; 2Br 73), que Lucas identifica com a parusia de Jesus.

<sup>k</sup> Alguns mss. acrescentam aos (nossos) pais.

<sup>l</sup> Alguns mss. leem nosso.

<sup>m</sup> Lit.: toda a alma.

<sup>n</sup> Citações de partes de Dt 18,1-18 e Lv 23,29, que Pedro aplica a Jesus. A referência original à penitência no dia do Yom Kippur em Lv 23,29 é substituída por Lucas pela expressão *não escutar esse profeta*.

<sup>o</sup> Vários mss. leem nossos.

terra»<sup>p</sup>. <sup>26</sup>Depois de ressuscitar o seu servo<sup>q</sup>, foi a vós, em primeiro lugar, que Deus o enviou, a fim de vos abençoar, afastando cada um de vós das suas iniquidades».

#### 4 Pedro e João perante o sinédrio<sup>r</sup>

<sup>1</sup>Pedro e João estavam ainda a falar ao povo<sup>s</sup>, quando surgiram diante deles os sacerdotes, o comandante da guarda do templo e os saduceus<sup>t</sup>, <sup>2</sup>irritados por eles andarem a ensinar o povo e a anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos. <sup>3</sup>Deitaram-lhes as mãos e puseram-nos na prisão<sup>u</sup> até ao dia seguinte, pois já era tarde. <sup>4</sup>Entretanto, muitos dos que tinham ouvido este discurso abraçaram a fé<sup>v</sup>, e o número de homens elevou-se a cerca de cinco mil.

<sup>5</sup>No dia seguinte<sup>w</sup>, reuniram-se em Jerusalém os chefes, os anciãos e os doutores da lei, <sup>6</sup>com o sumo sacerdote Anás, e com Caifás, João e Alexandre, e todos os que eram da família dos sumos sacerdotes. <sup>7</sup>Colocaram os apóstolos<sup>x</sup> no meio deles e começaram a questioná-los: «Com que poder, ou em nome de quem, é que fizestes isto?». <sup>8</sup>Então Pedro, cheio do Espírito Santo<sup>y</sup>, disse-lhes: «Chefes do povo e anciãos, <sup>9</sup>visto que nós somos hoje interrogados acerca de um benefício feito a um doente, e do modo como ele foi salvo, <sup>10</sup>que fiqueis todos vós a saber, assim como todo o povo de Israel, que foi em nome de Jesus, o Nazareno, que vós crucificastes e que Deus ressuscitou dos mortos, que tal aconteceu<sup>z</sup>: é por Ele

<sup>p</sup> Junto ao pórtico de Salomão, Pedro reinterpreta Dt 18,15-19 e Gn 22,18 e mostra como a profecia se cumpre escatologicamente em Jesus, o Filho de Deus.

<sup>q</sup> Ou *o seu filho* (lit.: *criança*).

<sup>r</sup> Este episódio está estruturado em quatro partes: efeitos do milagre e da pregação (vv.1-4); os discípulos perante as autoridades e a resposta de Pedro (vv.5-12); a deliberação do sinédrio (vv.13-17); ameaças e testemunhos (vv.18-22).

<sup>s</sup> Lit.: *falando eles para o povo*.

<sup>t</sup> Constituído maioritariamente por sacerdotes, o grupo dos saduceus controlava o templo de Jerusalém e ocupava posições influentes na sociedade. Teologicamente, consideravam-se os legítimos herdeiros da fé de Israel, recusando as interpretações farisaicas da Escritura, nomeadamente as suas ideias teológicas como a ressurreição, o julgamento final e a vida do mundo futuro. Flávio Josefo confirma esta informação de At ao dizer que os saduceus «negam a imortalidade da alma, assim como a punição ou recompensa no além» (*Bell. Jud.* II, 166) e «afirmam que as almas morrem com os corpos e insistem em nada mais observar além da Lei» (*Ant. Jud.* XVIII, 16). Sendo extremamente conservadores, os saduceus eram adversos a inovações religiosas, o que explica a sua posição perante a ideia da ressurreição dos mortos, visto que as primeiras referências explícitas a esta só ocorrem no século II a. C., nos textos de Dn 12,2 e 2Mc 7,9. No entanto, segundo a teologia clássica, acreditavam no *Sheol* (o mundo dos mortos).

<sup>u</sup> O aprisionamento destes dois apóstolos dá início a uma vaga de forte hostilidade contra a comunidade primitiva, que culminará com a sua dispersão (At 8,1) e com a proclamação do evangelho aos gentios (At 10-28).

<sup>v</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>w</sup> O grego antepõe: *aconteceu, porém, que*.

<sup>x</sup> *Os apóstolos* é acrescento da tradução.

<sup>y</sup> Este primeiro discurso de Pedro no sinédrio (vv.8-12), constitui, tal como o segundo (5,29-32), uma apologia do evangelho: o apóstolo fala inspirado pelo Espírito, o que recorda Lc 12,11s (cf. Mc 10,19).

<sup>z</sup> *Que tal aconteceu* é acrescento da tradução.

que este homem<sup>a</sup> se apresenta agora curado diante de vós. <sup>11</sup>Jesus<sup>b</sup> é a pedra que, desprezada por vós, os construtores, se tornou pedra angular<sup>c</sup>. <sup>12</sup>E em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu nenhum outro nome<sup>d</sup> dado aos homens pelo qual possamos ser salvos<sup>e</sup>».

<sup>13</sup>Vendo o desassombro<sup>f</sup> de Pedro e de João e ao dar-se conta de que eram homens iletrados e sem instrução, ficaram admirados. Reconheceram-nos como aqueles que tinham andado com Jesus, <sup>14</sup>mas, como viam de pé, com eles, o homem que tinha sido curado, nada podiam replicar. <sup>15</sup>Depois de ordenarem que saíssem do sinédrio<sup>g</sup>, começaram a deliberar entre si, <sup>16</sup>dizendo: «Que havemos de fazer a estes homens? Realizou-se por meio deles um sinal que se tornou conhecido a todos os habitantes de Jerusalém; foi de tal maneira manifesto que não o podemos negar. <sup>17</sup>Mas, para que isto não se divulgue ainda mais entre o povo, vamos ameaçá-los, de modo a que não falemos mais desse nome seja a quem for<sup>h</sup>».

<sup>18</sup>Chamaram-nos, então, e ordenaram-lhes terminantemente que não falassem nem ensinassem em nome de Jesus. <sup>19</sup>Mas Pedro e João responderam-lhes<sup>i</sup>: «Julgai vós próprios se, perante Deus, é justo obedecer antes a vós do que a Deus<sup>j</sup>. <sup>20</sup>É que nós não podemos deixar de falar sobre o que vimos e ouvimos!». <sup>21</sup>Então, depois de os ameaçarem, soltaram-nos, pois não encontravam modo de os punir, por causa do povo, visto que todos davam glória a Deus pelo que tinha acontecido. <sup>22</sup>Com efeito, o homem que ficou curado já tinha mais de quarenta anos quando nele se realizou tal sinal<sup>k</sup>.

### A oração dos crentes

<sup>23</sup>Postos em liberdade<sup>l</sup>, eles foram ter com os seus e contaram tudo quanto lhes disseram os chefes dos sacerdotes e os anciãos. <sup>24</sup>Ao ouvir isto<sup>m</sup>, todos ergueram a

<sup>a</sup> *Homem* é acrescento da tradução.

<sup>b</sup> Lit.: *Este*.

<sup>c</sup> A expressão é do Sl 118,22, uma passagem já citada pelo autor em Lc 20,17.

<sup>d</sup> O *nome* corresponde à presença viva do Ressuscitado pela mediação da graça do Espírito, e que se mostra ativo pelo poder da cura.

<sup>e</sup> Lit.: *no qual é necessário sermos salvos*.

<sup>f</sup> Esta atitude arrojada e corajosa com que os apóstolos falam (v.31) é reveladora da sua missão e da confiança que o Espírito lhes concede (cf. 2,29; 4,29.31; Paulo: 9,27; 13,46); *com total desassombro e sem impedimento* são, aliás, as últimas palavras de Lucas em At (28,31).

<sup>g</sup> O sinédrio era um conselho composto por 71 membros, presidido pelo sumo sacerdote, e constituído por três grupos: os doutores da lei (maioritariamente fariseus), os chefes (sacerdotes e funcionários do templo) e os anciãos (chefes das famílias judaicas mais importantes, provenientes maioritariamente da aristocracia dos saduceus).

<sup>h</sup> Lit.: *a nenhum dos homens*.

<sup>i</sup> Lit.: *respondendo disseram para eles*.

<sup>j</sup> O princípio de obedecer à divindade em vez de aos homens é conhecido na cultura envolvente greco-romana e judaica (cf. Platão, *Apologia* 29d; Sófocles, *Antígona* 453; Epicteto, *Diatribes* I, 30,1; Tito Lívio, XXXIX, 37,17; *4Mac* 5,16-21; *Ant. Jud.* VI, 259).

<sup>k</sup> Lit.: *o homem sobre o qual aconteceu este sinal de cura*.

<sup>l</sup> Lit.: *soltos*.

<sup>m</sup> Um importante mss. acrescenta e *reconhecendo a força de Deus*.

voz a Deus numa só alma e disseram: «Senhor, foste Tu, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe<sup>n</sup>, <sup>25</sup> que disseste pelo Espírito Santo e pela boca do nosso pai David, teu servo:

*Porque se agitaram as nações  
e os povos urdiram vãos projetos?*

<sup>26</sup>*Revoltaram-se os reis da terra  
e os príncipes aliaram-se  
contra o Senhor e contra o seu Cristo<sup>o</sup>.*

<sup>27</sup>Na verdade, Herodes e Pôncio Pilatos<sup>p</sup> uniram-se nesta cidade, juntamente com as nações e os povos de Israel, contra o teu santo servo Jesus, a quem ungieste <sup>28</sup> para realizar tudo quanto a tua mão e o teu desígnio tinham predestinado acontecer. <sup>29</sup>E agora, Senhor, olha atentamente para as suas ameaças e concede aos teus servos que possam anunciar com total desassombro a tua palavra; <sup>30</sup>estende a tua mão para que se realizem curas, sinais e prodígios, pelo nome do teu santo servo Jesus».

<sup>31</sup>Quando eles acabaram de rezar, tremeu<sup>q</sup> o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com desassombro a palavra de Deus<sup>f</sup>.

### Partilha dos bens

<sup>32</sup>A multidão dos que abraçaram a fé<sup>s</sup> tinha um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu nenhum dos seus bens; pelo contrário, tinham tudo em comum<sup>t</sup>. <sup>33</sup>Os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus<sup>u</sup>, com grande poder, e gozavam todos de uma grande simpatia. <sup>34</sup>Não havia entre eles qualquer necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, levavam o produto das vendas <sup>35</sup>e colocavam-no aos pés dos apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um, conforme as necessidades que tivesse. <sup>36</sup>Assim, José, um levita natural de Chipre<sup>v</sup> que os apóstolos chamavam Barnabé<sup>w</sup> – que significa «Filho da Conso-

<sup>n</sup> Sl 146,6 e Ex 20,11.

<sup>o</sup> Sl 2,1s. Sobre *Cristo (Ungido)*, cf. 3,18 nota.

<sup>p</sup> Do salmo citado, Lucas estabelece um paralelismo entre Herodes e Pilatos na paixão de Jesus (Lc 23,12) e as autoridades (os reis da terra) que prenderam os apóstolos, significando assim que a história da salvação continua apesar das contrariedades, também experimentadas por Israel no tempo dos profetas (cf. Is 37,16-20; 2Rs 19,16-19).

<sup>q</sup> O tremor de terra era um dos sinais da manifestação de Deus (cf. Ex 19,18; Am 9,1; Sl 18,8; 68,9; Sir 43,13; *Ant. Jud.* IV,51; VII,76; *Test Lev* 3,9).

<sup>r</sup> Alguns mss. acrescentam a *todo aquele que deseja acreditar*.

<sup>s</sup> Lit.: *dos que acreditaram* (cf. 2,44 nota). Os vv.32-37 constituem o terceiro dos sumários de At.

<sup>t</sup> A expressão talvez evoque o ideal platónico da comunhão comunitária (Platão, *Resp* III,416d; IV,424a; V,449c.464) e que Lucas interpreta como a superação da pobreza em Israel (Dt 15,4) nos vv.34s. Esta partilha acontece porque tinham um só coração e uma só alma, tal como Israel rezava na oração do *Shemá* (cf. Dt 6,5). Deste modo Lucas consegue ser compreendido quer por gregos quer por judeus, fundindo a expressão helénica *uma só alma* (cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* IX, 8, 1168b) com o binómio bíblico *coração/alma*.

<sup>u</sup> Vários mss. acrescentam *Cristo*.

<sup>v</sup> Lit.: *cipriota no nascimento*.

<sup>w</sup> Barnabé é referido por Paulo como um seu colaborador (Gl 2,1.9.13; 1Cor 9,6).

lação» –, <sup>37</sup>vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e colocou-o aos pés dos apóstolos.

## **S** Fraude de Ananias e Safira

<sup>1</sup>Um certo homem, chamado Ananias, com a sua mulher Safira<sup>a</sup>, vendeu uma propriedade <sup>2</sup>e, com a conivência da mulher, ficou com uma parte do valor para si<sup>b</sup>. Levando, então, o restante, colocou-o aos pés dos apóstolos. <sup>3</sup>Disse-lhe Pedro: «Ananias, porque encheu Satanás o teu coração, a ponto de mentires ao Espírito Santo e ficares com uma parte do valor do terreno? <sup>4</sup>Ele não continuaria a ser teu, se não o vendesses? E mesmo depois de o teres vendido, o dinheiro não era teu para fazeres o que entendesses<sup>d</sup>? Porque congeminaste um tal plano no teu coração? Não foi aos homens que mentiste, mas a Deus». <sup>5</sup>Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu morto. E um grande temor apoderou-se de todos os que estavam a ouvir isto. <sup>6</sup>Vieram, então, os mais novos, envolveram-no num lençol<sup>c</sup> e levaram-no a sepultar. <sup>7</sup>Cerca de três horas<sup>f</sup> depois, entrou também a sua mulher, que não sabia do sucedido. <sup>8</sup>Perguntou-lhe Pedro: «Diz-me: foi por este valor<sup>g</sup> que vendestes o campo?». Ela respondeu: «Sim, foi por esse valor». <sup>9</sup>Então Pedro disse-lhe: «Porque vos pusestes de acordo para tentardes o Espírito do Senhor? Eis que já se ouvem à porta os passos daqueles que sepultaram o teu marido<sup>h</sup>; eles levar-te-ão também a ti». <sup>10</sup>Nesse mesmo instante, ela caiu morta a seus pés. Quando os jovens entraram, encontraram-na já morta e levaram-na a sepultar junto do seu marido. <sup>11</sup>Um grande temor apoderou-se, então, de toda a Igreja<sup>i</sup> e de todos os que ouviram falar disto.

## **Sinais e prodígios dos apóstolos**

<sup>12</sup>Realizavam-se, pelas mãos dos apóstolos, muitos sinais e prodígios entre o povo<sup>j</sup>. Todos se reuniam com o mesmo sentimento no Pórtico de Salomão. <sup>13</sup>E, embo-

<sup>a</sup> Este episódio relata a primeira crise que se conhece na história do cristianismo das origens, reportando um pecado original na comunidade. Lucas estabelece um paralelismo entre os inícios da vida da Igreja (Pentecostes em At 2, seguido desta tentação em At 5) e o ministério de Jesus (batismo, seguido das tentações: Lc 3,21s; 4,1-13), para mostrar que com facilidade o mal se pode tornar presente no meio da comunidade. O pecado de Ananias e Safira é do foro económico, como serão as queixas dos helenistas em At 6. Com estes episódios Lucas pretende mostrar também que a partilha dos bens é constituinte da própria essência ontológica da Igreja, porque faz parte da ética dos batizados.

<sup>b</sup> Possível evocação do pecado de Acan em Js 7,1 (LXX) que, por ganância, reteve para si uma parte dos despojos de guerra que pertenciam a todo o povo.

<sup>c</sup> Lit.: *não permaneceria para ti o permanecido?*

<sup>d</sup> Lit.: *e o vendido existiria para ti no teu poder.*

<sup>e</sup> *Num lençol* é acresceto da tradução.

<sup>f</sup> O grego antepõe: *mas aconteceu que.*

<sup>g</sup> Lit.: *foi por tanto* (nas duas ocorrências no v.).

<sup>h</sup> Lit.: *eis os pés dos que sepultaram o teu homem à porta.*

<sup>i</sup> É a primeira ocorrência em At do termo *Igreja*, que neste v. se refere à comunidade local. Uma outra hipótese de tradução possível seria *assembleia*.

<sup>j</sup> Este quarto sumário, ao contrário dos anteriores (1,14 2,42-47; 4,32-35), não aborda a vida interna da comunidade, mas a ação dos apóstolos num contexto mais alargado.

ra nenhum dos outros ousasse juntar-se a eles, o povo continuava a enaltecê-los. <sup>14</sup>Aumentava cada vez mais o número dos que acreditavam no Senhor, uma multidão de homens e mulheres, <sup>15</sup>de tal modo que traziam os doentes para as praças, pondo-os sobre catres e enxergas, a fim de que à passagem de Pedro ao menos a sua sombra cobrisse algum deles. <sup>16</sup>Acorria também uma multidão vinda das cidades vizinhas de Jerusalém, trazendo doentes e pessoas atormentadas por espíritos impuros, e todos eram curados.

### Segunda prisão e libertação dos apóstolos<sup>k</sup>

<sup>17</sup>Interveio, então, o sumo sacerdote e todos os do seu grupo, isto é, a fação dos saduceus. Cheios de inveja<sup>l</sup>, <sup>18</sup>deitaram as mãos aos apóstolos e meteram-nos na prisão pública. <sup>19</sup>Mas, durante a noite, um anjo do Senhor abriu as portas da prisão, conduziu-os para fora e disse: <sup>20</sup>«Ide apresentar-vos no templo e falai ao povo sobre todas estas palavras de vida<sup>m</sup>». <sup>21</sup>Tendo ouvido isto, eles entraram no templo logo ao amanhecer e começaram a ensinar. Entretanto, chegou o sumo sacerdote e os do seu grupo. Convocaram o sinédrio, isto é, todo o senado dos filhos de Israel<sup>n</sup>, e mandaram buscar os apóstolos ao cárcere. <sup>22</sup>Porém, ao chegar lá, os guardas não os encontraram na prisão e, regressando, reportaram o caso<sup>o</sup>, <sup>23</sup>dizendo: «Encontrá-  
mos o cárcere fechado com toda a segurança e os guardas de sentinela à porta, mas, quando a abrimos, não encontramos ninguém lá dentro». <sup>24</sup>Quando ouviram estas palavras, o comandante da guarda do templo e os chefes dos sacerdotes perguntavam-se, perplexos<sup>p</sup>, o que teria acontecido. <sup>25</sup>Entretanto, chegou alguém que lhes contou: «Os homens<sup>q</sup> que metestes na prisão estão no templo a ensinar o povo». <sup>26</sup>O comandante saiu, então, com os guardas e trouxe os apóstolos<sup>r</sup>, mas sem violência, pois tinham medo de serem apedrejados pelo povo.

<sup>27</sup>Trouxeram-nos e apresentaram-nos ao sinédrio. O sumo sacerdote interrogou-os, <sup>28</sup>dizendo: «Demos-vos ordens explícitas para que não ensinásseis nesse tal nome, e eis que enchestes Jerusalém com os vossos ensinamentos, e quereis fazer recair sobre nós o sangue desse homem<sup>s</sup>». <sup>29</sup>Pedro e os apóstolos responderam<sup>t</sup>: «Deve obedecer-se antes a Deus do que aos homens. <sup>30</sup>O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes,

<sup>k</sup> Esta secção está dividida em cinco partes: prisão dos apóstolos pelo sinédrio, tal como em 4,1-22 (vv.17s); libertação dos prisioneiros (vv.19-26); comparência diante do sinédrio (vv.27-32); intervenção de Gamaliel (vv.33-40); alegria perante o sofrimento (vv.41s).

<sup>l</sup> Lit.: *levantando-se... foram enchidos de inveja*.

<sup>m</sup> Lit.: *de todas as palavras desta vida*.

<sup>n</sup> Cf. 4,15 nota. *Senado* e *sinédrio* são termos sinónimos; trata-se de uma explicação para não judeus (4,5).

<sup>o</sup> Lit.: *anunciaram*.

<sup>p</sup> Lit.: *ficaram perplexos acerca delas [as palavras]*.

<sup>q</sup> O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

<sup>r</sup> Lit.: *trouxe-os*.

<sup>s</sup> *Fazer recair o sangue* é uma expressão semita que significa responsabilizar alguém pela morte de uma pessoa (cf. Lv 20,9; Dt 19,10; Jz 9,24; 2Sm 1,16; Ez 18,13).

<sup>t</sup> Lit.: *respondendo, porém, Pedro e os apóstolos disseram*. O segundo discurso de Pedro perante o sinédrio concretiza o que fora profetizado em Lc 21,13 (cf. Mc 13,9) e a sua frase inicial talvez evoque o impe-

suspendendo-o num madeiro. <sup>31</sup>Deus elevou-o à sua direita, como Príncipe e Salvador<sup>a</sup>, a fim de conceder a Israel a conversão e o perdão dos pecados. <sup>32</sup>E nós somos testemunhas disto, nós e o Espírito Santo que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem».

### A intervenção de Gamaliel

<sup>33</sup>Ao ouvir isto, ficaram furiosos e queriam matá-los. <sup>34</sup>Levantou-se, então, no sínédrio, um certo fariseu, chamado Gamaliel<sup>b</sup>, um mestre da lei estimado por todo o povo, mandou sair os apóstolos<sup>c</sup> por uns momentos <sup>35</sup>e disse-lhes: «Homens de Israel, tende cuidado com o que estais para fazer a estes homens. <sup>36</sup>Há tempos, surgiu Teudas, que afirmava ser alguém importante<sup>d</sup>, e a ele se juntaram cerca de quatrocentos homens. Foi morto, e todos os que se tinham deixado convencer por ele foram dispersos, ficando reduzidos a nada. <sup>37</sup>Depois dele, nos dias do recenseamento, surgiu Judas, o Galileu<sup>e</sup>, que arrastou o povo atrás de si. Também ele morreu, e todos os que se tinham deixado convencer por ele foram dispersos. <sup>38</sup>Portanto, é isto o que agora vos digo: não importuneis estes homens e deixai-os ir, porque, se este plano ou esta obra tiver uma origem humana<sup>f</sup>, será destruída, <sup>39</sup>mas, se vier de Deus, não podereis destruí-la, e correis até o risco de estar a lutar contra Deus<sup>g</sup>». Eles aceitaram o seu conselho<sup>h</sup> <sup>40</sup>e, depois de terem chamado os apóstolos e de os terem mandado açoitarem, ordenaram-lhes que não falassem no nome de Jesus e soltaram-nos.

<sup>41</sup>Os apóstolos<sup>i</sup> saíram, então, da presença do sínédrio cheios de alegria, por terem sido considerados dignos de ser ultrajados<sup>j</sup> por causa do nome de Jesus<sup>k</sup>. <sup>42</sup>E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a boa nova de que Jesus era o Cristo<sup>l</sup>.

---

rativo de Sócrates (Platão, *Apologia* 29d: «Homens de Atenas, respeito-vos e amo-vos, mas obedecerei antes ao deus do que aos homens»).

<sup>a</sup> Lucas estabelece um paralelismo entre Moisés e Cristo, apresentando este último como o *Salvador* (cf. Heb 2,10; 12,2), aplicado a Deus em Lc 1,47 e a Jesus em Lc 2,11; At 5,31; 13,23.

<sup>b</sup> Gamaliel I ensinou em Jerusalém na primeira metade do séc. I d.C., tendo o apóstolo Paulo frequentado a sua escola (22,3).

<sup>c</sup> Lit.: *os homens*.

<sup>d</sup> Lit.: *dizendo ser ele próprio alguém*. Segundo Flávio Josefo (*Ant. Jud.* XX, 97-99), Teudas era um mágico messiânico contemporâneo de Paulo, que exerceu a sua atividade no período do procurador Cúspio Fado (44-46 d.C.), c. de uma década depois de Gamaliel; apresentava-se como profeta e possuidor dos poderes de Moisés, afirmando que dividiria as águas e que conduziria o povo à travessia do Jordão, tal como fez Josué (Js 3).

<sup>e</sup> Judas, o Galileu é apresentado por Flávio Josefo (*Bell. Jud.* II, 56.117.433; *Ant. Jud.* XVIII, 4-10; XX, 102) como contemporâneo de Teudas e líder do movimento zelota na altura do recenseamento do governador Quirino (cf. Lc 2,1s), movimento esse que resistia à presença dos romanos na terra de Israel e à sua cobrança de impostos.

<sup>f</sup> Lit.: *se [vem] da parte dos homens*.

<sup>g</sup> Lit.: *não aconteça que sejais encontrados [como] lutadores contra Deus*.

<sup>h</sup> Lit.: *foram persuadidos por ele*.

<sup>i</sup> Lit.: *eles*.

<sup>j</sup> Cumpre-se, assim, a bem-aventurança de Lc 6,22s.

<sup>k</sup> *De Jesus* é acresceto da tradução.

<sup>l</sup> Ou *anunciar como boa nova o Cristo Jesus*.

## 6 A eleição dos sete diáconos<sup>m</sup>

<sup>1</sup>Naqueles dias, ao multiplicar-se o número de<sup>n</sup> discípulos, os helenistas começaram a murmurar contra os hebreus<sup>o</sup>, porque as suas viúvas eram negligenciadas no serviço da assistência diária<sup>p</sup>. <sup>2</sup>Os Doze convocaram, então, o grupo dos discípulos<sup>q</sup> e disseram: «Não é bom deixarmos de lado a palavra de Deus para servirmos às mesas<sup>r</sup>. <sup>3</sup>Escolhei entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, a quem encarregaremos dessa necessidade<sup>s</sup>. <sup>4</sup>Quanto a nós, dedicar-nos-emos à oração e ao ministério da Palavra». <sup>5</sup>A proposta agradou a todo o grupo, e escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau<sup>t</sup>, prosélito<sup>u</sup> de Antioquia. <sup>6</sup>Estes foram apresentados aos apóstolos que, depois de rezar, lhes impuseram as mãos<sup>v</sup>. <sup>7</sup>A palavra de Deus<sup>w</sup> ia crescendo; o número dos discípulos multiplicava-se<sup>x</sup> consideravelmente em Jerusalém, e um grande grupo<sup>y</sup> de sacerdotes passou a obedecer à fé.

### Prisão de Estêvão<sup>z</sup>

<sup>m</sup> Este episódio adota a estrutura típica de uma narrativa de resolução de conflito: exposição da crise (v.1); proposta de resolução (vv.2ss); execução da resolução (v.5s); constatação da execução (v.7).

<sup>n</sup> O número de é crescimento da tradução.

<sup>o</sup> A comunidade primitiva era constituída por *hebreus* e *helenistas*, com mentalidades e posicionamentos resultantes da sua diferente educação no judaísmo. Os *helenistas* provinham da diáspora e falavam grego, enquanto os *hebreus* pertenciam à tradição palestina, que tendia para um cumprimento mais rigoroso da Lei e das tradições, e falavam aramaico ou hebraico. Esta dupla sensibilidade originava tensões na comunidade.

<sup>p</sup> Lit.: *na diaconia quotidiana*.

<sup>q</sup> Lit.: *a multidão dos discípulos*. É a primeira vez em At que o termo *discípulo*, no plural, se refere à Igreja na sua totalidade.

<sup>r</sup> O serviço das mesas poderá evocar o esforço da comunidade em proporcionar alimento aos mais pobres e necessitados, tal como no *TestJb* 10,1-11,4 e na *Did.* 11,9.

<sup>s</sup> A escolha destes diáconos segue o modelo do AT (Gn 41,29-43; Ex 18,13-26; Dt 1,9-18), à imagem de Moisés, que também mandou escolher juizes e colaboradores. O *sete* simboliza a plenitude e é também o número evocativo da totalidade das sete nações que são prometidas a Israel como conquista (cf. Dt 7,1s); poderá ainda ter sido inspirado no número de elementos que constituíam o conselho judaico da cidade (Dt 16,18; cf. *Ant. Jud.* IV,214.287; *yMegg* 3,2; Dio Cássio, XLIII,51).

<sup>t</sup> O facto de os nomes serem gregos indica que foram escolhidos dentro do grupo helenista da comunidade.

<sup>u</sup> Cf. 2,11 nota.

<sup>v</sup> O gesto da *imposição das mãos* é um ritual judaico pelo qual se iniciava alguém numa nova missão e se concedia poderes para tal (Nm 27,18-23). Esse gesto de bênção e de transmissão de autoridade era já uma prática eclesial no tempo de Lucas (cf. 1Tm 4,14; 5,22; 2Tm 1,6).

<sup>w</sup> Alguns mss. leem *Senhor*.

<sup>x</sup> O crescimento e a multiplicação evocam a bênção sobre a criação (Gn 1,22.28; 8,17; 17,20) e o povo da aliança (Gn 9,1.7; 28,3; 35,11; 47,27; 48,4; Ex 1,7; Lv 26,9; Jr 3,16; 23,3). Lucas é o único a falar do crescimento da palavra de Deus, o que recorda a parábola do semeador (Lc 8,4-8.15). Deste modo, a comunidade cristã é apresentada como uma criatura da Palavra.

<sup>y</sup> Lit.: *multidão*.

<sup>z</sup> Lucas estabelece um paralelismo com a paixão de Cristo, pois, tal como Jesus, Estêvão (o primeiro mártir cristão) foi preso com violência (Lc 22,53; At 6,12), levado ao sínédrio (Lc 22,66; At 6,12), confrontado com falsos testemunhos (Mc 14,56; At 6,13) a propósito do templo (Mc 14,58; At 6,14), e acusado de blasfémia (Mc 14,64; At 6,11). Existe também um paralelismo com a missão de Paulo: ambos são questionados pela sua relação ao judaísmo, ao templo e à Lei (Mc 14,55-59; At 6,13; 21,28), são acusados de romper com as tradições mosaicas (6,14; 21,21), para além de realizarem prodígios (6,8; 14,3), e terem visões (9,17; 22,14.18; 26,19; 7,55).

<sup>8</sup>Entretanto, Estêvão, cheio de graça e de poder, realizava prodígios e grandes sinais entre o povo. <sup>9</sup>Então alguns membros<sup>a</sup> da sinagoga chamada dos Libertos<sup>b</sup>, dos cireneus, dos alexandrinos e de outros, da Cilícia e da Ásia, vieram discutir com Estêvão, <sup>10</sup>mas não eram capazes de fazer frente à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. <sup>11</sup>Assim, instigaram secretamente<sup>c</sup> alguns homens para que dissessem: «Ouvimo-lo proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus». <sup>12</sup>Sublevaram, deste modo, o povo, os anciãos e os doutores da lei, que, aparecendo inesperadamente, se apoderaram dele e o levaram ao sinédrio<sup>d</sup>. <sup>13</sup>Apresentaram testemunhas falsas que diziam<sup>e</sup>: «Este homem não cessa de proferir palavras contra este lugar santo e contra a Lei. <sup>14</sup>Ouvimo-lo dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos transmitiu». <sup>15</sup>Todos os que estavam sentados no sinédrio fixaram nele o olhar e viram que o seu rosto era como o rosto de um anjo.

## 7 Discurso de Estêvão<sup>f</sup>

<sup>1</sup>Perguntou-lhe, então, o sumo sacerdote: «Isto é verdade<sup>g</sup>?» <sup>2</sup>Ele afirmou: «Irmãos<sup>h</sup> e pais, escutai: o Deus da glória apareceu ao nosso pai Abraão, quando estava na Mesopotâmia, antes de ter estabelecido morada em Haran, <sup>3</sup>e disse-lhe: “*Deixa a tua terra e a tua família, e vai para a terra que Eu te indicar*”<sup>i</sup>. <sup>4</sup>Deixando, então, a terra dos caldeus, fixou morada em Haran. E daí, depois de o seu pai morrer, Deus<sup>j</sup> fê-lo emigrar para esta terra, na qual vós agora habitais. <sup>5</sup>Não lhe deu ali qualquer propriedade, nem sequer um palmo de terra<sup>k</sup>, mas prometeu-lhe *dar-lha em posse, a ele, e depois dele à sua descendência*<sup>l</sup>, embora não tivesse ainda nenhum filho. <sup>6</sup>Deus falou deste modo: “*A sua descendência habitará<sup>m</sup> em terra estrangeira,*

<sup>a</sup> *Membros* é acrescento da tradução.

<sup>b</sup> Os *libertos* eram judeus levados para a Itália como escravos (como por ex. por Pompeu, em 63 a.C.), ou descendentes de escravos, depois de emancipados pelos seus senhores.

<sup>c</sup> Ou *subornaram*.

<sup>d</sup> Cf. 4,15 nota.

<sup>e</sup> Alguns mss. mais tardios acrescentam *palavras de blasfêmia*.

<sup>f</sup> Este é o mais longo discurso em At: constitui um resumo da história da salvação e tem analogias com Jdt 6,6-18; Ne 9,6-31; Sl 105 (cf. 2Rs 17,7-18). A argumentação de Estêvão pode ser estruturada em cinco partes: relação de Deus com Abraão (vv.2-8); relação de Deus com José (vv.9-16); relação de Deus com Moisés (vv.17-43); habitação de Deus no seio do povo infiel (vv.44-50); resistência de Israel a Deus e aos seus enviados (vv.51-53).

<sup>g</sup> Lit.: *as coisas têm assim?*

<sup>h</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>i</sup> Gn 12,1. Nos vv.2s alguns detalhes não coincidem com as informações bíblicas, como é o caso da origem de Abraão na Mesopotâmia, em Ur dos caldeus (Gn 15,7; 24,7; Js 24,2s; Ne 9,7; PRE 26; GnR 39,8; Filon, *De Abr.* 62-67; Flávio Josefo *Ant. Jud.* I, 154), antes de se fixar em Haran (cf. Gn 11,31; 12,1), a migração para a terra de Canaã (Gn 11,26.32; 12,4) e o facto de no v.7 se introduzir a evocação da montanha (Horeb) de Ex 3,12 na citação de Gn 15,14.16.

<sup>j</sup> *Deus* é acrescento da tradução.

<sup>k</sup> Lit.: *e não lhe deu herança nela, nem passo de pé*.

<sup>l</sup> Gn 12,7; 15,13.

<sup>m</sup> Lit.: *será hóspede/forasteiro*.

*será escravizada e maltratada durante quatrocentos anos*<sup>n</sup>, <sup>7</sup> mas – disse Deus – “*Eu julgarei a nação de quem forem escravos. Depois disso, sairão de lá<sup>o</sup> e prestar-me-ão culto neste lugar*”<sup>p</sup>. <sup>8</sup>E deu-lhe a circuncisão como sinal de aliança<sup>q</sup>. Por isso, depois de gerar Isaac, Abraão<sup>r</sup> circuncidou-o ao oitavo dia, Isaac fez o mesmo a Jacob, e Jacob aos doze patriarcas<sup>s</sup>.

<sup>9</sup>Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no, e ele foi levado para o Egito<sup>t</sup>. Mas Deus estava com ele: <sup>10</sup>livrou-o de todas as suas tribulações e concedeu-lhe graça e sabedoria diante do faraó, rei do Egito, que o constituiu governador do Egito e de toda a sua casa. <sup>11</sup>Sobreveio, então, a fome e uma grande tribulação sobre todo o Egito e sobre Canaã, e os nossos pais não encontravam alimento. <sup>12</sup>Ouvindo dizer que no Egito havia trigo, Jacob enviou uma primeira vez os nossos pais ao Egito. <sup>13</sup>Na segunda vez, José deu-se a conhecer aos seus irmãos, e a origem de José foi assim revelada ao faraó. <sup>14</sup>José mandou, então, chamar Jacob, seu pai, e toda a família, constituída por<sup>u</sup> setenta e cinco pessoas<sup>v</sup>. <sup>15</sup>Jacob desceu ao Egito e ali morreu, ele e os nossos pais. <sup>16</sup>Foram trasladados para Siquém e depositados no sepulcro que tinha sido comprado por Abraão aos filhos de Emor, em Siquém<sup>w</sup>, por um determinado preço em prata.

<sup>17</sup>À medida, porém, que se aproximava o tempo em que se haveria de cumprir a promessa que Deus fizera<sup>x</sup> a Abraão, o povo ia crescendo e multiplicando-se no Egito, <sup>18</sup>até que *subiu ao trono<sup>y</sup> do Egito um outro rei que não conhecera José*<sup>z</sup>. <sup>19</sup>Agindo com astúcia contra o nosso povo, este rei<sup>aa</sup> maltratou os nossos pais, a ponto de os obrigar a abandonar os seus recém-nascidos<sup>ab</sup>, para que não sobrevivessem.

<sup>20</sup>Foi nesse tempo que nasceu Moisés, que era belo aos olhos<sup>ac</sup> de Deus. Foi criado durante três meses na casa do pai; <sup>21</sup>porém, depois de ter sido abandonado, a filha do

<sup>n</sup> Gn 15,13s.

<sup>o</sup> *De lá* é acrescento da tradução.

<sup>p</sup> Ex 3,12.

<sup>q</sup> Lit.: *e deu-lhe aliança de circuncisão*.

<sup>r</sup> *Abraão* é acrescento da tradução.

<sup>s</sup> A circuncisão é o sinal da aliança (Gn 15,10 LXX; cf. LAB 9,13), e Abraão é apresentado como o depositário da promessa de Deus. É a única ocorrência da expressão *doze patriarcas* em toda a tradição bíblica.

<sup>t</sup> Lit.: *venderam[-no] para o Egito*.

<sup>u</sup> *Constituída por* é acrescento da tradução.

<sup>v</sup> Lucas segue neste v. a versão dos LXX de Gn 46,27; Ex 1,5; Dt 10,22, pois o TM fala em *setenta pessoas*.

<sup>w</sup> Este v. confunde o terreno de Macpela comprado por Abraão (Gn 23,17-20) com o terreno comprado por Jacob em Siquém (Gn 33,18s).

<sup>x</sup> Alguns mss. leem *anunciara*.

<sup>y</sup> *Ao trono* é acrescento da tradução.

<sup>z</sup> Ex 1,8. Os vv.17-19 seguem de perto a narrativa de Ex 1,7-10 (LXX), os vv.20-22 o texto de Ex 2,2-10, os vv.23-29 o que é apresentado em Ex 2,11-22, e os vv.30-34 o relato de Ex 3,1-10.

<sup>aa</sup> *Rei* é acrescento da tradução.

<sup>ab</sup> Lit.: *para fazer expostos os recém-nascidos deles*.

<sup>ac</sup> *Aos olhos* é acrescento da tradução. Moisés é uma personagem que prefigura Jesus e, por isso, Lucas coloca-os em paralelo, para que o leitor compreenda que a história da salvação se repete (embora em espiral) e que nada impede que Deus realize o seu plano salvador. Assim, ambos são considerados

faráó recolheu-o e criou-o como seu próprio filho. <sup>22</sup>Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios e era poderoso nas suas palavras e obras. <sup>23</sup>Quando completou quarenta anos<sup>a</sup>, surgiu-lhe no coração a vontade de<sup>b</sup> visitar os seus irmãos, os filhos de Israel. <sup>24</sup>Ao ver que um deles estava a ser agredido, defendeu e vingou o oprimido, matando o egípcio. <sup>25</sup>Ele pensava que os seus irmãos compreenderiam que era Deus quem, por suas mãos, lhes dava a salvação, mas eles não compreenderam. <sup>26</sup>De facto, no dia seguinte, Moisés encontrou dois homens a lutar e tentou reconciliá-los<sup>c</sup>, dizendo: “Homens, sois irmãos! Porque vos agredis um ao outro?” <sup>27</sup>Então o que estava a agredir o compatriota<sup>d</sup> repeliu-o, dizendo: “Quem te constituíu chefe e juiz sobre nós? <sup>28</sup>Queres tu matar-me como ontem mataste o egípcio?”<sup>e</sup> <sup>29</sup>Ao ouvir estas palavras<sup>f</sup>, Moisés fugiu e foi viver como estrangeiro para a terra de Madiã, onde gerou dois filhos.

<sup>30</sup>Passados quarenta anos, apareceu-lhe um anjo no deserto do monte Sinai, na chama de uma sarça ardente<sup>g</sup>. <sup>31</sup>Moisés ficou admirado com o que estava a ver e, ao aproximar-se para tentar perceber, surgiu a voz do Senhor: <sup>32</sup>“*Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob*”<sup>h</sup>. Moisés, a tremer, não ousava olhar. <sup>33</sup>Então o Senhor disse-lhe: “*Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra sagrada*”<sup>i</sup>. <sup>34</sup>“*Eu bem vi os maus-tratos sofridos pelo meu povo que está no Egito, ouvi os seus gemidos e desci para o libertar. Agora vem, vou enviar-te ao Egito*”<sup>j</sup>.

<sup>35</sup>Este Moisés, que eles tinham renegado quando disseram: “*Quem te constituíu chefe e juiz?*”<sup>k</sup>, foi o mesmo que Deus enviou para ser chefe e libertador, pela mão do anjo que lhe apareceu na sarça. <sup>36</sup>Foi ele quem os fez sair da terra do Egito, realizando prodígios e sinais, bem como no Mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos. <sup>37</sup>Este é o mesmo Moisés que disse aos filhos de Israel: “*Deus fará surgir para vós, de entre os vossos irmãos, um profeta como eu*”. <sup>38</sup>Foi ele quem, durante a assembleia no deserto, serviu de mediador entre o anjo<sup>l</sup>, que lhe falava no monte Sinai, e os nossos pais; foi ele quem recebeu palavras de vida para no-las<sup>m</sup> entregar. <sup>39</sup>Foi a

---

como uma visita de Deus a Israel (Lc 1,68.78; 7,16; At 7,23), qualificados como poderosos em palavras e em obras (Lc 24,19; At 7,22), incompreendidos pelo povo (At 7,27ss.35.39ss) e portadores da paz (Lc 2,14; At 7,26; 10,36); de igual modo, vários títulos cristológicos são também atribuídos a Moisés (chefe: At 7,27; 5,31; juiz: At 7,27; 10,42; libertador: At 7,35; Lc 1,68; 2,38; 24,21).

<sup>a</sup> Sobre o número *quarenta*, cf. 1,3 nota.

<sup>b</sup> Lit.: *subiu ao seu coração*.

<sup>c</sup> Lit.: *apareceu aos que lutavam e reconciliou-os para paz*.

<sup>d</sup> Lit.: *próximo*, expressão que, na mentalidade judaica, se referia apenas àqueles que pertenciam ao povo de Israel.

<sup>e</sup> Ex 2,14 (LXX).

<sup>f</sup> Lit.: *nesta palavra*.

<sup>g</sup> Lit.: *de fogo*.

<sup>h</sup> Ex 3,6.

<sup>i</sup> Ex 3,5.

<sup>j</sup> Ex 3,7s.10.

<sup>k</sup> Ex 2,14 (LXX).

<sup>l</sup> Lit.: *esteve com o anjo*.

<sup>m</sup> Vários mss. leem *vos*.

ele que os nossos pais não quiseram obedecer; pelo contrário, repeliram-no e, nos seus corações, voltaram para o Egito<sup>n</sup> 40 quando disseram a Aarão: “*Faz-nos deuses que caminhem à nossa frente, pois esse Moisés que nos fez sair da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu*”<sup>o</sup>. 41 E, nesses dias, fizeram um bezerro, ofereceram um sacrifício ao ídolo e festejaram alegremente a obra feita pelas suas próprias mãos<sup>p</sup>. 42 Então Deus afastou-se e deixou-os entregues ao culto dos astros do céu<sup>q</sup>, tal como está escrito no livro dos Profetas:

*“Porventura me ofereceste vítimas e sacrifícios, durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel?*

*43 Levastes convosco a tenda de Moloc e a estrela do vosso deus Refã,*

*figuras que fizestes para as poderes adorar!*

*Por isso, vou deportar-vos para lá da Babilónia”<sup>r</sup>.*

44 A tenda do testemunho esteve com os nossos pais no deserto, tal como tinha ordenado Aquele que disse a Moisés que a construísse, de acordo com o modelo que tinha visto<sup>s</sup>. 45 Depois de a terem recebido, os nossos pais introduziram-na, sob o comando de Josué, no território pertencente aos pagãos<sup>t</sup>, que Deus expulsou da presença dos nossos pais, e ali ficou<sup>u</sup> até aos dias de David. 46 David encontrou graça diante de Deus e pediu que lhe fosse permitido encontrar uma morada para o Deus de Jacob<sup>v</sup>. 47 Mas foi Salomão quem lhe construiu uma casa. 48 O Altíssimo, no entanto, não habita no que é feito por mãos humanas<sup>w</sup>, tal como diz o profeta:

*49 “O céu é o meu trono,*

*e a terra o estrado dos meus pés.*

*Que casa me haveis de construir?” – diz o Senhor –*

*“Ou qual será o lugar do meu repouso?*

*50 Não foi a minha mão que fez todas estas coisas?”<sup>x</sup>.*

<sup>n</sup> Os vv.39-41 desenvolvem a semelhança entre a rejeição de Moisés por parte do povo de Israel e a rejeição de Jesus.

<sup>o</sup> Ex 32,1.23.

<sup>p</sup> Lit.: *a obra das suas mãos*.

<sup>q</sup> Lit.: *do exército do céu*, i.e., dos astros, de que fala o v. seguinte.

<sup>r</sup> Am 5,25-27 (LXX). A citação, que denuncia a idolatria de Israel, substitui Damasco por Babilónia.

<sup>s</sup> A tenda de Israel no deserto, a que se seguiu o templo de Salomão, foi construída segundo o modelo desejado por Deus e revelado a Moisés (Ex 25,8s.40; cf. 27,21; 28,43; 33,7; Nm 1,50; 12,4; Dt 31,14); esta tenda prefigurava a tenda celeste, na qual Jesus entrou como sumo sacerdote (Heb 8,5).

<sup>t</sup> Lit.: *com Josué, na posse dos pagãos*.

<sup>u</sup> *Ali ficou* é acrescido da tradução.

<sup>v</sup> Apesar de outros mss. apresentarem *para a casa de Jacob*, inclusivamente NA<sup>28</sup>, a lição presente, que também surge em muitos mss. e consistentes, parece fazer mais sentido tendo em conta os vv.47s.

<sup>w</sup> *Humanas* é acrescido da tradução. Na tradição judaica o templo é elogiado, mas, perante a grandeza de Deus, a sua importância é também relativizada (cf. 1Rs 8,27; 2Cr 6,18; 2Mac 14,33ss; *Spec. Leg.* I,166; *Ant. Jud.* VIII,107ss; *11QT*). Estêvão não critica o templo como tal, mas a noção de que este seja a residência de Deus, ideia que partilha com os helenistas do judaísmo da diáspora.

<sup>x</sup> Is 66,1s.

<sup>51</sup>Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvido<sup>a</sup>, vós resistis sempre ao Espírito Santo. Tal como eram os vossos pais, assim sois vós também. <sup>52</sup>A qual dos profetas é que os vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que antecipadamente tinham anunciado a vinda do Justo, do qual agora vós fostes traidores e assassinos, <sup>53</sup>vós que recebestes a Lei por intermédio de anjos<sup>b</sup> e não a observastes».

### Martírio de Estêvão<sup>c</sup>

<sup>54</sup>Ao ouvirem tais coisas, estremeçiam de fúria em seus corações e rangiam os dentes contra Estêvão<sup>d</sup>. <sup>55</sup>Mas ele, cheio do Espírito Santo, olhando fixamente para o céu, viu a glória de Deus e Jesus, de pé, à direita de Deus, <sup>56</sup>e disse: «Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem<sup>e</sup>, de pé, à direita de Deus». <sup>57</sup>Então eles puseram-se a gritar com voz forte e taparam os ouvidos; depois atiraram-se contra ele, <sup>58</sup>lançaram-no para fora da cidade<sup>f</sup> e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas<sup>g</sup> colocaram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo<sup>h</sup>. <sup>59</sup>Enquanto o apedrejavam, Estêvão rezava e dizia: «Senhor Jesus, recebe o meu espírito». <sup>60</sup>Depois, pôs-se de joelhos e gritou com voz forte: «Senhor, não lhes tenhas em conta este pecado». Dito isto, adormeceu no Senhor<sup>i</sup>.

### 8 Perseguição e dispersão dos crentes

<sup>1</sup>Saulo estava de acordo com a sua execução. Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja que estava em Jerusalém e todos se dispersaram pelas regiões da Judeia e da Samaria, à exceção dos apóstolos. <sup>2</sup>Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram um profundo luto por ele. <sup>3</sup>Saulo, por sua vez, devastava a Igreja: ia de casa em casa, arrastava homens e mulheres e metia-os na prisão.

<sup>a</sup> A imagem da incircuncisão é usada na tradição judaica para denunciar o abandono da Torá e a idolatria de Israel (cf. Jr 6,10; 4,4; 9,25; Lv 26,41; Ez 44,7-9; 1QS 5,5; 1QpHab 11,13; Bell. Jud. I, 34; Ant. Jud. XX, 45).

<sup>b</sup> Lit.: *em prescrições de anjos*.

<sup>c</sup> Lucas descreve o martírio de Estêvão num estreito paralelismo com a paixão de Jesus: ambos são martirizados após um processo iníquo diante do sinédrio (At 6,12ss; Lc 22,66-71), falam nessa ocasião do Filho do Homem (At 7,55s; Lc 22,69), morrem gritando com voz forte (At 7,60; Lc 23,46) e entregando o espírito (At 7,59b; Lc 23,46b), pedem o perdão para os seus algozes (At 7,60b; Lc 23,34), e o seu corpo é objeto de cuidado por parte de judeus piedosos (At 8,2; Lc 23,50-53).

<sup>d</sup> Lit.: *ele*.

<sup>e</sup> Sobre a expressão, cf. Mc 2,6 nota.

<sup>f</sup> Segundo a Lei (Lv 24,14; Nm 15,35s; mSanb 6,1), o apedrejamento deveria ser feito fora da cidade, pois o condenado era considerado impuro.

<sup>g</sup> Ou seja, as falsas testemunhas de 6,13s.

<sup>h</sup> Esta é a primeira referência ao apóstolo; mais tarde ele próprio fará referência ao seu comportamento aquando do martírio de Estêvão (cf. 22,20; 26,10).

<sup>i</sup> *No Senhor* é acrescento da tradução.

## II – A EXPANSÃO DO EVANGELHO E DA IGREJA NA JUDEIA E SAMARIA (8,4-12,25)

### A evangelização da Samaria por Filipe<sup>j</sup>

<sup>4</sup>Entretanto, aqueles que se tinham dispersado andaram de terra em terra, anunciando a palavra do evangelho. <sup>5</sup>Foi assim que Filipe, tendo descido a uma cidade da Samaria, começou a anunciar-lhes Cristo. <sup>6</sup>As multidões aderiam unanimemente ao que era dito por Filipe, ao ouvi-lo falar e ao verem os sinais que realizava. <sup>7</sup>De facto, muitos espíritos impuros, gritando com voz forte, saíam daqueles em quem se encontravam<sup>k</sup>, e muitos paralíticos e coxos foram curados. <sup>8</sup>E houve uma grande alegria naquela cidade.

<sup>9</sup>Ora, nessa mesma cidade encontrava-se um certo homem, chamado Simão<sup>l</sup>, que praticava magia e deixava o povo da Samaria espantado. Afirmando ser alguém importante<sup>m</sup>, <sup>10</sup>todos lhe prestavam atenção, do mais pequeno ao maior, e diziam: «Este homem é a força de Deus, aquela a que se chama grande». <sup>11</sup>Prestavam-lhe atenção, porque há muito tempo os deixava espantados com as suas magias. <sup>12</sup>Mas quando acreditaram em Filipe, que lhes anunciava a boa nova acerca do Reino e do nome<sup>n</sup> de Jesus Cristo, tanto homens como mulheres começaram a ser batizados. <sup>13</sup>O próprio Simão acreditou e, depois de ser batizado, começou a andar sempre com Filipe e ficava espantado com os sinais e as grandes ações poderosas que eram realizadas.

### Pedro e João na Samaria

<sup>14</sup>Quando os apóstolos que estavam em Jerusalém ouviram dizer que a Samaria acolhera a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João. <sup>15</sup>Estes desceram até lá e rezaram pelos samaritanos<sup>o</sup>, para que recebessem o Espírito Santo, <sup>16</sup>pois o Espírito<sup>p</sup> ainda não tinha descido sobre nenhum deles; de facto, apenas tinham sido batizados no nome do Senhor Jesus. <sup>17</sup>Impunham-lhes, então, as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo.

<sup>18</sup>Ao ver que o Espírito<sup>q</sup> era concedido pela imposição das mãos dos apóstolos, Simão ofereceu-lhes dinheiro, <sup>19</sup>dizendo: «Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo». <sup>20</sup>Mas Pedro disse-lhe: «Que o teu dinheiro vá contigo para a perdição, porque pensaste que

<sup>j</sup> Até 12,25 relata-se a expansão do evangelho de Jerusalém até Antioquia, que tem como protagonistas Filipe, Pedro e João, a que se junta Saulo/Paulo.

<sup>k</sup> Lit.: *Pois [no caso de] muitos dos que tinham espíritos impuros, gritando com voz forte [eles] saíam.*

<sup>l</sup> O mágico Simão é apresentado por Justino (*Apologia* I,26) como sendo natural de Gita, na Samaria.

<sup>m</sup> Lit.: *dizendo ser ele próprio alguém grande.*

<sup>n</sup> Invocar o nome do Senhor não significa apenas recordar-se dele, mas, sobretudo, tornar presente e eficaz o seu poder.

<sup>o</sup> Lit.: *descendo, rezaram acerca deles.*

<sup>p</sup> O Espírito é acrescento da tradução.,

<sup>q</sup> Vários mss. acrescentam *Santo*.

podias comprar com dinheiro o dom de Deus<sup>a</sup>. <sup>21</sup>Neste ministério<sup>b</sup> não terás parte nem herança, pois o teu coração não é reto diante de Deus. <sup>22</sup>Arrepende-te<sup>c</sup>, portanto, desta tua perversidade e suplica ao Senhor que te seja perdoada a intenção do teu coração, <sup>23</sup>pois vejo que estás envolvido em fel amargo e nos laços da iniquidade». <sup>24</sup>Simão respondeu<sup>d</sup>: «E vós, suplicai ao Senhor por mim, para que não recaia sobre mim nada do que acabais de dizer».

<sup>25</sup>E, assim, Pedro e João<sup>e</sup>, depois de terem dado testemunho e anunciado a palavra do Senhor, regressaram a Jerusalém e iam anunciando o evangelho a muitas povoações dos samaritanos.

### Filipe e o eunuco etíope<sup>f</sup>

<sup>26</sup>Um anjo do Senhor falou, então, a Filipe, dizendo: «Levanta-te e vai para o Sul, pelo caminho que desce de Jerusalém para Gaza, o qual se encontra deserto»<sup>g</sup>. <sup>27</sup>Ele levantou-se e dirigiu-se para lá. Encontrou, então, um eunuco etíope<sup>h</sup>, que era funcionário de Candace<sup>i</sup>, rainha da Etiópia<sup>j</sup>. Tratava-se do administrador de todos os seus tesouros<sup>k</sup>, que tinha vindo a Jerusalém para adorar a Deus<sup>l</sup>. <sup>28</sup>Estava de regresso e, sentado no seu carro, lia o profeta Isaías. <sup>29</sup>O Espírito disse a Filipe: «Aproxima-te e acompanha aquele carro». <sup>30</sup>Acorrendo, Filipe ouviu-o a ler o profeta Isaías<sup>m</sup> e disse: «Será que compreendes o que estás a ler?». <sup>31</sup>Ele respondeu: «Como serei

<sup>a</sup> Este é o primeiro caso de *simonia* no NT, nome que tem a sua origem precisamente neste episódio, em Simão. Com este episódio Lucas recorda o caso de Ananias e Safira (5,1-11) e mostra que o coração humano pode ser avaliado a partir da relação que mantém com o dinheiro.

<sup>b</sup> Lit.: *nesta palavra*.

<sup>c</sup> Ou *converte-te*; trata-se do verbo que resume a atitude própria para acolher o evangelho (cf. Mt 3,2).

<sup>d</sup> Lit.: *respondendo, porém, Simão disse*.

<sup>e</sup> Lit.: *eles*.

<sup>f</sup> Este episódio tem várias semelhanças com o dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): encontro numa via que tem o seu início em Jerusalém (Lc 24,13-16; At 8,26-29); incompreensão (Lc 24,19; At 8,31); leitura cristológica das Escrituras (Lc 24,25ss; At 8,32-35); gesto sacramental (ceia em Lc 24; batismo em At 8); desaparecimento súbito (Lc 24,31; At 8,39); prosseguimento do caminho (Lc 24,33; At 8,39b).

<sup>g</sup> A iniciativa da missão é de Deus, mediada pelo Espírito (v.39; 10,19; 11,12; 13,2), ou, neste caso, por um anjo (cf. 5,19), pelo que Filipe é apenas um instrumento. Em At, os anjos surgem fundamentalmente como auxiliares da comunidade cristã (1,10; 10,3; 12,7-10.23; 27,23). Gaza, antiga cidade dos filisteus, situa-se a 80 km a sudoeste de Jerusalém; era a última cidade judaica antes do deserto, por onde passavam as caravanas para o Egito.

<sup>h</sup> Lit.: *e vêeis que um homem etíope eunuco*.

<sup>i</sup> Tal como o fazia em relação aos samaritanos, a Lei excluía os eunucos da comunidade de Israel (Dt 23,2; também *Ant. Jud.* IV,290; Fílon, *Spec. Leg.* I, 325), porque a procriação estava ligada à bênção, embora mais tarde o universalista deutero-Isaías revogue esta regra (Is 56,3ss). O eunuco era da região núbica do Sudão setentrional, entre Assuão e Cartum: o nome *Etiópia*, de origem grega, significa *face queimada*, indicando assim a tez escura dos seus habitantes. Na tradição oriental, os altos cargos da corte eram frequentemente desempenhados por eunucos.

<sup>j</sup> Lit.: *dos etíopes*.

<sup>k</sup> Lit.: *estava sobre todo o tesouro dela*.

<sup>l</sup> *A Deus* é acrescento da tradução.

<sup>m</sup> Filipe ouve o eunuco a ler o profeta Isaías, tal como Jesus o leu na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21), constituindo este mais um paralelismo entre Lc e At.

capaz de o fazer, se ninguém me guia na leitura<sup>n</sup>?». Exortou, então, Filipe a subir e a sentar-se com ele.<sup>32</sup> A passagem da Escritura que estava a ler era esta:

*Como uma ovelha, foi levado ao matadouro,  
e, como um cordeiro mudo diante de quem o tosquia,  
também ele não abriu a sua boca.*

<sup>33</sup>*Na sua humilhação, não se lhe fez justiça.*

*Quem há de falar sobre a sua descendência?*

*É que a sua vida foi arrancada da terra<sup>o</sup>.*

<sup>34</sup>O eunuco perguntou a Filipe<sup>p</sup>: «Diz-me, por favor: acerca de quem é que o profeta diz isto? Acerca de si mesmo ou de outro?». <sup>35</sup>Então, tomando a palavra e começando por esta passagem da Escritura<sup>q</sup>, Filipe anunciou-lhe o evangelho, que é Jesus<sup>f</sup>. <sup>36</sup>E, enquanto iam pelo caminho, passaram por um lugar onde havia água<sup>s</sup>, e o eunuco disse: «Eis ali água! O que me impede de ser batizado?». <sup>[37]<sup>t</sup> 38</sup>Mandou parar o carro, e ambos, Filipe e o eunuco, desceram à água<sup>u</sup>, e Filipe batizou-o. <sup>39</sup>Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou<sup>v</sup> Filipe, e o eunuco nunca mais o viu. De facto, enquanto este seguiu o seu caminho cheio de alegria, <sup>40</sup>Filipe deu por si em Azoto e, daí até Cesareia<sup>w</sup>, foi anunciando o evangelho por todas as cidades por onde passava.

## 9 A conversão de Saulo<sup>x</sup>

<sup>1</sup>Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, foi ter com o sumo sacerdote <sup>2</sup>e pediu-lhe cartas<sup>y</sup> para as sinagogas de Damasco, autori-

<sup>n</sup> Na leitura é acrescento da tradução.

<sup>o</sup> Is 53,7s (LXX). Na citação do quarto canto do servo de Javé, Lucas omite *por causa das transgressões do meu povo* (Is 53,8d), pois a sua teologia da cruz não inclui o sacrifício pelos pecados.

<sup>p</sup> Lit.: *respondendo, porém, o eunuco disse a Filipe.*

<sup>q</sup> *Passagem* é acrescento da tradução. Filipe explica as Escrituras ao eunuco, tal como Jesus o fez aos discípulos de Emaús (Lc 24,27).

<sup>r</sup> Lit.: *evangelizou-lhe Jesus.*

<sup>s</sup> Lit.: *foram até uma certa água.*

<sup>t</sup> Este v. está nas versões ocidentais e é uma variante das antigas fórmulas batismais: *Disse-lhe, porém, Filipe: «Se acreditais com todo o teu coração, é permitido».* Em resposta, ele disse-lhe: *«Acredito que Jesus Cristo é o Filho de Deus».*

<sup>u</sup> Como o próprio verbo *batizar* indica em grego, trata-se de um batismo de imersão.

<sup>v</sup> O arrebatamento de Filipe, semelhante ao de Elias (1Rs 18,12), é descrito com o típico vocabulário apocalíptico da ascensão (2Cor 12,2,4; 1Ts 4,17; Ap 12,5; 2Rs 2,16).

<sup>w</sup> A missão de Filipe desenvolveu-se para lá da Samaria, chegando ao litoral e a Cesareia Marítima. O seu arrebatamento indica que ele está totalmente sob a ação do Espírito.

<sup>x</sup> Paulo, nas suas cartas, não usa os verbos associados à conversão para falar do seu encontro com a fé em Jesus. Aliás, ele próprio relata a sua ação militantemente persecutória em relação aos cristãos (1Cor 15,9; Gl 1,13s; Flp 3,6). O livro dos Atos apresenta-nos ainda dois outros relatos da sua experiência a caminho de Damasco (22,4-21; 26,9-18) que manifestam algumas diferenças em relação a este primeiro: são suprimidos alguns detalhes (a cura da cegueira inicial, a perda de alguns sentidos, o batismo); a referência ao passado perseguidor de Saulo é mais desenvolvida (22,3ss; 26,9ss), bem como o diálogo com Jesus (26,14-18); o papel de Ananias é reduzido em 26,12-16; enquanto At 9 é narrado na terceira pessoa, At 22 e 26 são na primeira; At 9 prepara a atividade missionária entre os não judeus, enquanto At 22 pretende atestar a seriedade e fidelidade de Saulo às tradições judaicas.

<sup>y</sup> I.e., um documento que conferia autoridade para agir em nome do sinédrio. Não conhecemos o carácter vinculante e o alcance das cartas que Paulo levava para Damasco, apenas que as autoridades

zando-o a trazer presos para Jerusalém os que se descobrisse pertencerem ao Caminho<sup>a</sup>, fosse ele homem ou mulher. <sup>3</sup>Porém, na viagem<sup>b</sup>, quando já estava próximo de Damasco, envolveu-o de repente uma luz<sup>c</sup> vinda do céu. <sup>4</sup>Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?». <sup>5</sup>Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?». E o Senhor respondeu-lhe<sup>d</sup>: «Eu sou<sup>e</sup> Jesus<sup>f</sup>, a quem tu persegues! <sup>6</sup>Mas levanta-te, entra na cidade e ser-te-á dito o que é necessário fazeres». <sup>7</sup>Os homens que viajavam com ele pararam atônitos, porque ouviram a voz, mas não viam ninguém. <sup>8</sup>Saulo levantou-se do chão, mas, embora os seus olhos estivessem abertos, não via nada. Então, tomando-o pela mão, levaram-no para Damasco. <sup>9</sup>Esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu nada.

<sup>10</sup>Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias<sup>g</sup>. O Senhor chamou-o<sup>h</sup>, numa visão: «Ananias!». Ele respondeu: «Eis-me aqui, Senhor!». <sup>11</sup>O Senhor disse-lhe: «Levanta-te, vai à chamada rua Direita e procura, na casa de Judas, um homem de Tarso, chamado Paulo; ele<sup>i</sup> está a rezar <sup>12</sup>e, numa visão, viu um homem chamado Ananias, que entrava e lhe impunha as mãos para que voltasse a ver». <sup>13</sup>Ananias, porém, respondeu: «Senhor, tenho ouvido muita gente contar<sup>j</sup> todo o mal que esse homem fez aos teus santos<sup>k</sup> em Jerusalém; <sup>14</sup>e agora está aqui, com a autoridade recebida dos chefes dos sacerdotes, para prender todos os que invocam o teu nome». <sup>15</sup>Mas o Senhor disse-lhe: «Vai, porque esse homem é o instrumento escolhido por mim, para levar o meu nome aos pagãos, aos reis e aos filhos de Israel. <sup>16</sup>Eu mesmo lhe mostrarei o quanto é necessário que ele sofra pelo meu nome!». <sup>17</sup>Ananias partiu, entrou na casa e, impondo as mãos sobre ele, disse: «Irmão Saulo, o Senhor, o mesmo Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que voltes a ver e fiques cheio do Espírito Santo»<sup>m</sup>. <sup>18</sup>Imediatamente lhe caíram

---

romanas deixavam ao sumo sacerdote alguma jurisdição sobre todos os membros das comunidades judaicas, mesmo fora da Palestina (cf. 1Mac 15,15-21; *Ant. Jud.* XIV, 10; *Bell. Jud.* I, 24).

<sup>a</sup> Lit.: *se encontrasse alguém que fosse do Caminho*. O termo *Caminho* é uma antiga autodesignação da Igreja, que este livro conservou (9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) e que parece abreviar a expressão *Caminho da salvação* (16,17) ou *Caminho do Senhor* (18,25).

<sup>b</sup> Lit.: *no ir, porém, aconteceu que*.

<sup>c</sup> A luz é um elemento comum nas teofanias: Ex 3,2 (sarça ardente); 13,21; Sb 18,1-4 (Israel no deserto); Gn 32,23-30 (luta de Jacob com o anjo); Ex 14,19s (passagem do Mar Vermelho); Ex 19,16; 24,15-18 (Moisés no Sinai); Ez 1,4.28 (visão da glória de Deus); *JosAsen* 14,1-4 (aparição angélica).

<sup>d</sup> Lit.: *Mas Ele [respondeu]*.

<sup>e</sup> Sobre a expressão, cf. Jo 4,26 nota.

<sup>f</sup> Alguns importantes mss. acrescentam *nazareno*.

<sup>g</sup> O seu nome é a transliteração do hebraico *Hananias* (Deus é gracioso). Trata-se, provavelmente, de um representante da comunidade cristã de Damasco, descrito em 22,12 como um judeo-cristão seguidor da Lei, que gozava de estima entre os judeus.

<sup>h</sup> Lit.: *disse para ele*.

<sup>i</sup> O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

<sup>j</sup> Lit.: *ouvi de muitos*.

<sup>k</sup> Ou seja, os cristãos, santificados pelo batismo.

<sup>l</sup> Tal como Jesus tinha anunciado (Lc 21,12-19), também Paulo sofrerá por ser discípulo.

<sup>m</sup> A expressão *cheio do Espírito* é típica na obra lucana (At 2,4; 4,8.31; 7,55; Lc 1,15; 4,1).

dos olhos uma espécie de escamas, e voltou a ver. Então levantou-se e foi batizado<sup>19</sup>e, depois de tomar alimento, ficou fortalecido.

### Saulo e a comunidade de Damasco

Saulo<sup>n</sup> esteve alguns dias com os discípulos em Damasco<sup>20</sup>e começou imediatamente a proclamar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus<sup>o</sup>.<sup>21</sup>Todos os que o ouviam ficavam espantados e diziam: «Não é este que, em Jerusalém, perseguia os que invocam esse nome? E não veio ele até aqui com o propósito de os levar presos à presença dos chefes dos sacerdotes?». <sup>22</sup>Saulo, porém, estava cada vez mais fortalecido e deixava confusos os judeus que habitavam em Damasco, ao demonstrar que Jesus<sup>p</sup> era o Cristo<sup>q</sup>.

<sup>23</sup>Passados muitos dias, os judeus concordaram em matá-lo, <sup>24</sup>mas Saulo teve conhecimento do seu plano: para o matarem, eles montaram vigia de dia e de noite, até mesmo junto das portas da cidade. <sup>25</sup>Mas, durante a noite, os seus discípulos tomaram-no e fizeram-no descer pela muralha, dentro de um cesto<sup>r</sup>.

### Saulo e a comunidade de Jerusalém

<sup>26</sup>Ao chegar a Jerusalém, Saulo<sup>s</sup> procurava juntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, por não acreditarem que ele fosse um discípulo. <sup>27</sup>Barnabé, porém, tomou-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como ele, no caminho, vira o Senhor, que lhe falou, e como, em Damasco, tinha falado corajosamente no nome de Jesus. <sup>28</sup>Saulo ficou, então, com eles, andando por toda a Jerusalém e falando corajosamente<sup>e</sup> no nome do Senhor. <sup>29</sup>Falava e discutia com os helenistas<sup>u</sup>; mas estes tentavam matá-lo. <sup>30</sup>Ao saberem disto, os irmãos levaram-no para Cesareia e fizeram-no seguir para Tarso<sup>v</sup>.

<sup>31</sup>Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria<sup>w</sup>, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e crescia com o alento<sup>x</sup> do Espírito Santo.

<sup>n</sup> *Saulo* é acrescento da tradução.

<sup>o</sup> O título cristológico de *Filho de Deus* é raro em At (13,33).

<sup>p</sup> Lit.: *Ele*.

<sup>q</sup> Cf. 3,18 nota.

<sup>r</sup> Paulo acrescenta em 2Cor 11,32s que esta fuga ocorreu quando o etnarca do rei nabateu Aretas IV mandou vigiar a cidade. Este episódio é semelhante ao dos espiões de Jericó (Js 2,15) e ao de David para escapar de Saul (1Sm 19,12).

<sup>s</sup> *Saulo* é acrescento da tradução.

<sup>t</sup> Lit.: *e estava com eles entrando e saindo em Jerusalém, falando com coragem*. A expressão *entrando e saindo*, mais do que se referir à entrada e saída da cidade, poderá sugerir que o apóstolo entrava e saía das casas de quem visitava de forma pública. A *parrësia* (*arrojo, coragem, transparência*) caracteriza os anunciadores do evangelho: os apóstolos (2,29; 4,13.29.31), Barnabé (13,46), Apolo (18,26), Saulo (13,46; 14,3; 19,8; 26,26; 28,31).

<sup>u</sup> Cf. 6,1 nota.

<sup>v</sup> Cidade natal de Paulo, na Cilícia (22,3).

<sup>w</sup> A Igreja é entendida aqui numa dimensão universal (cf. 20,28).

<sup>x</sup> O grego emprega uma palavra que comporta diferentes significados, como *consolação, exortação e ânimo*.

### Pedro cura um parálítico em Lida

<sup>32</sup>Pedro, que andava a percorrer todos os lugares<sup>a</sup>, acabou por descer e foi ter com os santos<sup>b</sup> que habitavam em Lida<sup>c</sup>. <sup>33</sup>Ali encontrou um homem, chamado Eneias, que era parálítico e jazia numa enxerga havia já oito anos. <sup>34</sup>Disse-lhe Pedro: «Eneias, Jesus Cristo vai curar-te. Levanta-te e compõe a tua enxerga». E ele imediatamente se levantou. <sup>35</sup>Todos os habitantes de Lida e de Saroná viram o homem<sup>d</sup> e converteram-se ao Senhor.

### Pedro ressuscita uma discípula em Jope

<sup>36</sup>Havia, em Jope<sup>e</sup>, uma discípula chamada Tabitá, que traduzido significa «Gazela». Era generosa nas boas obras que realizava e nas esmolas que fazia<sup>f</sup>. <sup>37</sup>Ora, aconteceu que, naqueles dias, ficou doente e morreu. Depois de a terem lavado, puseram-na na sala de cima. <sup>38</sup>Como Lida ficava perto de Jope, ao ouvir dizer que Pedro estava lá, os discípulos enviaram-lhe dois homens com este pedido<sup>g</sup>: «Vem, sem demora, ter connosco». <sup>39</sup>Pedro levantou-se e foi com eles. Quando chegou, levaram-no à sala de cima, e todas as viúvas foram a chorar ter com ele, mostrando-lhe as túnicas e os mantos feitos por Gazela, enquanto estava ainda com elas. <sup>40</sup>Pedro mandou que todos saíssem e, pondo-se de joelhos, começou a rezar. Então, voltando-se para o corpo da defunta<sup>h</sup>, disse: «Tabitá, levanta-te». Ela abriu os olhos e, quando viu Pedro, sentou-se. <sup>41</sup>Ele deu-lhe a mão e levantou-a; depois chamou os santos<sup>i</sup> e as viúvas e apresentou-lha viva. <sup>42</sup>Isto tornou-se conhecido em toda a cidade de Jope, e muitos acreditaram no Senhor. <sup>43</sup>Pedro<sup>j</sup> permaneceu vários dias em Jope, em casa de um certo Simão, um curtidor de peles<sup>k</sup>.

<sup>a</sup> Lit.: *aconteceu, porém, que Pedro atravessando todos [os lugares]*.

<sup>b</sup> Ou seja, os cristãos (cf. v.13 nota).

<sup>c</sup> *Lida* é o nome grego de Lod, uma localidade a c. 40 km a noroeste de Jerusalém. Este v. descreve a expansão do evangelho para fora de Jerusalém, que prossegue com Pedro.

<sup>d</sup> Lit.: *viram-no*.

<sup>e</sup> Jope é a pronúncia grega do hebraico Jafa, uma cidade portuária c. 19 km a noroeste de Lod. Foi destruída pelas tropas romanas em 66 d.C. (*Bell. Jud.* II,507; III,414-431).

<sup>f</sup> Lit.: *estava cheia de boas obras e de esmolas daquelas [que] fazia*. A esmola é uma expressão típica da obra lucana que atesta a excelência da fé (Lc 11,41; 12,33; 16,21; 21,1-4; At 3,2, 10,2). A narrativa lembra outros relatos no AT e no NT (cf. 2Rs 4,18-37; 1Rs 17,17-23; Lc 8,41-55; Mt 6,2; Mc 5,40s).

<sup>g</sup> Lit.: *exortando*.

<sup>h</sup> *Da defunta* é acrescimo da tradução.

<sup>i</sup> Ou seja, os cristãos (cf. v.13 nota).

<sup>j</sup> Lit.: *e aconteceu que Pedro...*

<sup>k</sup> A profissão de curtidor, entre muitas outras na cultura helenista, era considerada imunda pelos judeus, pois lidava com sangue dos animais, o que causava uma impureza crónica (*mKet* 7,10).

## 10 **Visão do centurião Cornélio em Cesareia<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Havia em Cesareia<sup>m</sup> um homem, chamado Cornélio, centurião de uma coorte conhecida por «coorte itálica»<sup>n</sup>. <sup>2</sup>Piedoso e temente a Deus<sup>o</sup>, como aliás todos os da sua casa, dava muitas esmolas ao povo e rezava continuamente a Deus. <sup>3</sup>Ora, numa visão que teve pelas três horas da tarde<sup>p</sup>, ele viu claramente um anjo de Deus vir ao seu encontro e dizer-lhe: «Cornélio!». <sup>4</sup>Fixando nele o olhar e cheio de medo, disse: «Que é, Senhor?». O anjo<sup>q</sup> respondeu-lhe: «As tuas orações e as tuas esmolas<sup>r</sup> subiram, como memorial, à presença de Deus<sup>s</sup>. <sup>5</sup>Envia agora homens a Jope e manda vir Simão, a quem chamam Pedro<sup>t</sup>. <sup>6</sup>Ele está hospedado junto de um tal Simão, curtidor de peles, cuja casa fica junto ao mar». <sup>7</sup>Quando o anjo que lhe falava partiu, ele chamou dois dos servos e um soldado piedoso, dos que estavam ao seu serviço, <sup>8</sup>explicou-lhes tudo e enviou-os a Jope.

### Visão de Pedro em Jope

<sup>9</sup>No dia seguinte, quando eles já iam a caminho e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço, pelo meio-dia<sup>u</sup>, para rezar. <sup>10</sup>Entretanto, sentiu fome e quis comer. Enquanto lhe preparavam uma refeição<sup>v</sup>, foi arrebatado num êxtase:<sup>w</sup> <sup>11</sup>viu o céu

<sup>1</sup> Esta secção, que relata como continua a expansão do evangelho para fora de Jerusalém, ao encontro dos não judeus, está dividida em sete episódios: 1) visão de Cornélio (vv.1-8); 2) visão de Pedro em Jope (vv.9-16); 3) receção dos mensageiros por Pedro (vv.17-23); 4) Pedro em Cesareia (vv.24-33); 5) discurso de Pedro em casa de Cornélio (vv.34-43); 6) batismo de Cornélio (vv.44-48); 7) relato dos acontecimentos por Pedro (11,1-18). Neste conjunto encontram-se duas repetições: a visão de Cornélio (vv.3-8 = vv.30-33) e a visão de Pedro (vv.9-16 = 11,5-10).

<sup>m</sup> Cesareia, junto ao mar, era o porto que Herodes, o Grande, construiu no ano 6 a.C., dando-lhe o nome de Cesareia Sebaste em honra do imperador Augusto (Plínio, *Hist. Nat* V,69; Flávio Josefo, *Ant. Jud.* XV, 331-341; Estrabão, *Geografia* XVI, 2.27). Em 6 d.C. tornou-se a sede do procurador romano da província da Judeia e em 44 d.C. foi provida de tropas auxiliares romanas, tendo depois recebido de Vespasiano o título honorífico de *Colonia Prima Flavia Augusta Caesarea* pela sua fidelidade a Roma durante a revolta judaica de 66-73 d.C.

<sup>n</sup> Lit.: *de uma coorte chamada itálica*. O centurião era o oficial comandante de c. cem homens; a coorte (unidade constituinte da legião romana) liderada por Cornélio é apelidada de *itálica*, porque era provavelmente constituída por homens provenientes da Itália, e não por nativos, como era costume em alguns territórios do império romano.

<sup>o</sup> Cf. 2,11 nota.

<sup>p</sup> Lit.: *hora nona*, que coincide com a hora da morte de Jesus, possivelmente com a segunda oração diária dos judeus e com a oferta do sacrifício vespertino.

<sup>q</sup> O anjo é acrescento da tradução.

<sup>r</sup> No judaísmo do segundo templo, a esmola, a oração e o estudo da Torá são considerados sacrifícios espirituais equivalentes aos que são oferecidos no templo (cf. Tb 12,12; *AvotRN* 4; *IQS* 8,1-9; cf. também no NT: Flp 4,8; Rm 12,1; Heb 13,15s; 1Pd 2,5).

<sup>s</sup> Lit.: *subiram para memória, na presença de Deus*.

<sup>t</sup> Lit.: *um certo Simão, a que também chamam Pedro*.

<sup>u</sup> Lit.: *hora sexta*.

<sup>v</sup> Refeição é acrescento da tradução.

<sup>w</sup> Lit.: *aconteceu sobre ele um êxtase*. O êxtase consiste numa experiência profunda de encontro com o Senhor Ressuscitado ou numa visão da glória de Deus (cf. 11,5; 18,9; 22,17). É também um conceito do AT (Gn 2,21; Sl 30,23 LXX; Zc 14,13).

aberto e uma espécie de recipiente, semelhante a um grande lençol, preso<sup>a</sup> pelas quatro pontas, que descia sobre a terra.<sup>12</sup> Havia nele toda a espécie de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu<sup>b</sup>.<sup>13</sup> Surgiu, então, uma voz que lhe disse: «Levanta-te, Pedro, mata e come!». <sup>14</sup>Pedro, porém, respondeu: «De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi nada que seja profano e impuro»<sup>d</sup>. <sup>15</sup>E a voz falou-lhe novamente, pela segunda vez: «Não consideres tu profano o que Deus purificou»<sup>c</sup>. <sup>16</sup>Isso aconteceu por três vezes e, imediatamente depois, o recipiente foi levado para o céu.

<sup>17</sup>Enquanto Pedro, perplexo, pensava para consigo o que significaria esta visão<sup>f</sup>, os homens<sup>g</sup> enviados por Cornélio, depois de terem indagado onde era a casa de Simão, pararam junto ao portão.<sup>18</sup> Chamaram e procuraram saber se Simão, a quem chamam Pedro, estava ali hospedado.<sup>19</sup> Pedro estava ainda a refletir sobre a visão, quando o Espírito lhe disse: «Estão ali três homens à tua procura»<sup>h</sup>. <sup>20</sup>Levanta-te, desce e vai com eles, sem hesitar, porque fui Eu quem os enviou». <sup>21</sup>Pedro desceu ao encontro dos homens e disse: «Eis-me aqui; sou eu quem procurais. Por que razão viestes?»<sup>i</sup>. <sup>22</sup>Eles responderam: «O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus<sup>i</sup>, de quem todo o povo judeu dá bom testemunho, foi avisado por um santo anjo que te convidasse a irs a sua casa, a fim de ouvir as tuas palavras». <sup>23</sup>Então Pedro<sup>j</sup> convidou-os a entrar e deu-lhes hospedagem. No dia seguinte, levantou-se e partiu com eles, na companhia de alguns dos irmãos de Jope.

### Pedro em casa de Cornélio

<sup>24</sup>No dia seguinte, Pedro entrou em Cesareia. Cornélio estava à espera deles, tendo convidado os seus parentes e amigos íntimos.<sup>25</sup> Quando Pedro ia a entrar, Cornélio foi ao seu encontro e, caindo aos seus pés, pôs-se a adorá-lo.<sup>26</sup> Mas Pedro fê-lo erguer-se, dizendo: «Levanta-te, pois também eu sou um homem!». <sup>27</sup>Entrou em sua casa<sup>k</sup> a conversar com ele e encontrou muitas pessoas reunidas.<sup>28</sup> Disse-lhes, então: «Vós sabeis que é proibido a um judeu<sup>l</sup> relacionar-se com um estrangeiro ou aproximar-se dele. Mas Deus mostrou-me que nenhum homem deve ser considerado profano ou

<sup>a</sup> *Preso* é acrescento da tradução.

<sup>b</sup> Os animais que surgem na visão recordam a criação em Gn 1,24-31, na qual não existem as regras de segregação dos animais impuros, próprias dos códigos de pureza ritual da tradição deuteronomista (cf. Lv 11,2-23; Dt 14,3-20).

<sup>c</sup> Lit.: *e surgiu uma voz para ele*.

<sup>d</sup> A reação de Pedro é semelhante à do profeta Ezequiel (Ez 4,14).

<sup>e</sup> Esta reação divina que declara que nada é impuro (como Jesus em Mc 7,15) é partilhada por alguma tradição judaica (cf. *mSanh* 59b; *SIR* 146,4).

<sup>f</sup> Lit.: *o que seria a visão que viu*.

<sup>g</sup> O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

<sup>h</sup> Lit.: *eis três homens procurando-te*.

<sup>i</sup> Cf. 2,11 nota.

<sup>j</sup> *Pedro* é acrescento da tradução (tal como no v.24).

<sup>k</sup> *Em sua casa* é acrescento da tradução.

<sup>l</sup> Lit.: *homem judeu*.

impuro<sup>m</sup>. <sup>29</sup>Por isso, quando fui convidado, vim sem qualquer objeção. Pergunto, então: por que razão me convidaste? <sup>n</sup>» <sup>30</sup>Cornélio respondeu: «Há quatro dias, por esta hora, às três da tarde<sup>o</sup>, estava eu a rezar em minha casa, quando<sup>p</sup> um homem com vestes resplandecentes se apresentou diante de mim, <sup>31</sup>e disse: “Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas foram lembradas diante de Deus. <sup>32</sup>Por isso, envia alguém a Jope e manda chamar Simão, a quem chamam Pedro, que está hospedado junto ao mar, na casa de Simão, o curtidor de peles.” <sup>33</sup>Enviei imediatamente alguém a chamar-te<sup>q</sup>, e tu fizeste bem em ter vindo. Agora aqui estamos todos, diante de Deus, para ouvir tudo o que te foi ordenado pelo Senhor<sup>r</sup>».

### Discurso de Pedro em casa de Cornélio<sup>s</sup>

<sup>34</sup>Então Pedro tomou a palavra<sup>a</sup> e disse: «Na verdade, dou-me conta de que Deus não faz aceção de pessoas<sup>u</sup>; <sup>35</sup>pelo contrário, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça é aceite por Ele. <sup>36</sup>Vós conheceis a palavra que Deus<sup>v</sup> enviou aos filhos de Israel, anunciando a boa nova da paz, por meio de Jesus Cristo<sup>w</sup>, Ele que é o Senhor de todos. <sup>37</sup>E também sabeis o que aconteceu por toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo que João proclamou: <sup>38</sup>como Deus ungiu, com o Espírito Santo e com poder, a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com Ele<sup>x</sup>. <sup>39</sup>E nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez, na região dos judeus e em Jerusalém. Eles mataram-no, suspendendo-o num madeiro, <sup>40</sup>mas Deus ressuscitou-o ao terceiro dia e permitiu-lhe manifestar-se, <sup>41</sup>não a todo o povo, mas às testemunhas de ante-mão designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos. <sup>42</sup>E ordenou-nos que proclamássemos ao povo e dêssemos

<sup>m</sup> Pedro sublinha que a classificação de puro ou impuro é meramente humana e não corresponde aos desígnios de Deus (Mq 6,8), a quem apenas interessa a retidão da pessoa. A consciência da eleição levou Israel, depois do exílio, a progressivamente impor regras para estabelecer uma separação entre judeus e pagãos (cf. Esd 6,21; 10,11; Ne 9,2; 10,31s).

<sup>n</sup> Lit.: *Questiono, pois, por que palavra enviastes a mim?*

<sup>o</sup> Lit.: *na hora sexta*.

<sup>p</sup> Lit.: *eis (que)/ vê* (cf. Mt 2,13 nota).

<sup>q</sup> Lit.: *imediatamente, então, enviei para ti*.

<sup>r</sup> Alguns mss. mais tardios leem *por Deus*.

<sup>s</sup> Pedro toma como ponto de partida a origem dos seus ouvintes, que não são judeus, como no cap.2, mas pagãos e tementes a Deus.

<sup>t</sup> Lit.: *abrindo a boca*, uma fórmula literária que introduz um discurso solene e é frequente na literatura sapiencial (Jb 3,1; 33,2; 35,16; Sl 37,13; 118,131; Pr 24,7; 31,8.26; Sb 10,21) e profética (Is 53,7; 57,4; Ez 3,27; 16,63; 29,21; 33,22).

<sup>u</sup> Na sequência do pensamento do AT, Pedro começa por reafirmar a imparcialidade do juízo de Deus (Dt 10,17; Jb 34,19; Sl 35,13), tal como Paulo o faz em Rm 2,11 (cf. Cl 3,25; Ef 6,9; 1Pd 1,17).

<sup>v</sup> *Deus* é acrescento da tradução.

<sup>w</sup> A tradição da profecia escatológica de Is 52,7 e 61,1 foi aplicada ao ministério de Jesus de modo enfático pelo evangelista (Lc 7,22; 4,17-20).

<sup>x</sup> Esta frase é usada no AT para indicar a proteção e a companhia de Deus a Ismael, filho de Agar (Gn 21,20), a Abraão (Gn 21,22), a José (Gn 39,2.3.21.23), a Samuel (1Sm 3,19), a Moisés (Ex 3,12) e a Gedeão (Jz 6,12).

testemunho de que Ele foi constituído por Deus juiz<sup>a</sup> dos vivos e dos mortos. <sup>43</sup>É dele que todos os profetas dão o seguinte testemunho: todos os que acreditam nele recebem, pelo seu nome, o perdão dos pecados»<sup>b</sup>.

### Batismo de Cornélio e dos primeiros pagãos

<sup>44</sup>Ainda Pedro dizia estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam a ouvir a Palavra. <sup>45</sup>E todos os fiéis circuncisos, que tinham vindo com Pedro, ficaram espantados por o Espírito Santo também se ter derramado sobre os pagãos. <sup>46</sup>Ouviam-nos, de facto, falar línguas e proclamar a grandeza de Deus<sup>c</sup>. Pedro disse<sup>d</sup> então: <sup>47</sup>«Quem poderá recusar a água do batismo àqueles<sup>e</sup> que, como nós, receberam o Espírito Santo?». <sup>48</sup>Ordenou, então, que fossem batizados no nome de Jesus Cristo. E eles pediram-lhe que permanecesse ali alguns dias.

## 11 Relato de Pedro em Jerusalém

<sup>1</sup>Os apóstolos e os irmãos que estavam na Judeia ouviram dizer que também os pagãos tinham acolhido a palavra de Deus. <sup>2</sup>E quando Pedro subiu a Jerusalém, os circuncisos começaram a discutir com ele, <sup>3</sup>dizendo: «Tu entraste em casa de homens incircuncisos<sup>f</sup> e comeste com eles!»<sup>g</sup>.

<sup>4</sup>Pedro começou, então, a expor-lhes por ordem o que tinha acontecido<sup>h</sup>, dizendo: <sup>5</sup>«Enquanto eu estava a rezar na cidade de Jope, tive, em êxtase, uma visão: uma espécie de recipiente, semelhante a um grande lençol, descia do céu, preso<sup>i</sup> pelas quatro pontas, e veio até mim. <sup>6</sup>Fixando nele o olhar, pus-me a observar e vi quadrúpedes da terra, feras, répteis e pássaros do céu. <sup>7</sup>Ouvi, então, uma voz que me dizia: “Levanta-te, Pedro, mata e come!”. <sup>8</sup>Respondi: “De modo nenhum, Senhor, porque nunca algo de profano ou de impuro entrou na minha boca”. <sup>9</sup>A voz do céu falou<sup>j</sup>, então, pela segunda vez: «Não consideres tu profano o que Deus purificou». <sup>10</sup>Isto aconteceu por três vezes, e depois tudo foi de novo levado para o céu. <sup>11</sup>Nisto<sup>k</sup>, apresentaram-se imediatamente na casa em que estávamos três homens, que me tinham sido enviados de Cesareia. <sup>12</sup>O Espírito disse-me que fosse com

<sup>a</sup> A aclamação de Jesus como juiz só ocorrerá outra vez em 17,31. Também será usada em 2Tm 4,1 e 1Pd 4,5 e reaparecerá na literatura apostólica (*Barn* 7,2; *2Clem* 1,1; Policarpo, *Ad Fil* 2,1; Justino, *Dial* 118,1) e apócrifa (*AtJo* 8; *AtTom* 28,3; *ApPd* 1,7).

<sup>b</sup> Este v. consoma Lc 24,44-48.

<sup>c</sup> A descida do Espírito e o dom das línguas apresenta o episódio como um novo Pentecostes, paralelo ao primeiro (At 2,1-13).

<sup>d</sup> Lit.: *respondeu*.

<sup>e</sup> Lit.: *pode alguém impedir a água para que estes não sejam batizados*.

<sup>f</sup> Lit.: *homens que têm prepúcio*.

<sup>g</sup> A declaração expressa a dificuldade dos cristãos de origem judaica em entender o carácter universal da salvação oferecida em Jesus (cf. 10,14.19s).

<sup>h</sup> *O que tinha acontecido* é acrescento da tradução.

<sup>i</sup> *Preso* é acrescento da tradução.

<sup>j</sup> Lit.: *respondeu*.

<sup>k</sup> Lit.: *eis (que)/ vê* (cf. Mt 2,13 nota).

eles, sem hesitar. Foram também comigo estes seis irmãos, e entrámos em casa do homem. <sup>13</sup>Ele contou-nos, então, que tinha visto um anjo, que se apresentou em sua casa e disse: “Envia alguém a Jope e manda vir Simão, a quem chamam Pedro, <sup>14</sup>que te dirá palavras pelas quais serás salvo, tu e todos os da tua casa”. <sup>15</sup>Quando eu comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles, como, no princípio, desceu<sup>1</sup> sobre nós. <sup>16</sup>Recordei-me, então, da palavra do Senhor, quando dizia: “João batizou na água; vós, porém, sereis batizados no Espírito Santo”. <sup>17</sup>Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que acreditámos no Senhor Jesus Cristo, como me poderia eu opor a Deus?».

<sup>18</sup>Ao ouvir isto, acalmaram-se e começaram a dar glória a Deus, dizendo: «Então Deus também concedeu aos pagãos a conversão que conduz à vida<sup>m</sup>!».

### Fundação da Igreja de Antioquia<sup>n</sup>

<sup>19</sup>Os que se tinham dispersado, devido à perseguição desencadeada pelo caso de Estêvão, andaram de terra em terra até chegarem<sup>o</sup> à Fenícia, Chipre e Antioquia<sup>p</sup>, não anunciando a Palavra a mais ninguém senão aos judeus. <sup>20</sup>Alguns deles, porém, eram homens de Chipre e de Cirene que, depois de chegarem a Antioquia, começaram a falar também aos helenistas, anunciando o evangelho, que é o Senhor Jesus<sup>q</sup>. <sup>21</sup>A mão do Senhor estava com eles, e um grande número abraçou a fé<sup>r</sup> e converteu-se ao Senhor.

<sup>22</sup>Esta notícia<sup>s</sup> chegou aos ouvidos da Igreja que está em Jerusalém, e enviaram Barnabé<sup>t</sup> a Antioquia. <sup>23</sup>Quando ele chegou e viu a graça concedida por Deus<sup>u</sup>, alegrou-se e começou a exortá-los a todos permanecerem de todo o coração<sup>v</sup> no

<sup>1</sup> *Desceu* é acrescento da tradução.

<sup>m</sup> Isto é, à vida eterna, recebida no batismo.

<sup>n</sup> Esta secção está dividida em quatro partes: primeira evangelização de Antioquia (vv.19-21); envio de Barnabé (vv.22-24); colaboração com Saulo (vv.25s); Ágabo e a coleta (vv.27-30).

<sup>o</sup> *Chegarem* é acrescento da tradução.

<sup>p</sup> Chipre era desde 22 a.C. uma província senatorial romana. Antioquia, terceira cidade do império, depois de Roma e de Alexandria, fundada em 300 a.C. por Seleuco I Nicanor, era a capital da província romana da Síria, nas margens do Oronte, a 32 km do mar. Por ela continuou a expansão do evangelho, pois situava-se no cruzamento das rotas entre o Norte e o Sul, e entre o Oriente e o Ocidente. Depois de 9,1-11,18, Lucas retoma a narrativa da expansão do evangelho, que interrompera em 8,40, relatando a forma como a perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão levou à dilatação do evangelho até Antioquia, onde foi fundada uma comunidade cristã helenista, constituída também por convertidos do paganismo.

<sup>q</sup> Lit.: *evangelizando o Senhor Jesus*. O título *Senhor Jesus* parece ter sido considerado mais adequado pelos cristãos de Antioquia, vindos do paganismo, visto que o tradicional título *Cristo (Ungido)* poderia sugerir as expectativas messiánicas de um interlocutor judeu.

<sup>r</sup> Lit.: *que acreditou* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> O grego acrescenta *acerca deles*.

<sup>t</sup> O envio de Barnabé, por parte da Igreja Mãe de Jerusalém, reflete a preocupação de reforçar a comunhão com a Igreja antioquina (esta mesma preocupação já tinha sido sublinhada em 8,14, aquando da evangelização da Samária).

<sup>u</sup> Lit.: *a graça de Deus*.

<sup>v</sup> Lit.: *no propósito do coração*.

Senhor;<sup>24</sup> ele era, de facto, um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E uma considerável multidão aderiu ao Senhor.<sup>25</sup> Barnabé partiu depois para Tarso, a fim de procurar Saulo<sup>26</sup> e, ao encontrá-lo, levou-o para Antioquia. Ficaram juntos nessa Igreja<sup>a</sup> um ano inteiro e ensinaram uma considerável multidão. Foi, aliás, em Antioquia que se começou a tratar os discípulos pelo nome de cristãos<sup>b</sup>.

### Coleta em Antioquia para os irmãos da Judeia

<sup>27</sup>Nesses dias, alguns profetas<sup>c</sup> desceram de Jerusalém a Antioquia.<sup>28</sup> Um deles, chamado Ágabo, levantou-se e, sob a ação do Espírito, anunciou<sup>d</sup> que uma grande fome estava prestes a vir sobre toda a terra – o que, de facto, veio a acontecer no tempo do imperador Cláudio<sup>e</sup>.<sup>29</sup> Então os discípulos determinaram que cada um, de acordo com as suas posses, enviasse um auxílio<sup>f</sup> aos irmãos que habitavam na Judeia;<sup>30</sup> eles assim fizeram, enviando-o aos anciãos, pelas mãos de Barnabé e Saulo<sup>g</sup>.

## 12 Morte de Tiago e prisão de Pedro

<sup>1</sup>Naquele tempo, o rei Herodes começou a perseguir e a maltratar alguns membros da Igreja<sup>h</sup> e mandou matar à espada Tiago, irmão de João<sup>i</sup>.<sup>3</sup> Ao ver que isto agradava aos judeus, não parou por aí e mandou deter também Pedro. Decorriam os dias dos Ázimos<sup>j</sup>.<sup>4</sup> Depois de o mandar prender, pô-lo na prisão, e encarregou quatro piquetes<sup>k</sup>, de quatro soldados cada um, de o guardar, pois desejava levá-lo à presença do povo, depois da Páscoa.<sup>5</sup> Enquanto Pedro estava detido na prisão, a Igreja orava intensamente a Deus por ele.

<sup>a</sup> Pela primeira vez, At utiliza o termo *Igreja* para designar uma comunidade fora da Palestina composta por cristãos provenientes do judaísmo e da gentilidade.

<sup>b</sup> Lit.: [e aconteceu que] pela primeira vez em Antioquia chamar aos discípulos Cristãos.

<sup>c</sup> Em várias comunidades existiam membros com o carisma da profecia: em Jerusalém (15,32; 21,10), Antioquia (13,1), Éfeso (19,6), Cesareia (21,9), Roma (Rm 12,6s) e Corinto (1Cor 12,28).

<sup>d</sup> Lit.: assinalou.

<sup>e</sup> Imperador é acrescido da tradução; trata-se de Cláudio, imperador romano que governou entre 41-54 d.C. Há notícia, de facto, de alguns episódios de fome durante o seu principado, pelo menos na Judeia (*Ant. Jud.* XX, 2. 5).

<sup>f</sup> Lit.: *diaconia*.

<sup>g</sup> A referência a esta visita de Barnabé e Saulo a Jerusalém é algo inesperada, pois não surge em Gl e não pode ser identificada nem com a primeira visita de Paulo à cidade santa (Gl 1,18), nem com a que aconteceu aquando do concílio de Jerusalém (15,2; Gl 2,1). Inesperada é também a indicação de que a Igreja de Jerusalém é dirigida pelos anciãos, visto que eles constituirão a liderança das comunidades somente numa altura pós-apostólica.

<sup>h</sup> Lit.: *o rei Herodes lançou as mãos para maltratar alguns da Igreja*. Trata-se de Herodes Agripa I, neto do rei Herodes, o Grande, e sobrinho de Herodes Antipas; tornou-se rei da Judeia e da Samaria em 41 d.C., quando Cláudio lhe deu a tetraarquia (Galileia e Pereia) do seu tio, tendo morrido três anos depois, em Cesareia (cf. *Ant. Jud.* XIX, 8.2). Tendo sido educado em Roma, já em 37 d.C. Calígula lhe tinha concedido a tetraarquia de Filipe e a região nordeste da Galileia.

<sup>i</sup> Trata-se de Tiago, irmão de João e filho de Zebedeu; morreu c. 42 d.C. na perseguição movida por Herodes Agripa I.

<sup>j</sup> Cf. Mt 26,17 nota.

<sup>k</sup> Ou seja, um *quartinião*, esquadra de quatro soldados.

## Libertação de Pedro<sup>1</sup>

<sup>6</sup>Quando Herodes estava prestes a levá-lo à presença do povo<sup>m</sup>, nessa mesma noite – estando Pedro a dormir entre dois soldados e preso por duas correntes, com sentinelas à porta a guardar a prisão – <sup>7</sup>eis que se apresentou um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a cela. Tocando-lhe no lado, acordou Pedro, e disse-lhe: «Levanta-te depressa!». E as correntes caíram-lhe das mãos. <sup>8</sup>Disse-lhe o anjo: «Cinge-te e calça as tuas sandálias». Ele assim fez. O anjo acrescentou<sup>n</sup>: «Envolve-te no teu manto e segue-me!». <sup>9</sup>Pedro<sup>o</sup> saiu e foi-o seguindo, sem perceber se era mesmo verdade o que lhe estava a acontecer por intervenção do anjo; pensava que estava a ter uma visão. <sup>10</sup>Depois de atravessarem o primeiro e o segundo posto de guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, que se lhes abriu por si mesma; saindo, avançaram por uma rua, e de imediato o anjo se afastou dele. <sup>11</sup>Então Pedro, voltando a si, disse: «Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo e me libertou da mão de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava que me acontecesse<sup>p</sup>».

<sup>12</sup>Refletindo sobre isto, foi para casa de Maria, a mãe de João, a quem chamam Marcos<sup>q</sup>, onde estavam reunidas muitas pessoas a rezar. <sup>13</sup>Quando bateu à porta do pátio<sup>f</sup>, veio atender uma jovem serva chamada Rode. <sup>14</sup>Ela reconheceu a voz de Pedro, e foi tanta a sua alegria que, em vez de abrir o portão, correu a anunciar que era Pedro quem estava ao portão. <sup>15</sup>Eles disseram-lhe: «Estás louca!». Mas como ela insistia que era assim, eles começaram a dizer: «Então é o seu anjo!». <sup>16</sup>Entretanto, Pedro continuava a bater. Quando abriram e o viram, ficaram espantados. <sup>17</sup>Fazendo, então, um sinal com a mão para que se calassem, ele contou-lhes como o Senhor o tinha tirado da prisão e disse: «Anunciai isto a Tiago<sup>s</sup> e aos irmãos». Depois saiu dali e foi para um outro lugar.

<sup>18</sup>Quando se fez dia, houve grande alvoroço entre os soldados sobre o que teria acontecido a Pedro. <sup>19</sup>Herodes mandou procurá-lo e, não o tendo encontrado, submeteu os guardas a um interrogatório e mandou matá-los. Depois, Pedro<sup>t</sup> desceu da Judeia para Cesareia, e ali ficou.

<sup>1</sup> Este episódio recorda alguns aspetos da tipologia do êxodo: pelo uso do verbo *fazer mal*, que o AT usa para as ações do faraó contra Israel; pela referência à noite (Ex 11,4; 12,8.12.29.42); pela ordem do anjo para se levantar (tal como foi dada a Moisés e a Arão: Ex 12,11); e, finalmente, pelo uso do verbo *sair* no v.9s (cf. Ex 12,17).

<sup>m</sup> *Do povo* é acrescento da tradução.

<sup>n</sup> Lit.: *e diz-lhe*.

<sup>o</sup> *Pedro* é acrescento da tradução.

<sup>p</sup> Lit.: *de toda a expectativa do povo dos judeus*.

<sup>q</sup> João Marcos é primo de Barnabé e companheiro de missão de Barnabé e Paulo, tendo sido por sua causa que ocorreu o desentendimento entre estes dois (cf. 1,25; 15,37ss); a situação parece ter sido ultrapassada, pois nas cartas surge de novo como colaborador de Paulo (cf. Cl 4,10; Flm 24). Embora a tradição assim o apresente, não sabemos se é o mesmo que acompanhou Pedro (cf. 1Pd 5,13).

<sup>f</sup> Lit.: *à porta do portão*.

<sup>s</sup> *Tiago* emergirá como o líder da comunidade de Jerusalém (Gl 1,19; 2,9.12; cf. At 12,17; 15,13; 21,18); não sabemos se é o chamado Tiago, o Menor, filho de Alfeu e discípulo de Jesus.

<sup>t</sup> *Pedro* é acrescento da tradução.

## Morte de Herodes Agripa I

<sup>20</sup>Herodes<sup>a</sup> andava enfurecido com os habitantes de Tiro e de Sídon. Estes combateram entre si comparecer à presença dele e, tendo persuadido Blasto, o camareiro do rei, foram pedir a paz, visto que a subsistência da sua região dependia do território do rei. <sup>21</sup>No dia marcado, Herodes, revestido dos seus trajes reais e sentado na tribuna, dirigiu-lhes um discurso, <sup>22</sup>e o povo começou a aclamar: «É a voz de um deus e não de um homem!». <sup>23</sup>Nesse mesmo instante, um anjo do Senhor feriu Herodes<sup>b</sup> por não ter dado glória a Deus e, roído pelos vermes, expirou.

<sup>24</sup>A palavra de Deus crescia e multiplicava-se<sup>c</sup>. <sup>25</sup>Depois de terem cumprido a sua missão<sup>d</sup>, Barnabé e Saulo voltaram a Jerusalém<sup>e</sup>, levando consigo João, chamado Marcos.

## III – A EXPANSÃO DO EVANGELHO E DA IGREJA ENTRE OS GENTIOS (13,1-21,26)

### Iª VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (13,1-15,3)<sup>f</sup>

## 13 Eleição de Paulo e Barnabé

<sup>1</sup>Na Igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaén, que foi criado com o tetrarca Herodes, e Saulo<sup>g</sup>. <sup>2</sup>Enquanto celebravam o culto<sup>h</sup> ao Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: «Ponde-me de parte Barnabé e Saulo para a obra a que os chamei». <sup>3</sup>Então, depois de terem jejuado e rezado, impuseram-lhes as mãos e mandaram-nos partir<sup>i</sup>.

<sup>a</sup> *Herodes* é acrescento da tradução.

<sup>b</sup> Lit.: *feriu-o*.

<sup>c</sup> Cf. 6,7 nota.

<sup>d</sup> Lit.: *diaconia*, referindo-se à entrega da coleta destinada a ajudar os cristãos da Judeia (cf. 11,29).

<sup>e</sup> Muitos mss. apresentam *de Jerusalém*.

<sup>f</sup> Lucas adota uma estrutura comum em At e nos evangelhos para descrever as várias cenas desta secção: pregação missionária, sucesso parcial; oposição e reações hostis; mudança de lugar. Esta primeira viagem missionária de Paulo não é referida nas cartas autorais do apóstolo (cf. Gl 1,22s), mas a sequência Antioquia da Pisídia (13,14-50) – Icónio (13,51-14,5) – Listra (14,6-20) é testemunhada por uma fonte independente de Lucas (2Tm 3,11), o que abona em favor da historicidade da mesma.

<sup>g</sup> Os cinco nomes preservados na memória da Igreja de Antioquia atestam o carácter cosmopolita e pluriétnico dessa comunidade.

<sup>h</sup> A celebração do culto em 20,7 é designada por *partir o pão*.

<sup>i</sup> Os vv.1-3 sublinham o facto de que a pregação de Paulo aos não judeus não resulta de uma iniciativa pessoal, mas é uma decisão da Igreja de Antioquia, inspirada e guiada pelo Espírito.

### Paulo e Barnabé em Chipre<sup>j</sup>

<sup>4</sup>E assim, enviados pelo Espírito Santo, eles desceram a Seleucia e ali embarcaram para Chipre<sup>k</sup>. <sup>5</sup>Já em Salamina, começaram a anunciar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus, tendo João como ajudante. <sup>6</sup>Depois de percorrem toda a ilha até Pafos, encontraram um mago, um falso profeta judeu, chamado Bar-Jesus<sup>l</sup>, <sup>7</sup>que pertencia ao séquito do<sup>m</sup> procônsul Sérgio Paulo, um homem erudito. Este mandou chamar Barnabé e Saulo, pois desejava ouvir a palavra de Deus. <sup>8</sup>Mas Elimas<sup>n</sup>, o Mago – assim se traduz o seu nome – opunha-se-lhes, procurando desviar o procônsul da fé. <sup>9</sup>Então Saulo – também chamado Paulo<sup>o</sup> – cheio do Espírito Santo, fixando nele o olhar, <sup>10</sup>disse: «Ó homem<sup>p</sup>, cheio de toda a espécie de falsidade e de malícia, filho do Diabo, inimigo de toda a justiça, quando deixarás de perverter os retos caminhos do Senhor? <sup>11</sup>Eis que agora a mão do Senhor está sobre ti: ficarás cego, sem ver o sol durante algum tempo»<sup>q</sup>. Nesse mesmo instante, caíram sobre ele a névoa e as trevas, e pôs-se a andar de um lado para o outro, à procura de quem o levasse pela mão. <sup>12</sup>Ao ver o sucedido, o procônsul abraçou a fê<sup>r</sup>, impressionado com os ensinamentos do Senhor.

### Paulo e Barnabé em Antioquia da Pisídia

<sup>13</sup>Embarcando em Pafos, Paulo e os que estavam com ele foram para Perga da Panfília. João, porém, separou-se deles e voltou para Jerusalém<sup>s</sup>. <sup>14</sup>Então, vindos de Perga, eles chegaram a Antioquia da Pisídia<sup>t</sup> e, no sábado<sup>u</sup>, entraram na sinagoga e

<sup>j</sup> Lucas usa elementos típicos de textos provenientes do mundo forense, partilhados pelo mundo antigo, bíblico e não-bíblico. O texto apresenta a seguinte estrutura: a transgressão de Elimas (v.8); denúncia (v.10); sanção (v.11a); execução da sanção (v.11b). Este protocolo já tinha sido aplicado no caso de Ananias e Safira (5,1-11), à semelhança de outros casos no AT: Moisés contra os mágicos egípcios (Ex 7,11-8,15), Elias contra os profetas de Baal (1Rs 18) e Jeremias contra Hananias (Jr 28).

<sup>k</sup> Seleucia era o porto da cidade de Antioquia a c. 25 km desta, e Salamina era o porto oriental da ilha de Chipre, terra natal de Barnabé (4,36), locais em que havia comunidades judaicas.

<sup>l</sup> Nome aramaico que significa *filho de Jesus*. Trata-se, provavelmente, de um astrólogo da corte do procônsul (cf. *Ant. Jud.* XX, 169ss).

<sup>m</sup> Lit.: *que estava com o*.

<sup>n</sup> Provavelmente do arábico *‘alim*, *sábio*, termo usado para traduzir o grego *magos*, que por sua vez se refere originalmente a um membro da casta sacerdotal persa (cf. Mt 2,1 nota). Aqui *magos* parece assumir o sentido mais genérico, que ainda subsiste, de *mágico*, *feiticeiro*.

<sup>o</sup> A partir deste v., o apóstolo será sempre designado com o seu nome romano: Paulo.

<sup>p</sup> *Homem* é acrescento da tradução.

<sup>q</sup> A cegueira de Paulo tem, para além da sua literalidade, um significado mais amplo, tendo como pano de fundo uma imagem bíblica, que sugere, para além de uma deficiência física, uma escuridão espiritual e existencial (cf. Is 6,9s; Jn 9,39ss; 2Cor 3,3; At 28,26ss).

<sup>r</sup> Lit.: *acreditou* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> Depois de Pafos, na ilha de Chipre, a viagem desenrola-se em duas etapas: por mar até Perga (que distava 18 km de Atalia, hoje Antalia) e por via terrestre até Antioquia da Pisídia, percorrendo a *Via Sebaste* (uma larga via militar romana, que atravessava a Panfília; esta distância de c. 240 km demorava doze dias a percorrer e não estava isenta de perigos (2Cor 11,26).

<sup>t</sup> Antioquia da Pisídia distava c. 160 km de Perga e era um centro administrativo da província romana da Galácia, onde vivia uma considerável comunidade judaica.

<sup>u</sup> Lit.: *em dia de sábado*.

sentaram-se.<sup>15</sup> Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: «Irmãos<sup>a</sup>, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, falai».

### Discurso de Paulo em Antioquia<sup>b</sup>

<sup>16</sup> Paulo levantou-se, fez um sinal com a mão e disse: «Homens de Israel, e vós que sois tementes a Deus, ouvi! <sup>17</sup> O Deus deste povo de Israel escolheu os nossos pais e fez deles um grande povo<sup>c</sup>, enquanto este viveu como estrangeiro na terra do Egito. Retirou-os de lá com o seu braço poderoso <sup>18</sup>e, durante cerca de quarenta anos, suportou<sup>d</sup> a sua conduta no deserto. <sup>19</sup> E depois de destruir sete nações na terra de Canaã, concedeu-lhes em herança essa terra, <sup>20</sup> por cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disto, deu-lhes juízes, até ao profeta Samuel. <sup>21</sup> Em seguida, pediram um rei, e Deus deu-lhes Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, que reinou<sup>e</sup> por quarenta anos. <sup>22</sup> Acabou, porém, por depô-lo, e elevou David<sup>f</sup> como rei, de quem deu testemunho, dizendo: «*Encontrei David*, filho de Jessé, *homem segundo o meu coração*, que fará sempre a minha vontade». <sup>23</sup> Da sua descendência, e de acordo com a promessa, Deus trouxe a Israel um Salvador, que é Jesus. <sup>24</sup> Antes da sua vinda, João tinha proclamado a todo o povo de Israel um batismo de conversão. <sup>25</sup> Quando estava a terminar a sua missão, João<sup>g</sup> dizia: “Eu não sou quem vós julgais<sup>h</sup>! Mas eis que depois de mim vem Alguém a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés”. <sup>26</sup> Irmãos<sup>i</sup>, filhos da estirpe de Abraão, e todos vós que sois tementes a Deus, foi a nós<sup>j</sup> que esta Palavra de salvação foi enviada. <sup>27</sup> Os que habitam em Jerusalém e os seus chefes não reconheceram Jesus<sup>k</sup>, mas, ao condená-lo, cumpriram as palavras dos profetas que se leem todos os sábados. <sup>28</sup> Embora não encontrassem nenhuma razão para o condenar à morte<sup>l</sup>, pediram a Pilatos que o mandasse matar. <sup>29</sup> Quando se consumou tudo o que estava escrito a seu respeito, desceram-no do madeiro e puseram-no no sepulcro. <sup>30</sup> Mas Deus ressuscitou-o dos mortos, <sup>31</sup> e Ele apareceu

<sup>a</sup> Lit.: *bomens irmãos*.

<sup>b</sup> Também aqui, como de costume, Paulo começa por anunciar o evangelho na sinagoga (cf. 9,20; 14,1; 17,1; 18,4.19; 19,8). Este discurso, à semelhança de outros (2,38ss; 3,19-26), estrutura-se em quatro secções: introdução (vv.17-22); instrução cristológica sobre a vida de Jesus (vv.23-25); fundamentação bíblica do querigma em que se incluí um resumo da história da salvação (vv.26-37); exortação final (vv.38-41). Paulo parece proferir aqui uma homilia sinagoga, sobretudo a partir de textos proféticos, e desenvolve um comentário típico do *midrash* a 2Sm 7,6-16, reinterpretando a passagem à luz das novas circunstâncias da comunidade de Antioquia.

<sup>c</sup> Lit.: *e elevou o povo*.

<sup>d</sup> Alguns mss. seguiram Dt 1,31 (LXX) e leem *sustentou* em vez do mais atestado *suportou*.

<sup>e</sup> *Que reinou* é acrescido da tradução.

<sup>f</sup> O uso do verbo *eleva/erguer* permite a Lucas apresentar David como uma figura-tipo de Jesus erguido na ressurreição. Para tal, combina o Sl 89,21 e 1Sm 13,14.

<sup>g</sup> Lit.: *quando João completava a corrida*.

<sup>h</sup> Lit.: *O que julgais que eu sou? Eu não sou*.

<sup>i</sup> Lit.: *Homens irmãos*.

<sup>j</sup> Vários mss. leem *a vós*.

<sup>k</sup> Lit.: *não o reconheceram*.

<sup>l</sup> Lit.: *razão de morte*.

durante muitos dias àqueles que tinham subido com Ele da Galileia para Jerusalém e que são agora suas testemunhas diante do povo.

<sup>32</sup>E nós vos anunciamos a boa nova de que a promessa feita aos nossos<sup>m</sup> pais, <sup>33</sup>Deus a cumpriu para nós, os filhos deles, ao ressuscitar Jesus, tal como está escrito no salmo segundo:

*Tu és meu filho, Eu hoje te gerei<sup>n</sup>.*

<sup>34</sup>E quanto ao facto de o ter ressuscitado dos mortos, para nunca mais voltar à corrupção, já Deus tinha dito: «*Cumprirei para vós as santas promessas feitas a David, que são dignas de fé<sup>o</sup>*».

<sup>35</sup>Por isso, diz também noutra passagem:

*«Não permitirás que o teu santo sofra a corrupção»<sup>p</sup>.*

<sup>36</sup>Ora, David, depois de ter cumprido, durante a sua vida<sup>q</sup>, o desígnio de Deus, morreu<sup>r</sup>, foi juntar-se aos seus pais e sofreu a corrupção; <sup>37</sup>mas Aquele que Deus ressuscitou não sofreu a corrupção. <sup>38</sup>Portanto, irmãos<sup>s</sup>, ficai a saber que é por Jesus<sup>t</sup> que vos é anunciado o perdão dos pecados, de tudo aquilo de que não pudestes ser justificados<sup>u</sup> pela lei de Moisés: <sup>39</sup>é nele que é justificado todo aquele que acredita.

<sup>40</sup>Tende, pois, cuidado, para que não aconteça<sup>v</sup> o que está dito nos Profetas:

<sup>41</sup>«*Vede, vós que olhais com desprezo<sup>w</sup>,*

*admirai-vos e escondei-vos!*

*Porque nos vossos dias Eu vou realizar uma obra, uma obra em que jamais acreditaríeis, se alguém vos contasse»<sup>x</sup>.*

<sup>42</sup>À saída, exortavam Paulo e Barnabé<sup>y</sup> a que lhes falassem destas coisas no sábado seguinte. <sup>43</sup>Dissolvida a assembleia<sup>z</sup>, muitos judeus e prosélitos<sup>aa</sup> piedosos seguiram Paulo e Barnabé que, conversando com eles, os iam persuadindo a permanecerem na graça de Deus.

<sup>m</sup> *Nossos* é acrescento da tradução.

<sup>n</sup> Sl 2,7.

<sup>o</sup> Is 55,3 (LXX). Lit.: *dar-vos-ei as coisas santas de David, as fiéis*.

<sup>p</sup> O grego, neste v. e nos dois seguintes, utiliza a expressão idiomática *ver a corrupção*. Sl 15,10 (LXX).

<sup>q</sup> Lit.: *na sua própria geração*.

<sup>r</sup> Lit.: *adormeceu*.

<sup>s</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>t</sup> Lit.: *Este*.

<sup>u</sup> Tendo em conta que, para muitos autores, Lucas reflete a teologia paulina, não deixa de ser surpreendente que o verbo *justificar*, tão importante e comum nas cartas paulinas, surja em At somente aqui. Para os conceitos de *justiça* e *justificação*, cf. Rm 1,17 nota.

<sup>v</sup> Vários mss. acrescentam *para vós*.

<sup>w</sup> *Desprezadores*. A incredulidade e a rejeição por parte dos judeus são um tema comum em At (13,5; 28,26s).

<sup>x</sup> Hab 1,5.

<sup>y</sup> *Paulo e Barnabé* é acrescento da tradução.

<sup>z</sup> Lit.: *a sinagoga*.

<sup>aa</sup> Cf. 2,11 nota.

## Paulo e Barnabé falam aos pagãos

<sup>44</sup>No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para escutar a palavra do Senhor<sup>a</sup>. <sup>45</sup>Ao verem as multidões, os judeus encheram-se de inveja e, com palavras injuriosas, contradiziam o que era dito por Paulo. <sup>46</sup>Falando corajosamente, Paulo e Barnabé disseram: «Era a vós que era necessário anunciar, em primeiro lugar, a palavra de Deus. Uma vez, porém, que a rejeitais e não vos julgais dignos da vida eterna, voltamo-nos<sup>b</sup> para os pagãos. <sup>47</sup>De facto, foi assim que nos ordenou o Senhor: Fiz de ti luz das nações, para lebares a salvação até aos confins da terra<sup>c</sup>.

<sup>48</sup>Ao ouvir isto, os pagãos alegravam-se e glorificavam a palavra de Deus, e todos os que estavam destinados à vida eterna abraçaram a fé<sup>d</sup>. <sup>49</sup>A palavra do Senhor divulgava-se por toda a região. <sup>50</sup>Mas os judeus, instigando as mulheres piedosas que eram de elevado estatuto e os notáveis<sup>e</sup> da cidade, desencadearam uma perseguição contra Paulo e Barnabé, e expulsaram-nos do seu território. <sup>51</sup>Então estes, sacudindo contra eles o pó dos pés, foram para Icónio. <sup>52</sup>Quanto aos discípulos, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

## 14 Paulo e Barnabé em Icónio

<sup>1</sup>Em Icónio<sup>f</sup>, Paulo e Barnabé entraram<sup>g</sup>, como de costume<sup>h</sup>, na sinagoga dos judeus e falaram de tal modo que uma grande multidão de judeus e de gregos<sup>i</sup> abraçou a fé<sup>j</sup>. <sup>2</sup>Porém, os judeus que se recusaram a acreditar<sup>k</sup> incitaram e envenenaram os ânimos dos pagãos contra os irmãos. <sup>3</sup>Apesar disso<sup>l</sup>, eles detiveram-se ali muito tempo, falando corajosamente do Senhor, que dava testemunho à Palavra da sua graça, ao conceder-lhe que, pelas suas mãos, se realizassem sinais e prodígios. <sup>4</sup>Então a população da cidade dividiu-se: uns estavam com os judeus e outros com os apóstolos<sup>m</sup>. <sup>5</sup>Entretanto, os pagãos e os judeus, conduzidos pelos respetivos chefes, planearam

<sup>a</sup> Vários mss. leem *de Deus*.

<sup>b</sup> O grego antepõe *eis (que)/ vé* (cf. Mt 2,13 nota).

<sup>c</sup> Is 49,6 (LXX), em citação livre (lit.: *para que tu existas para salvação, até aos confins da terra*), aplicável a Paulo (At 26,17s; Rm 11,13; 1Tm 2,7; Ef 3,8) ou a Cristo ressuscitado (At 26,23), que se torna luz das nações por meio do testemunho dos apóstolos. Lucas pretende mostrar que a universalidade da salvação já fazia parte da fé de Israel.

<sup>d</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>e</sup> Lit.: *os primeiros*.

<sup>f</sup> Icónio (atual Konya), capital da província da Licaónia, um centro de comércio daquela região e povoada por frígios helenizados em diferentes graus, situava-se, pela *Via Sebaste*, a c. 150 km a sudeste de Antioquia da Pisídia. 2Tm 3,11 associa Antioquia, Lистра e Icónio à perseguição a Paulo. Lucas narra esta missão em Icónio de modo paralelo à de Antioquia.

<sup>g</sup> Lit.: *aconteceu que em Icónio eles entraram*.

<sup>h</sup> Ou *juntos*.

<sup>i</sup> Ou seja, os não judeus (18,4; 19,10.17; 20,21; 11,20).

<sup>j</sup> Lit.: *acreditou* (cf. 2,44 nota).

<sup>k</sup> *A acreditar* é acréscimo da tradução.

<sup>l</sup> *Apesar disso* é acréscimo da tradução.

<sup>m</sup> *Apóstolos* designa aqui os *enviados* (Paulo e Barnabé) da Igreja de Antioquia; na obra lucana, o termo refere-se normalmente aos que pertencem ao grupo dos doze apóstolos (1,2.26; 4,33; 16,4).

maltratá-los e apedrejá-los<sup>n</sup>. <sup>6</sup>Conscientes da situação, foram refugiar-se em Listra e Derbe, cidades da Licaónia, e nos arredores; <sup>7</sup>e também ali anunciavam o evangelho.

### Paulo e Barnabé em Listra

<sup>8</sup>Ora, em Listra<sup>o</sup>, estava sentado um homem que era inválido dos pés, coxo de nascença<sup>p</sup>, que nunca tinha andado. <sup>9</sup>Um dia<sup>q</sup> ouviu Paulo falar, e este, fixando nele o olhar e vendo que tinha fé para ser salvo, <sup>10</sup>disse com voz forte: «Levanta-te<sup>r</sup>, e fica firme sobre os teus pés<sup>s</sup>». Ele deu um salto e começou a andar. <sup>11</sup>Ao verem o que Paulo tinha feito, as multidões puseram-se a gritar<sup>t</sup> em licaónio, dizendo: «Os deuses tomaram forma humana e desceram até nós!»<sup>u</sup>. <sup>12</sup>E chamavam Zeus a Barnabé e Hermes a Paulo, visto que era este quem falava<sup>v</sup>. <sup>13</sup>Então o sacerdote de Zeus, cujo templo ficava à entrada da cidade, trouxe touros e grinaldas para as portas do templo<sup>w</sup> e, juntamente com a multidão, queria oferecer-lhes um sacrifício. <sup>14</sup>Ao ouvir isto, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as suas vestes e precipitaram-se para a multidão, gritando <sup>15</sup>e dizendo: «Homens, que estais a fazer? Também nós somos humanos, de uma natureza igual à vossa<sup>x</sup>. Anunciamos-vos, porém, o evangelho que vos fará abandonar estes ídolos<sup>y</sup> e voltar-vos para o Deus vivo<sup>z</sup> *que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe*<sup>aa</sup>. <sup>16</sup>Nas gerações passadas, Ele permitiu que todas as nações seguissem os seus caminhos. <sup>17</sup>Ainda assim, foi dando testemu-

<sup>n</sup> Lit.: *mas como surgiu um ataque de pagãos e de judeus, com os chefes deles, para maltratar e apedrejar.*

<sup>o</sup> Listra, uma colónia romana e pátria de Timóteo, situava-se a c. 40 km a sudoeste de Icónio, na *Via Sebaste*, nas fronteiras da província romana da Galácia. A cura feita por Paulo é semelhante àquela realizada por Pedro no templo (3,1-11), o que evidencia a tendência lucana para os paralelismos, como forma de sublinhar a continuidade na história da salvação e na única missão da Igreja.

<sup>p</sup> Lit.: *desde o ventre de sua mãe.*

<sup>q</sup> *Um dia* é acrescento da tradução.

<sup>r</sup> Vários mss. apresentam: *digo-te, em nome do Senhor Jesus Cristo, levanta-te.*

<sup>s</sup> Lit.: *levanta-te direito sobre os teus pés.*

<sup>t</sup> Lit.: *ergueram a voz.*

<sup>u</sup> Lit.: *os deuses foram feitos semelhantes a homens e desceram.* De acordo com a piedade helenista, os deuses tomavam por vezes forma humana para visitar o mundo terrestre, uma crença que podemos ler já em Homero (cf., por ex., *Odiseia* VI, 280; XVII, 483). O culto a Zeus estava bastante difundido, bem como, na região da Frígia, a lenda de Báucis e Filémon, segundo a qual Zeus (Júpiter) e Hermes (Mercúrio), o porta-voz dos deuses e o deus da interpretação) tinham outrora vindo visitar o mundo dos humanos disfarçados de camponeses, tendo sido acolhidos apenas por Báucis e Filémon (cf. Ovídio, *Metamorfoses* VIII, 611-628).

<sup>v</sup> Lit.: *o que conduzia a palavra.* Hermes, na qualidade de mensageiro dos deuses, era também considerado o deus da oratória.

<sup>w</sup> *Templo* (nas duas ocorrências) é acrescento da tradução.

<sup>x</sup> Ou *sufredores semelhantes a vós*. Esta resposta prepara o discurso no areópago (17,22-31), no qual, por se dirigir a pagãos, Paulo também omite as referências bíblicas à história da salvação que esses interlocutores não conheciam (cf. Ex 20,11; Sl 146,6). Não cita, por isso, neste discurso, nem o querigma nem a cristologia. Em vez disso, reafirma a sua humanidade (14,15a), a fé no Deus criador (v.15b), a paciência de Deus (v.16) e a generosidade do Criador (v.17).

<sup>y</sup> Lit.: *estas coisas vãs.*

<sup>z</sup> Lit.: *que vós vos volteis destas coisas vãs para o Deus vivo.*

<sup>aa</sup> Ex 20,11; Sl 146,6.

nho de si mesmo<sup>a</sup> e nunca deixou de ser benevolente, ao conceder-vos as chuvas do céu e as estações férteis e ao saciar de alimento e de alegria os vossos corações». <sup>18</sup>E mesmo dizendo isto, foi a custo que impediram as multidões de lhes oferecer um sacrifício<sup>b</sup>.

<sup>19</sup>Chegaram, então, alguns judeus de Antioquia e de Icônio, que instigaram as multidões; apedrejaram Paulo e, pensando que estava morto, arrastaram-no para fora da cidade. <sup>20</sup>Mas quando os discípulos o rodearam, ele acabou por se levantar e entrar de novo na cidade. No dia seguinte, partiu com Barnabé para Derbe<sup>c</sup>.

### Regresso a Antioquia da Síria

<sup>21</sup>Depois de terem anunciado o evangelho naquela cidade e feito um considerável número de discípulos, voltaram a Listra, a Icônio e a Antioquia. <sup>22</sup>Iam fortalecendo o ânimo dos discípulos e exortando-os a perseverar na fé<sup>d</sup>, porque – diziam eles<sup>e</sup> – «é necessário que passemos por muitas tribulações para entrar no reino de Deus».

<sup>23</sup>Designaram-lhes, então, anciãos<sup>f</sup> para cada Igreja e, após terem rezado e jejuado<sup>g</sup>, confiaram-nos ao Senhor, em quem tinham acreditado. <sup>24</sup>Atravessando a Pisídia, foram para a Panfília <sup>25</sup>e, depois de terem anunciado a Palavra<sup>h</sup> em Perga, desceram até Atalia. <sup>26</sup>De lá, embarcaram para Antioquia, onde tinham sido confiados à graça do Senhor para a obra que acabavam de cumprir. <sup>27</sup>Ao chegar, reuniram a Igreja e contaram tudo quanto Deus realizara com eles e como abria aos pagãos a porta da fé. <sup>28</sup>E ali ficaram, durante muito tempo, com os discípulos.

## 15<sup>o</sup> concílio de Jerusalém<sup>i</sup>

<sup>1</sup>Entretanto, alguns homens, que tinham descido da Judeia, começaram a ensinar aos irmãos: «Se não vos circuncidardes, segundo o costume de Moisés, não

<sup>a</sup> Lit.: *não se deixou a si próprio sem testemunha*.

<sup>b</sup> Alguns mss. acrescentam *e foi cada um para sua casa*.

<sup>c</sup> Derbe situava-se no centro-sul da Anatólia (atual Turquia), na principal estrada que ligava Icônio a Laranda. Era a cidade onde vivia Gaio, um dos companheiros de Paulo (19,29; 20,4) e foi o ponto mais a oriente a que Paulo e Barnabé chegaram na primeira viagem missionária.

<sup>d</sup> *Firmes na fé*, ou seja, na vida cristã (11,23; 13,43).

<sup>e</sup> *Diziam eles* é acresceto da tradução.

<sup>f</sup> Os anciãos (*lit.: presbíteros*) nunca são referidos nas cartas autorais de Paulo. Todavia, parecem constituir já um ministério estabilizado em At e no fim do período neotestamentário (cf. 1Pd 5,1,5; 1Tm 5; Tt 1,5).

<sup>g</sup> Lit.: *rezando com jejuns*.

<sup>h</sup> Vários mss. acrescentam *do Senhor*.

<sup>i</sup> Esta imagem da *porta da fé* é usada também por Paulo nas suas cartas (1Cor 16,5; 2Cor 2,12; Cl 4,3).

<sup>j</sup> O relato deste encontro estrutura-se em cinco partes: contexto (vv.1-6); discurso de Pedro (vv.7-12); discurso de Tiago (vv.13-21); decreto apostólico (vv.22-29); receção da decisão na Igreja de Antioquia da Síria (vv.30-35). Talvez devido à tendência que tem para oferecer uma imagem modelar da Igreja, Lucas não refere o incidente de Antioquia que, segundo Gl 2,11-14, sucedeu pouco tempo depois deste encontro.

podeis ser salvos»<sup>k</sup>. <sup>2</sup>Gerou-se, assim, uma intensa discussão<sup>l</sup>, em que Paulo e Barnabé se lhes opuseram. Decidiram, então, que Paulo e Barnabé, e mais alguns de entre eles, subissem a Jerusalém, para consultar<sup>m</sup> os apóstolos e os anciãos a propósito desta controvérsia. <sup>3</sup>Assim, enviados pela Igreja, eles atravessaram a Fenícia e a Samaria, onde iam narrando a conversão dos pagãos, o que causava uma grande alegria a todos os irmãos. <sup>4</sup>Chegados a Jerusalém, foram recebidos pela Igreja, pelos apóstolos<sup>n</sup> e pelos anciãos, e contaram tudo o que Deus realizara com eles. <sup>5</sup>Levantaram-se, então, alguns da facção dos fariseus, que tinham abraçado a fé<sup>o</sup>, e disseram: «É necessário circuncidá-los e ordenar-lhes que guardem a lei de Moisés».

<sup>6</sup>Reuniram-se, então, os apóstolos e os anciãos para examinar o assunto.

### Discurso de Pedro

<sup>7</sup>Depois de muita discussão, Pedro, levantou-se e disse-lhes: «Irmãos<sup>p</sup>, vós sabeis que, desde os primeiros dias, Deus me escolheu de entre vós para que, pela minha boca, os pagãos ouvissem a palavra do evangelho e abraçassem a fé<sup>q</sup>. <sup>8</sup>E Deus, que conhece os corações, deu testemunho a favor deles, ao conceder-lhes o Espírito Santo como a nós; <sup>9</sup>não fez qualquer distinção entre nós e eles, purificando com a fé os seus corações. <sup>10</sup>Então porque tentais agora Deus<sup>r</sup>, impondo sobre o pescoço dos discípulos um jugo que nem os nossos pais, nem nós próprios fomos capazes de suportar? <sup>11</sup>Aliás, nós acreditamos que é pela graça do Senhor Jesus<sup>s</sup> que somos salvos, tal como eles».

<sup>12</sup>Então toda a assembleia<sup>t</sup> fez silêncio e começou a ouvir Barnabé e Paulo, que contaram todos os sinais e prodígios que, por meio deles, Deus tinha realizado entre os pagãos.

<sup>k</sup> A circuncisão está prescrita na Torá, mas uma tradição judaica de pendor deuteronomista fá-la remontar a Abraão (Gn 17,9-14; cf. Rm 4,9-12), considerando-a imprescindível para a salvação. Tal ideia anulada, consequentemente, o significado soteriológico do mistério pascal de Jesus. Era, pois, necessário resolver esta questão e mostrar, a partir da experiência missionária de Paulo e Barnabé, não só a exclusividade da salvação através da fé em Cristo, como a sua gratuidade. Este problema tornar-se-á mais agudo na segunda viagem missionária de Paulo, aquando da fundação das comunidades cristãs na Galácia.

<sup>l</sup> Lit.: *discussão e não pequena controvérsia*.

<sup>m</sup> *Consultar* é acrescento da tradução.

<sup>n</sup> Esta informação concorda com Gl 2,2-9, em que Pedro e João são referidos, juntamente com Tiago e um grupo de anciãos.

<sup>o</sup> Lit.: *que acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>p</sup> Lit.: *bomens irmãos*.

<sup>q</sup> Lit.: *acreditassem* (cf. 2,44 nota).

<sup>r</sup> Colocar o Senhor à prova constituiu o pecado de Israel depois do êxodo, no deserto de Refidim (Ex 17,2). Se a salvação dependesse de algo que não a gratuidade de Deus em Cristo, isso seria desqualificá-la e torná-la ineficaz, pelo que a questão era de suma importância: estava em causa não um rito ou prática judaica, mas a própria salvação oferecida por Cristo de uma vez para sempre e para todos.

<sup>s</sup> Alguns mss. acrescentam *Cristo*.

<sup>t</sup> Lit.: *multidão*.

### Discurso de Tiago<sup>a</sup>

<sup>13</sup>Quando eles acabaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse<sup>b</sup>: «Irmãos<sup>c</sup>, escutai-me. <sup>14</sup>Simão explicou-nos como, desde o princípio Deus, visitou os pagãos, para, de entre eles, formar um povo consagrado ao seu nome<sup>d</sup>. <sup>15</sup>E com isto concordam as palavras dos profetas, tal como está escrito:

<sup>16</sup>«*Depois disto, hei de voltar e reconstruir a tenda<sup>e</sup> de David que estava caída; hei de reconstruir as suas ruínas e reerguê-la, para que o resto dos homens procure o Senhor, bem como todas as nações sobre as quais o meu nome foi invocado*» – diz o Senhor, que tornou estas coisas<sup>f</sup> <sup>18</sup>conhecidas desde sempre.

<sup>19</sup>Por isso, considero que não se deve importunar os pagãos que se convertem a Deus, <sup>20</sup>basta escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da promiscuidade, dos animais<sup>g</sup> estrangulados e do sangue. <sup>21</sup>Desde as gerações antigas que Moisés tem quem o proclame em cada cidade, pois é lido todos os sábados nas sinagogas».

### Decreto apostólico

<sup>22</sup>Então pareceu bem aos apóstolos, aos anciãos e a toda a Igreja de Jerusalém<sup>h</sup> escolher de entre eles alguns homens, para os enviar a Antioquia com Paulo e Barnabé: eram eles Judas, chamado Barsabás, e Silas<sup>i</sup>, homens respeitados entre os irmãos; <sup>23</sup>e enviaram por eles esta carta<sup>j</sup>: «Os apóstolos e anciãos, vossos irmãos, saúdam-vos, a vós, irmãos de origem pagã, que estais em Antioquia, na Síria e na Cilícia! <sup>24</sup>Ao ouvir dizer que, sem terem recebido instruções nossas nesse sentido, alguns de nós

<sup>a</sup> O discurso de Tiago tem uma estrutura semelhante à do de Pedro: destinatários e contexto (v.13s); argumentação baseada na Escritura (vv.15-18); decisão (vv.19-21).

<sup>b</sup> Lit.: *com o eles calarem-se, respondeu Tiago, dizendo.*

<sup>c</sup> Lit.: *homens irmãos.*

<sup>d</sup> Lit.: *como primeiramente Deus visitou para tomar um povo dos pagãos para o seu nome.*

<sup>e</sup> A referência à tenda de David permite a Lucas uma leitura eclesiológica, e não étnica, do novo povo de Deus, que é a Igreja. Os pagãos convertidos ao evangelho não são um grupo nem paralelo, nem substitutivo de Israel, mas a realização da promessa de salvação universal anunciada a Israel (Gn 12,3; Is 65,1).

<sup>f</sup> Lucas cita a versão dos LXX de Am 9,12 que, na sua tradução, lê o hebraico *Edom* como *Adam* (*humanidade*, ou seja, *o resto dos homens* do v.17) e o *yarash* (*herdar*) como *ydrash* (*procurar*).

<sup>g</sup> *Animais* é acrescento da tradução.

<sup>h</sup> *Jerusalém* é acrescento da tradução.

<sup>i</sup> Silas tornar-se-á colaborador de Paulo (2Cor 1,19) na segunda viagem (15,40-18,5).

<sup>j</sup> Lit.: *escrevendo pela mão deles.* Neste que é conhecido como o primeiro decreto apostólico, Tiago representa a tradição palestina e assume neste debate uma posição intermédia, colocando quatro prescrições judaicas aos pagãos, de acordo, sobretudo, com o código de santidade de Lv 17-18: abstenção das carnes imoladas aos ídolos (1Cor 8; 10,14-33; Sir 40,29; Ml 1,7.12; Dn 1,8); proibição das uniões ilícitas e imorais segundo a Lei (Lv 18,6-18; Tb 4,12; Sir 23,23; Gn 38,15; Jz 11,1; Os 1,2; Ez 16,30; Jr 3,6; Sb 14,12); proibição das carnes provenientes de animais sufocados (Lv 17,10); proibição do sangue (que no judaísmo, tal como em muitas outras culturas, é a sede da vida: cf. Lv 17,10-14; 3,17; 7,26; Dt 12,16.23).

vos foram perturbar com palavras que inquietaram as vossas almas, <sup>25</sup>pareceu-nos bem, depois de chegarmos a um acordo, escolher uns quantos homens para vo-los enviar, juntamente com os nossos caros Barnabé e Paulo, <sup>26</sup>homens que expuseram as suas vidas pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. <sup>27</sup>Enviamos-vos, pois, Judas e Silas, que de viva voz<sup>k</sup> vos darão conta disto mesmo. <sup>28</sup>Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum outro peso, para além das seguintes obrigações: <sup>29</sup>abster-vos das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, dos animais estrangulados e da promiscuidade. Fareis bem em evitar tudo isto. Adeus!<sup>l</sup>».

<sup>30</sup>Depois de se terem despedido, desceram, então, a Antioquia e, reunindo a assembleia<sup>m</sup>, entregaram a carta. <sup>31</sup>Quando a leram, todos<sup>n</sup> se alegraram com a exortação. <sup>32</sup>Judas e Silas, que também eram profetas, exortaram e fortaleceram os irmãos com um longo discurso. <sup>33</sup>Tendo passado ali algum tempo, os irmãos despediram-se deles com o beijo da paz<sup>o</sup>, e eles voltaram<sup>p</sup> para aqueles que os tinham enviado. <sup>[34]q</sup> <sup>35</sup>Paulo e Barnabé, porém, ficaram em Antioquia, onde, com muitos outros, ensinavam e anunciavam o evangelho da palavra do Senhor.

## 2ª VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (15,36 – 18,22)

### Desacordo entre Paulo e Barnabé<sup>r</sup>

<sup>36</sup>Alguns dias depois, Paulo disse a Barnabé: «Voltemos agora<sup>s</sup> e visitemos os irmãos em todas as cidades em que anunciámos a palavra do Senhor, para ver como estão». <sup>37</sup>Barnabé queria levar também João, a quem chamam Marcos, <sup>38</sup>mas Paulo considerava que não deviam levar consigo aquele que os deixara na Panfília e não os acompanhara na obra. <sup>39</sup>Gerou-se, então, uma tal discussão que eles acabaram por se separar um do outro. Barnabé tomou consigo Marcos e embarcou para Chipre. <sup>40</sup>Paulo, por sua vez, escolheu Silas e partiu, depois de ter sido confiado pelos irmãos à graça do Senhor<sup>t</sup>. <sup>41</sup>E atravessou a Síria e a Cilícia<sup>u</sup>, confirmando as Igrejas.

<sup>k</sup> Lit.: *por palavra*.

<sup>l</sup> Lit.: *para além destas coisas, que [são] necessariamente*.

<sup>m</sup> Lit.: *multidão*.

<sup>n</sup> *Todos* é acrescento da tradução.

<sup>o</sup> Lit.: *com paz*.

<sup>p</sup> *Voltaram* é acrescento da tradução.

<sup>q</sup> Alguns mss apresentam: *Mas a Silas pareceu bem ficar ali*.

<sup>r</sup> A separação de Barnabé e João Marcos em relação a Paulo e Silas parece ter sido motivada pelas perspetivas diferentes diante do problema da sujeição, ou não, à Lei, por parte dos cristãos vindos do paganismo, com Barnabé e João Marcos ainda apegados às tradições judaicas. Paulo e Silas seguem sozinhos em direção à Grécia, para anunciar o evangelho aos pagãos, sem ser necessário impor qualquer prescrição da lei mosaica, tal como tinha ficado acordado em Jerusalém (vv.24-29).

<sup>s</sup> *Agora* é acrescento da tradução.

<sup>t</sup> Vários mss. leem *de Deus*.

<sup>u</sup> No caminho evangelizador que o dirige para ocidente e que o vai levar à Macedónia (16,6-17,5) e à Grécia – nomeadamente a Atenas (17,16-34) e a Corinto (18,1-17), onde redigirá 1Ts –, Paulo visita as comunidades fundadas na primeira viagem.

## 16 Viagem para a Macedónia. Escolha de Timóteo

**1**<sup>1</sup>Paulo chegou a Derbe e a Listra. Ali havia<sup>a</sup> um discípulo chamado Timóteo<sup>b</sup>, filho de uma judia crente e de pai grego, <sup>2</sup>de quem os irmãos de Listra e de Icónio davam bom testemunho. <sup>3</sup>Paulo quis levá-lo consigo e, por causa dos judeus que viviam naqueles lugares, tomou-o e fê-lo circuncidar-se<sup>c</sup>, pois todos sabiam que o seu pai era grego. <sup>4</sup>Ao passarem pelas cidades, transmitiam aos irmãos<sup>d</sup> as decisões tomadas<sup>e</sup> pelos apóstolos e pelos anciãos de Jerusalém, para que as observassem. <sup>5</sup>As Igrejas eram, assim, confirmadas na fé e todos os dias cresciam em número.

<sup>6</sup>Visto que o Espírito Santo os tinha impedido de anunciar a Palavra na Ásia, Paulo e Silas<sup>f</sup> atravessaram a Frígia e a região da Galácia. Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram ir para a Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. <sup>8</sup>Atravessaram, então, a Mísia e desceram a Tróade<sup>g</sup>. <sup>9</sup>Durante a noite, Paulo teve uma visão<sup>h</sup>: um homem, um macedónio, de pé, suplicava-lhe, dizendo: «Vem à Macedónia e ajuda-nos!». <sup>10</sup>Logo que ele teve esta visão, procurámos partir de imediato para a Macedónia, convencidos de que Deus<sup>i</sup> nos tinha chamado a anunciar-lhes o evangelho.

## Paulo em Filipos

<sup>11</sup>Embarcando em Tróade, fomos<sup>j</sup> diretamente para Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis. <sup>12</sup>Dali fomos para Filipos, uma colónia romana<sup>k</sup>, que é a principal cidade daquela parte da Macedónia, e ficámos nessa cidade alguns dias. <sup>13</sup>No sába-

<sup>a</sup> O grego antepõe *eis (que)/ vé* (cf. Mt 2,13 nota).

<sup>b</sup> Timóteo, companheiro de Paulo nas suas viagens missionárias (cf. 17,14s; 18,5; 19,22; 20,4; Flp 2,19-24) é aqui mencionado pela primeira vez. Segundo 2Tm 1,5, a sua mãe chamava-se Eunice. A sua dupla ascendência é uma imagem da Igreja que, na esteira de Pedro, Paulo continua a formar: composta por membros provenientes da tradição judaica e do mundo pagão.

<sup>c</sup> A circuncisão de Timóteo é estranha, tendo em conta não só o que foi acordado em Jerusalém (15,5-11), como o facto de a circuncisão não ter sido imposta a Tito (Gl 2,3). Poderá, no entanto, justificar-se como uma cedência pastoral de Paulo, no contexto da sua intenção de se fazer *tudo para todos* (1Cor 9,20ss).

<sup>d</sup> Lit.: *transmitiam-lhes*.

<sup>e</sup> Lit.: *os dogmas julgados*. Paulo transmite às Igrejas da Panfília, da Pisídia e da Licaónia as decisões tomadas no concílio de Jerusalém. Todavia, o apóstolo nunca refere este decreto apostólico nas suas cartas.

<sup>f</sup> *Paulo e Silas* é acrescento da tradução.

<sup>g</sup> Tróade era um porto no noroeste da Ásia Menor e colónia romana desde os tempos de Augusto.

<sup>h</sup> Esta é uma das várias visões do apóstolo (18,9s; 22,17-21; 23,11; 27,23s; 2Cor 12,1-7) que antecedem decisões ou circunstâncias que possam pôr em perigo a missão.

<sup>i</sup> Alguns mss. da tradição ocidental leem *Senhor*.

<sup>j</sup> Este *nós* representa o conjunto dos colaboradores de Paulo, sendo esta a primeira de um conjunto de secções em que estes são incluídos na narrativa (20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16). O episódio divide-se em cinco partes: de Tróade a Filipos (vv.11s); conversão de Lídia (vv.13ss); exorcismo e prisão de Paulo e Silas (vv.16-24); libertação da prisão (vv.25-34); saída da cidade (vv.35-40).

<sup>k</sup> *Romana* é acrescento da tradução. Filipos foi fundada em 358 a.C. por Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre Magno, e passou para a autoridade romana em 168 a.C. (cf. introdução a Flp). Situava-se na *Via Egnatia* e possuía administração própria, pois era uma cidade colónia do império romano desde o ano 30 a.C. (cf. introdução a Flp). Beneficiava de um governo autónomo, de isenção fiscal e do direito romano. As dificuldades da evangelização em Filipos são confirmadas pelas informações constantes no epistolário paulino: cf. 1Ts 2,2; 2Cor 7,5.

do<sup>1</sup>, saímos pelas portas da cidade até junto do rio<sup>m</sup>, onde pensávamos que havia um lugar de oração. Sentámo-nos e começámos a falar às mulheres ali reunidas. <sup>14</sup>Estava a ouvir-nos uma mulher que adorava a Deus<sup>n</sup>, chamada Lídia, uma vendedora de púrpura da cidade de Tiatira. O Senhor abriu-lhe o coração, para aderir ao que era dito por Paulo. <sup>15</sup>Quando foi batizada<sup>o</sup>, ela e os da sua casa, suplicou-nos, dizendo: «Se me julgais fiel ao Senhor, vinde e ficai em minha casa». E obrigou-nos a aceitar<sup>p</sup>.

### A escrava com espírito de adivinhação

<sup>16</sup>Certo dia, quando íamos<sup>q</sup> para o lugar da oração<sup>r</sup>, veio ao nosso encontro uma jovem serva, que tinha um espírito de adivinhação<sup>s</sup> e que, com os seus oráculos<sup>t</sup>, dava muito lucro aos seus senhores. <sup>17</sup>Ela pôs-se a seguir-nos, a Paulo e nós, gritando<sup>u</sup>: «Estes homens são servos do Deus altíssimo e anunciam-vos<sup>v</sup> o caminho da salvação». <sup>18</sup>Fez isto durante muitos dias, até que Paulo, já irritado, voltou-se para o espírito e disse: «Em nome de Jesus Cristo, ordeno-te que saias dela». E ele saiu naquele mesmo momento.

### Paulo e Silas na prisão

<sup>19</sup>Os seus senhores, ao verem desaparecer a esperança do lucro, agarraram Paulo e Silas e arrastaram-nos para a praça pública, até à presença das autoridades. <sup>20</sup>Apresentando-os aos magistrados<sup>w</sup>, disseram: «Estes homens estão a causar uma grande agitação na nossa cidade; são judeus<sup>21</sup> e apregoam costumes que a nós, que somos romanos, não é lícito admitir nem praticar». <sup>22</sup>Então a multidão amotinou-se contra Paulo e Silas<sup>x</sup>, e os magistrados ordenaram que lhes arrancassem as vestes e os vergastassem. <sup>23</sup>Depois de lhes terem dado muitas chicotadas, lançaram-nos na prisão, ordenando ao carcereiro que os guardasse bem. <sup>24</sup>Este, ao receber tal ordem, atirou-os para a cela mais interior e prendeu-lhes os pés no cepo.

<sup>1</sup> Lit.: *em dia de sábado*.

<sup>m</sup> Filipos não tinha sinagoga, pelo que os judeus praticavam alguns dos rituais de ablução junto ao rio, como sucedia na diáspora judaica (cf. Flávio Josefo, *Ant. Jud.* XIV, 258; Fílon, *In Flaccum*, 122).

<sup>n</sup> A expressão parece equivalente a *temente a Deus* (cf. 2,11 nota).

<sup>o</sup> O processo de conversão de Lídia é muito semelhante ao de Cornélio em Cesareia Marítima (At 10): uma visão inicial motiva o evangelizador (vv.9s); a ação de Deus (v.14); o batismo de toda a família (v.15a); acolhimento de novos crentes naquela casa (v.15b).

<sup>p</sup> *A aceitar* é acrescento da tradução.

<sup>q</sup> Lit.: *aconteceu que indo nós*.

<sup>r</sup> Lit.: *para a oração*.

<sup>s</sup> Lit.: *pitónico*. O adjetivo em grego evoca a capacidade divinatória e provém do facto de uma serpente *piton* guardar os oráculos de Delfos. Os judeus helenistas estigmatizam a prática da mântica como uma atividade idólatrica contrária aos dons proféticos (cf. LXX: Dt 18,10s; 2Rs 17,17; Ez 22,28).

<sup>t</sup> Lit.: *adivinhandos*.

<sup>u</sup> Lit.: *gritava dizendo*.

<sup>v</sup> Vários mss. leem *nos*.

<sup>w</sup> Provavelmente os *duumvíri*, dois magistrados nomeados por um ano e que constituíam a autoridade política da cidade; os seus ajudantes (*lictores*), responsáveis pela execução das sentenças, são referidos nos vv.35.38.

<sup>x</sup> Lit.: *contra eles*.

### Conversão do carcereiro

<sup>25</sup>Pela meia-noite, Paulo e Silas, em oração, cantavam hinos a Deus e os presos escutavam-nos. <sup>26</sup>Subitamente, houve um terramoto<sup>a</sup> tão grande que se abalaram os alicerces da prisão. De imediato, todas as portas se abriram e soltaram-se as cadeias de todos. <sup>27</sup>O carcereiro acordou e viu as portas da prisão abertas. Julgando que os prisioneiros tinham fugido, puxou da espada e estava prestes a matar-se,<sup>28</sup> mas Paulo gritou com voz forte, dizendo: «Não faças nenhum mal a ti mesmo, pois estamos todos aqui». <sup>29</sup>O carcereiro<sup>b</sup> pediu uma luz, correu para dentro e, a tremer, caiu aos pés de Paulo e Silas. <sup>30</sup>Depois levou-os para fora e disse: «Senhores, que é necessário fazer para ser salvo?». <sup>31</sup>Eles responderam: «Acredita no Senhor Jesus<sup>c</sup> e serás salvo, tu e os da tua casa». <sup>32</sup>E anunciaram-lhe a palavra do Senhor, bem como a todos os que viviam em sua casa. <sup>33</sup>Então ele tomou-os consigo àquela hora da noite, lavou-lhes as feridas e foi batizado de imediato, ele e todos os de sua casa. <sup>34</sup>Depois, fê-los subir até à sua casa<sup>d</sup>, pôs-lhes a mesa e alegrou-se juntamente com toda a família, por ter acreditado em Deus.

### Libertação de Paulo e Silas

<sup>35</sup>Quando se fez dia, os magistrados enviaram os oficiais de justiça<sup>e</sup>, dizendo: «Solta esses homens». <sup>36</sup>Então o carcereiro foi dar conta disso<sup>f</sup> a Paulo: «Os magistrados ordenaram que vos solte. Portanto, podeis sair e ir em paz». <sup>37</sup>Paulo, porém, mandou dizer-lhes<sup>g</sup>: «Apesar de sermos cidadãos romanos<sup>h</sup>, espancaram-nos em público, sem julgamento, e lançaram-nos na prisão. E agora fazem-nos sair às escondidas? De modo nenhum! Eles que nos venham tirar daqui!». <sup>38</sup>Os oficiais de justiça foram então dar conta disto aos magistrados, que, ao ouvir dizer que eram romanos, ficaram com medo. <sup>39</sup>Foram, então, pedir-lhes desculpa e, levando-os para fora, pediram-lhes que partissem da cidade. <sup>40</sup>Quando saíram da prisão, foram a casa de Lídia. Viram os irmãos, exortaram-nos e partiram.

<sup>a</sup> O terramoto é considerado um sinal teofânico, sinónimo do poder ou da ira divina (cf. Ex 19,18; Am 9,1; Is 6,4; 29,6; Sl 18,8; 68,9; *Ant. Jud.* IV, 51; *TestLev* 3, 9).

<sup>b</sup> O *carcereiro* é acresceto da tradução.

<sup>c</sup> Alguns mss. acrescentam *Cristo*.

<sup>d</sup> Em At assiste-se a uma passagem do templo para o ambiente doméstico (*a casa*), que se torna no espaço por excelência da vida comunitária e litúrgica dos cristãos.

<sup>e</sup> O grego sugere o latim *lictoves*, guardas das magistraturas supremas; traziam sempre consigo uma machadinha e um feixe de varas, símbolo do seu poder.

<sup>f</sup> Lit.: *destas palavras*.

<sup>g</sup> Lit.: *disse para eles*.

<sup>h</sup> Paulo recorre à *Lex Porcia*, segundo a qual era proibido flagelar um cidadão romano (cf. Tito Lívio, X, 9, 4; Cícero, *Pro Rabirio* IV, 12).

## 17 Paulo em Tessalónica. Problemas com os judeus<sup>i</sup>

<sup>1</sup>Passando por Anfípole e Apolónia<sup>j</sup>, Paulo e Silas<sup>k</sup> chegaram a Tessalónica, onde havia uma sinagoga dos judeus. <sup>2</sup>Segundo o seu costume, Paulo foi ao seu encontro e, com base nas Escrituras, discutiu com eles durante três sábados seguidos, <sup>3</sup>explicando e demonstrando que era necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dos mortos. E concluía<sup>l</sup>: «O Cristo<sup>m</sup> é este Jesus que vos anuncio». <sup>4</sup>Alguns deles deixaram-se persuadir e juntaram-se a Paulo e a Silas, bem como uma numerosa multidão de gregos que adoravam a Deus<sup>n</sup> e muitas mulheres de elevado estatuto. <sup>5</sup>Mas os judeus, cheios de inveja, reuniram alguns homens perversos que frequentavam a praça<sup>o</sup> e, juntando uma multidão, causaram um alvoroço na cidade. Irromperam, então, pela casa de Jasão, à procura de Paulo e Silas<sup>p</sup> para os levar à assembleia do povo<sup>q</sup>. <sup>6</sup>Não os tendo encontrado, arrastaram Jasão e alguns irmãos até aos chefes da cidade, e puseram-se a gritar: «Estes são os que andam a desestabilizar o mundo inteiro; agora estão aqui, <sup>7</sup>e foi Jasão quem os acolheu. Todos eles agem contra os decretos de César<sup>r</sup>, ao dizerem que há outro rei, que é Jesus». <sup>8</sup>Causaram, assim, uma grande agitação na multidão e nos chefes da cidade que estavam a ouvir estas coisas. <sup>9</sup>Mas estes, depois de receberem uma fiança<sup>s</sup> da parte de Jasão e dos restantes, soltaram-nos.

### Paulo e Silas em Bereia

<sup>10</sup>De imediato, durante a noite, os irmãos fizeram com que Paulo e Silas partissem para Bereia. Quando chegaram, foram à sinagoga dos judeus. <sup>11</sup>Estes mostraram maior nobreza do que os de Tessalónica e acolheram a Palavra com extrema boa vontade, examinando todos os dias as Escrituras para verem se as coisas eram, de facto, assim. <sup>12</sup>Muitos deles abraçaram, então, a fé<sup>t</sup>, e o mesmo aconteceu com

<sup>i</sup> Paulo faz uma viagem de c. 225 km em direção a sudoeste pela *Via Egnatia*. A narrativa da pregação em Tessalónica e Bereia apresenta a mesma estrutura das visitas anteriores: ida à sinagoga; discussão sobre as Escrituras; sucesso da pregação; eclosão da perseguição.

<sup>j</sup> Cf. 16,11. Anfípole era a capital de um dos quatro distritos em que a província da Macedónia estava dividida, e Apolónia era uma cidade da Macedónia situada a cerca de 43 km a sudoeste de Anfípole. Por aqui prossegue a evangelização de Paulo em direção a ocidente.

<sup>k</sup> *Paulo e Silas* é acresceto da tradução.

<sup>l</sup> *Concluía* é acresceto da tradução.

<sup>m</sup> Cf. 3,18 nota.

<sup>n</sup> *A Deus* é acresceto da tradução. A expressão poderá ser equivalente a *temente a Deus* (cf. 2,11 nota).

<sup>o</sup> Lit.: *dos que estão na praça*.

<sup>p</sup> Lit.: *procuravam-nos*.

<sup>q</sup> Lit.: *ao povo*. Trata-se da assembleia cívica que incluía o conjunto dos cidadãos, própria das cidades livres como Tessalónica, e que tinha funções legislativas e judiciais.

<sup>r</sup> Referência à *lex Iuliae maiestatis*, lei promulgada por Júlio César e usada pelos imperadores para protegerem a sua integridade física e a sua autoridade, punindo os prevaricadores ou conspiradores; à medida que o poder imperial se foi consolidando assim também a lei foi adquirindo uma severidade crescente, culminando na pena de morte.

<sup>s</sup> Lit.: *o suficiente*.

<sup>t</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

muitos gregos, tanto mulheres de elevado estatuto como homens.<sup>13</sup> Mas, quando os judeus de Tessalónica souberam que a palavra de Deus tinha sido anunciada por Paulo também em Bereia, foram lá para agitarem e perturbarem as multidões.<sup>14</sup> Então, de imediato, os irmãos fizeram Paulo partir em direção ao mar, mas Silas e Timóteo permaneceram em Bereia.<sup>15</sup> Os que acompanhavam Paulo levaram-no a Atenas e regressaram, com ordens para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível<sup>b</sup>.

### Paulo em Atenas<sup>c</sup>

<sup>16</sup> Enquanto Paulo esperava Silas e Timóteo<sup>d</sup> em Atenas, o seu espírito fervia de irritação, ao ver a cidade cheia de ídolos.<sup>17</sup> Entretanto, discutia na sinagoga com os judeus e com os que adoravam a Deus<sup>e</sup> e todos os dias na praça pública<sup>f</sup> com aqueles que lá se encontrassem.<sup>18</sup> Até alguns filósofos epicuristas e estoicos conversavam com ele. Uns diziam: «O que é que este fala-barato quer dizer?»<sup>g</sup>. Outros afirmavam<sup>h</sup>: «Parece ser um pregoeiro de divindades estrangeiras», porque ele anunciava o evangelho de Jesus e da ressurreição.<sup>19</sup> Tomando-o consigo, levaram-no ao Areópago<sup>i</sup> e disseram: «Podemos saber que nova doutrina é essa por ti apresentada?»<sup>20</sup> O que nos dizes é muito estranho; queremos perceber do que se trata<sup>j</sup>.<sup>21</sup> De facto, não havia nenhuma outra coisa em que todos os atenienses e os estrangeiros que ali residiam passassem mais tempo do que a contar ou ouvir a última novidade.

### Discurso de Paulo no Areópago

<sup>22</sup> Então Paulo, de pé, no meio do Areópago, começou a falar: «Atenienses<sup>k</sup>, vejo-vos em tudo muito religiosos.<sup>23</sup> De facto, ao percorrer e observar os vossos monumentos sagrados, encontrei um altar no qual está inscrito: “Ao deus desconhecido”<sup>l</sup>. Pois bem, o que vós venerais sem conhecer, é o que eu vos anuncio.<sup>24</sup> O Deus que

<sup>a</sup> Lit.: *ali*.

<sup>b</sup> Segundo 1Ts 3,1s, Paulo permaneceu em Atenas e enviou Timóteo para Tessalónica.

<sup>c</sup> Esta passagem por Atenas é apresentada em três momentos: preparação do discurso no Areópago (vv.16-21); discurso (vv.22-31); reação e resultados (vv.32-34). A cidade possuía quatro grandes escolas filosóficas: a Academia (platónica), o Liceu (aristotélica), o Pórtico (estoica), e o Jardim (epicurista).

<sup>d</sup> *Silas e Timóteo* é acrescento da tradução.

<sup>e</sup> Cf. v.4 nota.

<sup>f</sup> No grego lê-se *ágora*, uma praça pública situada a noroeste da Acrópole, onde se desenvolvia a vida comercial e política da cidade.

<sup>g</sup> Lit.: *coleccionador de sementes*. Referência àqueles que vagueavam pelos mercados à procura das sementes e das migalhas que pudessem cair das caixas de mercadoria.

<sup>h</sup> *Afirmavam* é acrescento da tradução.

<sup>i</sup> A principal instância judicial de Atenas.

<sup>j</sup> Lit.: *Pois certas coisas estranhas trazes aos nossos ouvidos; queremos perceber o que estas coisas querem ser*.

<sup>k</sup> Lit.: *homens atenienses* (de facto, no Areópago não podiam entrar mulheres). O discurso apresenta a seguinte estrutura: introdução e assunto (vv.22s); corpo do discurso (ensinamento sobre o Deus criador, vv.24-25; a relação com Deus, vv.26-28; o culto das imagens, v.29); exortação (vv.30s).

<sup>l</sup> Apenas se conhece esta formulação no plural; Paulo parece tê-la adaptado de acordo com o seu propósito.

fez o mundo e tudo o que nele existe, Ele, que é o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas<sup>m</sup>,<sup>25</sup> nem é servido por mãos humanas, como se tivesse necessidade de alguma coisa. É Ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais.<sup>26</sup> A partir de um só homem<sup>n</sup>, Ele fez todo o género humano, para que habitasse sobre toda a face da terra, estabelecendo períodos determinados e os limites da sua morada,<sup>27</sup> e para que procurasse a Deus de forma a poder encontrá-lo, ainda que fosse a tatear – embora Ele não esteja longe de cada um de nós.<sup>28</sup> Nele vivemos, nos movemos e existimos, tal como disseram alguns dos vossos<sup>o</sup> poetas: “De facto, também nós somos da sua estirpe<sup>p</sup>”.<sup>29</sup> Portanto, se somos da estirpe de Deus, não devemos pensar que o divino é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e pelo engenho humanos.<sup>30</sup> Sem levar em conta os tempos da ignorância, Deus ordena agora aos homens que todos e em toda a parte se convertam,<sup>31</sup> porque fixou um dia em que há de julgar a terra inteira com justiça, por meio de um homem que designou, tendo dado a todos a garantia de que assim será<sup>q</sup>, ao ressuscitá-lo dos mortos».

<sup>32</sup>Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar, mas outros disseram: «Havemos de te ouvir falar de novo sobre isto!». <sup>33</sup>Foi assim que Paulo saiu do meio deles. <sup>34</sup>Alguns homens, porém, juntaram-se a ele e abraçaram a fé<sup>r</sup>, entre os quais Dionísio, o Areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, juntamente com eles, outros mais.

## 18 Paulo em Corinto e fundação da comunidade<sup>s</sup>

<sup>1</sup>Depois disto, Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto<sup>t</sup>. <sup>2</sup>Encontrou ali um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado de Itália com Pris-

<sup>m</sup> Paulo junta a concepção unitária prevalente na mundividência helénica com a concepção bíblica da criação (cf. Sb 9,9s), em que o Criador se distingue da criatura. Também para a filosofia estoica a divindade não se restringe aos templos (ideia partilhada com o AT, cf. Is 66,1s), mas manifesta-se em toda a natureza.

<sup>n</sup> Alguns mss. leem *sanguē*.

<sup>o</sup> Alguns mss. leem *nosos*.

<sup>p</sup> Citação de Arato (*Fenómenos* 5); pode ser entendida a partir da perspectiva de algumas escolas de pensamento gregas, que consideravam Zeus como o princípio gerador primordial, ou da judaica, que pensava em Adão e na sua descendência.

<sup>q</sup> *De que assim será* é acrescento da tradução.

<sup>r</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> O episódio divide-se em quatro partes: chegada a Corinto (vv.1-4); conflito com a sinagoga (vv.5-8); visão de Paulo (vv.9-11); comparência diante do procônsul Galião (vv.12-17).

<sup>t</sup> A cidade de Corinto, totalmente destruída pelos romanos em 146 a.C., foi refundada por Júlio César em 44 a.C., e gozava de uma intensa atividade comercial (cf. introdução a 1Cor). Esta é a primeira vez que Paulo visita a capital da província romana da Acaia, na condição de batizado. Lucas omite os problemas que a comunidade causará ao apóstolo (e que estão narrados em 1-2 Cor), mas esta passagem de Paulo pela cidade é confirmada pelas informações do apóstolo: a viagem a Corinto (1Ts 3,1,6); Áquila e Priscila (1Cor 16,19; Rom 16,3); o trabalho de artesão de Paulo (1Ts 2,9; 1Cor 4,12; 9,6); a conversão de Crespo (1Cor 1,14); a vinda de Timóteo (1Ts 3,6).

cila<sup>a</sup>, sua mulher, isto porque Cláudio tinha ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi ter com eles<sup>3</sup>e, como tinham a mesma profissão, ficou em sua casa e ali trabalhava; de facto, eram fabricantes de tendas, de profissão.<sup>4</sup>Todos os sábados apresentava argumentos na sinagoga e procurava persuadir tanto judeus como gregos.

<sup>5</sup>Quando Silas e Timóteo desceram da Macedónia, Paulo dedicou-se completamente à Palavra, dando testemunho aos judeus de que Jesus era o Cristo<sup>b</sup>.<sup>6</sup>Mas, perante a oposição e as blasfémias deles, sacudiu as vestes e disse-lhes: «Que o vosso sangue recaia sobre as vossas cabeças<sup>c</sup>. Eu sou inocente em relação a isso. A partir de agora, vou dirigir-me aos pagãos<sup>d</sup>». <sup>7</sup>Retirou-se, então, dali e foi para casa de um tal Tício Justo, que adorava a Deus<sup>d</sup>, e cuja casa era contígua à sinagoga. <sup>8</sup>Contudo, Crispo, o chefe da sinagoga, acreditou no Senhor, juntamente com todos os da sua casa; e muitos coríntios que ouviam Paulo abraçavam a fé<sup>e</sup> e eram batizados.

<sup>9</sup>Certa noite, o Senhor disse a Paulo numa visão: «Não tenhas medo!<sup>f</sup> Continua a falar e não te cales,<sup>10</sup> porque Eu estou contigo, e ninguém porá as mãos sobre ti para te fazer mal, pois tenho um povo numeroso nesta cidade». <sup>11</sup>Então Paulo estabeleceu-se ali durante um ano e seis meses<sup>g</sup>, ensinando entre eles a palavra de Deus.

### Paulo perante Galião, no tribunal

<sup>12</sup>Sendo Galião<sup>h</sup> procônsul da Acaia, os judeus, de comum acordo, levantaram-se contra Paulo e conduziram-no ao tribunal,<sup>13</sup> dizendo: «Este homeni<sup>i</sup> tenta convencer as pessoas a prestar culto a Deus de um modo contrário à lei». <sup>14</sup>Mas, quando Paulo ia abrir a boca, Galião disse aos judeus: «Se se tratasse de um delito ou de um crime grave, ó judeus, haveria uma razão para ouvir as vossas queixas<sup>j</sup>,<sup>15</sup> mas, se são controvérsias acerca de palavras, de nomes, ou da vossa lei, isso é lá convosco<sup>k</sup>; eu não quero ser juiz dessas coisas». <sup>16</sup>E mandou-os sair do tribunal. <sup>17</sup>Então todos eles<sup>l</sup> agarraram Sóstenes, o chefe da sinagoga, e começaram a bater-lhe em frente do tribunal. Mas nada disto importava a Galião.

<sup>a</sup> Áquila e Priscila vieram de Roma após o édito (cf. Suetónio, *Cláudio* 25) de expulsão por parte de Cláudio em 49 d.C. (cf. 1Cor 16,19; Rm 16,3).

<sup>b</sup> Cf. 3.18 nota.

<sup>c</sup> Recorrendo a esta expressão bíblica (Lv 20,9; cf. Mt 27,25), Paulo recorda as consequências mortíferas da recusa em acolher a Palavra. Perante tal atitude, o apóstolo declara-se *inocente* (lit.: *puro*) de qualquer culpa, visto ter cumprido a sua missão.

<sup>d</sup> Expressão que parece ser equivalente a *temente a Deus* (cf. 2,11 nota).

<sup>e</sup> Lit.: *acreditavam* (cf. 2,44 nota).

<sup>f</sup> Esta fórmula é dita, no AT, a Isaac (Gn 26,24), a Jacob (Gn 28,15), e ao Servo de Javé (Is 41,10; 43,5).

<sup>g</sup> Lit.: *mas sentou-se um ano e seis meses* (Paulo é acrescento da tradução); o verbo *sentar-se* parece fazer referência à atitude magistral. A estadia terá ocorrido entre 51 e 52 d.C.

<sup>h</sup> Lúcio Júnio Galião Aneano, irmão do filósofo Séneca, foi procônsul na província romana da Acaia entre 51-53 d.C.

<sup>i</sup> *Homem* é acrescento da tradução.

<sup>j</sup> Lit.: *segundo a razão* (lógos) *suportar-vos-ia*.

<sup>k</sup> Lit.: *vereis vós*.

<sup>l</sup> Vários mss. leem *os gregos*.

## O regresso de Paulo a Antioquia

<sup>18</sup>Paulo demorou-se ainda vários dias em Corinto<sup>m</sup>, mas acabou por se despedir dos irmãos e embarcar para a Síria; com ele foram Priscila e Áquila. Em Cêncreas<sup>n</sup> rapou a cabeça, por causa de um voto que tinha feito. <sup>19</sup>Chegaram a Éfeso, e Paulo<sup>o</sup> separou-se deles ali. Entrou, então, na sinagoga e começou a dialogar com os judeus. <sup>20</sup>Quando estes lhe pediram que ficasse mais tempo, não acedeu, <sup>21</sup>mas, ao despedir-se, disse-lhes: «Virei ter convosco novamente, se Deus quiser». Embarcou em Éfeso <sup>22</sup>e, desembarcando em Cesareia, subiu para saudar a Igreja, descendo depois para Antioquia.

### 3ª VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO (18,23-21,26)

<sup>23</sup>Passou ali algum tempo e depois partiu, percorrendo de seguida a região da Galácia e a Frígia, fortalecendo todos os discípulos.

## Pregação de Apolo em Éfeso

<sup>24</sup>Entretanto, chegou a Éfeso um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, um homem eloquente, que era versado nas Escrituras<sup>p</sup>. <sup>25</sup>Tinha sido instruído no Caminho do Senhor e, com espírito fervoroso, falava e ensinava com precisão o que dizia respeito a Jesus, embora apenas conhecesse o batismo de João. <sup>26</sup>Começou, então, a falar corajosamente na sinagoga. Ao ouvi-lo, Priscila e Áquila tomaram-no consigo e expuseram-lhe com maior precisão o caminho de Deus. <sup>27</sup>Como ele queria partir<sup>q</sup> para a Acaia, os irmãos encorajaram-no e escreveram aos discípulos para que o acolhessem. Quando lá chegou, ajudou muito os que, pela graça, tinham abraçado a fé<sup>r</sup>. <sup>28</sup>Refutava com veemência os judeus em público, demonstrando por meio das Escrituras que Jesus era o Cristo<sup>s</sup>.

## 19 Paulo em Éfeso<sup>t</sup>

<sup>1</sup>Enquanto Apolo estava em Corinto<sup>u</sup>, Paulo, depois de atravessar as regiões do interior<sup>v</sup>, chegou a Éfeso<sup>w</sup>. Encontrou ali alguns discípulos <sup>2</sup>e perguntou-lhes:

<sup>m</sup> *Em Corinto* é acrescido da tradução.

<sup>n</sup> Cêncreas era o porto de Corinto no mar Egeu.

<sup>o</sup> *Paulo* é acrescido da tradução.

<sup>p</sup> Apolo é referido em 1Cor 1,12; 3,4-9,22; 4,6; 16,12 (e talvez em Tt 3,13).

<sup>q</sup> Lit.: *atravessar*.

<sup>r</sup> Lit.: *tinham acreditado* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> Cf. 3,18 nota.

<sup>t</sup> A narrativa da evangelização de Paulo em Éfeso divide-se em quatro partes: o batismo de João Batista (vv.1-7); sumário (vv.8-12); os exorcistas judeus (vv.13-20); confrontos (vv.21-40). Esta prolongada estadia terá tido como principal objetivo demarcar a identidade cristã em relação a outras crenças (18,24-19,7), à sinagoga (19,8ss), à magia (19,11-20) e à religião popular (19,21-40).

<sup>u</sup> Lit.: *aconteceu, porém, no Apolo estar em Corinto que...*

<sup>v</sup> Lit.: *mais elevadas*, i.e., a parte da Ásia Menor mais afastada do mar Mediterrâneo, mais para este.

<sup>w</sup> Sobre a cidade, cf. introdução a Ef.

«Recebestes o Espírito Santo, quando abraçastes a fé?»». Eles responderam-lhe: «Nem sequer tínhamos ouvido dizer que há um Espírito Santo». <sup>3</sup>Paulo perguntou<sup>b</sup>: «Que batismo recebestes?». Eles responderam: «O batismo de João»<sup>c</sup>. <sup>4</sup>Disse-lhes Paulo: «João ministrou um batismo<sup>d</sup> de conversão, dizendo ao povo que acreditasse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus»<sup>e</sup>. <sup>5</sup>Tendo ouvido isto, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus <sup>6</sup>e, quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles. Começaram, então, a falar em línguas e a profetizar. <sup>7</sup>Eram ao todo uns doze homens.

<sup>8</sup>Paulo<sup>f</sup> entrou, então, na sinagoga, onde, durante três meses, falou corajosamente, apresentando argumentos e tentando convencer os ouvintes sobre o que diz respeito ao reino de Deus<sup>g</sup>. <sup>9</sup>Mas, como alguns se mantinham de coração endurecido<sup>h</sup> e se recusavam a acreditar<sup>i</sup>, dizendo mal do Caminho<sup>j</sup> diante da multidão, Paulo<sup>k</sup> afastou-se deles e levou os discípulos consigo. Começou, então, a expor os seus argumentos todos os dias na escola de Tirano<sup>l</sup>. <sup>10</sup>Isto prolongou-se por dois anos<sup>m</sup>, de modo que todos os habitantes da Ásia<sup>n</sup>, judeus e gregos, puderam ouvir a palavra do Senhor. <sup>11</sup>As ações poderosas que Deus realizava pelas mãos de Paulo eram extraordinárias, <sup>12</sup>a tal ponto que, ao colocar-se sobre os doentes lenços ou roupas que tivessem estado em contacto com a pele de Paulo<sup>o</sup>, as doenças afastavam-se deles, e os espíritos malignos iam-se embora.

## Os exorcistas judeus

<sup>13</sup>Entretanto, alguns exorcistas judeus<sup>p</sup> ambulantes tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: «Conjuro-vos por Jesus, a quem Paulo anuncia». <sup>14</sup>Quem andava a fazer isto eram os sete filhos de

<sup>a</sup> Lit.: *acreditastes* (cf. 2,44 nota).

<sup>b</sup> Paulo é acrescento da tradução.

<sup>c</sup> Lit.: *em que, então, fostes batizados?... no batismo de João*. At mostra uma variedade de concepções sobre o batismo na comunidade primitiva: um rito de conversão sem ligação ao Espírito (19,2s), um rito em nome de Jesus sem a efusão do Espírito (18,14-17), um rito de perdão e de receção do Espírito segundo a teologia batismal lucana (2,38).

<sup>d</sup> Lit.: *batizou um batismo*.

<sup>e</sup> Vários mss. acrescentam *Cristo*.

<sup>f</sup> Paulo é acrescento da tradução.

<sup>g</sup> Lit.: *discutindo e convencendo sobre o reino de Deus* (*ouvintes* é acrescento da tradução).

<sup>h</sup> Lit.: *se endureciam*.

<sup>i</sup> *A acreditar* é acrescento da tradução.

<sup>j</sup> Sobre o termo *Caminho*, cf. 9,2 nota.

<sup>k</sup> Paulo é acrescento da tradução.

<sup>l</sup> Provavelmente um professor de retórica de Éfeso.

<sup>m</sup> Paulo refere em 20,31 que passou três anos em Éfeso. Durante esta estadia terá escrito 1Cor, Gl e Flp.

<sup>n</sup> Trata-se da província romana assim designada.

<sup>o</sup> Lit.: *[vindas] da pele dele*. At estabelece um paralelismo de Paulo e Pedro com Jesus, pois tal como acontecia com Este, os enfermos queriam tocar nas suas vestes para serem curados (At 5,1-5; Lc 6,19; 8,46).

<sup>p</sup> A existência de exorcistas judeus é atestada também pelo evangelho (cf. Lc 9,49; 11,19) e por Flávio Josefo (*Ant. Jud.* VIII, 42, 49; *Bell. Jud.* VII, 185).

um certo Cevas, sumo sacerdote judeu.<sup>15</sup> Mas o espírito maligno respondeu-lhes<sup>q</sup>: «Conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas vós quem sois?». <sup>16</sup>Então o homem que tinha o espírito maligno atirou-se sobre eles e, dominando-os, usou de uma tal violência contra eles que tiveram de fugir daquela casa nus e feridos. <sup>17</sup>Isto tornou-se conhecido não só de todos os judeus, mas também dos gregos que habitavam em Éfeso; o temor apoderou-se de todos eles, e era proclamada a grandeza do nome do Senhor Jesus. <sup>18</sup>Muitos dos que tinham abraçado a fé<sup>r</sup> vinham confessar e declarar as suas práticas mágicas<sup>s</sup>, <sup>19</sup>e vários dos que tinham praticado magia traziam os livros e queimavam-nos diante de todos<sup>t</sup> – ao fazer-se as contas, estimou-se o seu valor em cinquenta mil moedas de prata. <sup>20</sup>Deste modo, a palavra do Senhor crescia e prevalecia com grande poder<sup>u</sup>.

<sup>21</sup>Depois destes acontecimentos<sup>v</sup>, Paulo resolveu no seu espírito<sup>w</sup> ir a Jerusalém, atravessando a Macedónia e a Acaia, e disse: «Depois de lá ir, é necessário que vá também a Roma<sup>x</sup>». <sup>22</sup>Enviou, então, à Macedónia dois daqueles que lhe prestavam assistência, Timóteo e Erasto, enquanto ele próprio ficou ainda algum tempo na Ásia.

### O motim em Éfeso contra Paulo

<sup>23</sup>Foi por essa altura que se desencadeou um grave tumulto a respeito do Caminho<sup>y</sup>. <sup>24</sup>Um tal Demétrio<sup>z</sup>, um ourives que fabricava miniaturas em prata do templo<sup>aa</sup> de Ártemis<sup>ab</sup>, proporcionando com isso um rendimento considerável aos artesãos, <sup>25</sup>reuniu-os, a eles e aos que trabalhavam no mesmo ramo<sup>ac</sup>, e disse: «Homens, vós sabeis que é deste rendimento que provém o nosso bem-estar. <sup>26</sup>Ora, podeis ver e ouvir que esse tal Paulo conseguiu convencer e desencaminhar muita gente, não só

<sup>q</sup> Lit.: *respondendo, porém, o espírito maligno disse-lhes*.

<sup>r</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> *Mágicas* é acrescido da tradução.

<sup>t</sup> A destruição de obras consideradas suspeitas era um recurso que se encontra atestado quer na tradição bíblica (Jr 36,20-27; 1Mac 1,56), quer no mundo romano (Suetónio, *Augusto* 31; Tito Lívio, XL, 29; Diógenes Laércio, *Vita*, IX, 52).

<sup>u</sup> Lit.: *a partir de poder, a palavra do Senhor [ou: a partir do poder do Senhor, a palavra] aumentava e prevalecia*. A expressão sublinha a ideia de que o crescimento da comunidade é sinal da força da Palavra.

<sup>v</sup> Lit.: *quando se cumpriram estas coisas*.

<sup>w</sup> Ou, interpretando como uma inspiração divina, *decidiu no Espírito* (lit.: *pôs no espírito*).

<sup>x</sup> Lit.: *é necessário que eu veja Roma*. Há um certo paralelismo entre este desejo de ir a Roma e a decisão de Jesus de subir a Jerusalém (Lc 9,51s).

<sup>y</sup> Sobre o termo *Caminho*, cf. 9,2 nota.

<sup>z</sup> Lit.: *um tal Demétrio de nome*.

<sup>aa</sup> Lit.: *templos* (ou *altares*, visto que há alguma discussão sobre se as réplicas eram de todo o templo ou do altar, onde estava colocada a estátua da deusa).

<sup>ab</sup> O templo de Ártemis era considerado uma das sete maravilhas do mundo na época (Estrabão, *Geografia* XIV, 1.20), sendo quatro vezes maior que o Pártenon.

<sup>ac</sup> Lit.: *os trabalhadores em coisas semelhantes*.

de Éfeso<sup>a</sup>, mas de quase toda a Ásia, ao dizer que deuses feitos por mãos humanas<sup>b</sup> não são deuses. <sup>27</sup>Corremos não só o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, mas também o de o santuário da grande deusa Ártemis perder a sua reputação e de se destruir toda a grandeza daquela a quem toda a Ásia e a terra inteira prestam culto»<sup>c</sup>. <sup>28</sup>Ao ouvirem isto, eles encheram-se de fúria e começaram a gritar, dizendo: «Grande é a Ártemis dos efésios!». <sup>29</sup>Instalou-se, então, a confusão na cidade e eles precipitaram-se em massa para o teatro, arrastando consigo Gaio e Aristarco<sup>d</sup>, dois<sup>e</sup> macedónios que eram companheiros de viagem de Paulo. <sup>30</sup>Paulo queria ir ter com o povo ali reunido<sup>f</sup>, mas os discípulos não lho permitiram, <sup>31</sup>e até alguns dos mais importantes oficiais da Ásia<sup>g</sup>, que eram seus amigos, lhe mandavam recado a suplicar<sup>h</sup> que não se arriscasse a ir ao teatro<sup>i</sup>. <sup>32</sup>Uns gritavam uma coisa, outros gritavam<sup>j</sup> outra; a assembleia estava confusa e a maioria nem sabia por que motivo estava ali reunida. <sup>33</sup>Da multidão deram instruções a um certo Alexandre, e os judeus empurram-no. Alexandre fez um sinal com a mão, pois queria apresentar um discurso de defesa ao povo<sup>k</sup>. <sup>34</sup>Mas, ao aperceberem-se de que era judeu, todos se puseram a gritar a uma só voz<sup>l</sup>, durante cerca de duas horas: «Grande é a Ártemis dos efésios!». <sup>35</sup>Quando o secretário da cidade<sup>m</sup> conseguiu acalmar a multidão, disse: «Efésios, quem é que, entre os homens, não sabe que a cidade dos efésios é a guardiã do templo da grande Ártemis e da sua estátua caída do céu? <sup>36</sup>Sendo isto incontestado, é necessário que vos acalmeis e nada façais de precipitado. <sup>37</sup>Trouxestes aqui estes homens que não cometeram nenhum sacrilégio, nem blasfemam contra a nossa<sup>n</sup> deusa. <sup>38</sup>Portanto, se Demétrio e os artesãos que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências públicas<sup>o</sup>, e há

<sup>a</sup> A perseguição e a hostilidade dos artesãos em Éfeso contra Paulo são confirmadas pelo apóstolo em 1Cor 15,32; 2Cor 1,8s.

<sup>b</sup> *Humanas* é acresceto da tradução.

<sup>c</sup> Plínio o Jovem (*Epístola X*, 96) testemunha o impacto que o cristianismo nascente teve na Ásia.

<sup>d</sup> Gaio era um discípulo originário da Macedónia, e Aristarco, natural de Tessalónica (20,4), era colaborador do apóstolo (Flm 24). O teatro de Éfeso foi expandido entre 44 e 66 d.C. e podia acolher c. 24000 espectadores.

<sup>e</sup> *Dois* é acresceto da tradução.

<sup>f</sup> *Ali reunido* é acresceto da tradução.

<sup>g</sup> Estes oficiais, conhecidos como *asiarcas*, eram chefes de províncias da Ásia e, portanto, representantes do imperador, escolhidos anualmente entre as famílias mais influentes da aristocracia local.

<sup>h</sup> Lit.: *enviando até ele suplicavam*.

<sup>i</sup> Lit.: *que não se desse para o teatro*.

<sup>j</sup> *Gritavam* é acresceto da tradução.

<sup>k</sup> Provavelmente no sentido de afirmar que os judeus não tinham qualquer responsabilidade pelo que estava a acontecer; no entanto, Alexandre nunca chega a ter a oportunidade de discursar.

<sup>l</sup> Lit.: *uma [só] voz surgiu a partir de todos*.

<sup>m</sup> A sua função era zelar pelos arquivos, fazer a redação dos decretos oficiais e lê-los nas assembleias (cf. Tucídides 7,19).

<sup>n</sup> Alguns mss. leem *vossa*.

<sup>o</sup> Lit.: *os [dias] de ágora realizam-se* (a expressão grega refere-se às reuniões judiciais que eram mantidas na ágora).

os procônసులు: que apresentem aí as suas mútuas acusações<sup>p</sup>. <sup>39</sup>Se, porém, tendes outras questões<sup>q</sup>, estas deverão ser resolvidas em assembleia legal. <sup>40</sup>É que, assim, corremos o perigo de sermos acusados de insurreição pelo que hoje aconteceu<sup>r</sup>, pois não há razão alguma pela qual possamos justificar este tumulto». E, dito isto, dissolveu a assembleia.

## 20 Paulo de novo na Macedónia e na Grécia<sup>s</sup>

<sup>1</sup>Acabado o alvoroço, Paulo mandou vir os discípulos e, depois de os ter exortado, despediu-se deles e partiu para a Macedónia<sup>t</sup>. <sup>2</sup>Após percorrer aquela região, exortando os discípulos com vários discursos, foi para a Grécia<sup>u</sup>, <sup>3</sup>onde ficou três meses. Quando estava prestes a partir para a Síria, surgiu uma conspiração dos judeus contra ele, e acabou por decidir regressar através da Macedónia. <sup>4</sup>Acompanharam-no Sópatro, filho de Pirro, de Bereia; os tessalonicenses Aristarco e Segundo; Gaio, de Derbe e Timóteo; e ainda Tíquico e Trófimo<sup>v</sup>, da Ásia. <sup>5</sup>Estes, porém, tendo partido antes de nós, esperavam-nos<sup>w</sup> em Tróade. <sup>6</sup>Quanto a nós, embarcámos em Filipos, depois dos dias dos Ázimos, e fomos ter com eles cinco dias depois, a Tróade, onde ficámos sete dias.

### Paulo em Tróade. Ressuscitação de um morto

<sup>7</sup>No primeiro dia da semana<sup>x</sup>, estando nós reunidos para partir o pão, Paulo, que se ia embora no dia seguinte, começou a conversar com eles e prolongou o seu discurso até à meia-noite. <sup>8</sup>Havia muitas lâmpadas na sala de cima, onde estávamos reunidos. <sup>9</sup>Enquanto Paulo fazia o seu longo discurso, um jovem, chamado Êutico, que estava sentado na janela, foi sendo tomado por um sono cada vez mais profundo<sup>y</sup>. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar, e quando foram ajudá-lo a levantar-se estava morto<sup>z</sup>. <sup>10</sup>Paulo desceu, debruçou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: «Não vos inquieteis: ele está vivo<sup>aa</sup>!». <sup>11</sup>Depois voltou a subir, partiu o pão e comeu. Esteve

<sup>p</sup> Lit.: *acusem-se uns aos outros*.

<sup>q</sup> Lit.: *se procurais alguma coisa para além*.

<sup>r</sup> Lit.: *acerca do dia de hoje*.

<sup>s</sup> A partir daqui inicia-se a última viagem de Paulo a Jerusalém (20,1-21,14).

<sup>t</sup> Na Macedónia, Paulo terá escrito parte de 2Cor.

<sup>u</sup> A estadia em Corinto terá ocorrido por volta do ano 58, altura em que escreve Rm.

<sup>v</sup> Tíquico é referido em Ef 6,21; Cl 4,7. Trófimo é natural de Éfeso (21,29).

<sup>w</sup> Este *nós* inclui no discurso, pela segunda vez, o conjunto dos colaboradores que acompanham Paulo na sua atividade missionária (cf. 16,11 nota).

<sup>x</sup> O *primeiro dia da semana* tornou-se, desde a ressurreição, no dia da reunião eucarística dos cristãos (Jo 20,19.26), recebendo, por isso, o nome de «dia do Senhor» (em latim *dies Domini*, cuja evolução resultou no português *domingo*: cf. Ap 1,10; *Did.* 14,1). A sonolência e a queda de Êutico terão acontecido durante a liturgia da Palavra.

<sup>y</sup> Lit.: *[foi] tomado por sono pesado*.

<sup>z</sup> Lit.: *levantaram-no morto*.

<sup>aa</sup> Lit.: *pois a alma/vida dele está nele*. O relato da reanimação de Êutico recorda os milagres realizados por Elías (1Rs 17,17-24), Eliseu (2Rs 8,5), Jesus (Jo 11,1-44) e Pedro (At 9,36-43).

conversando longamente até ao amanhecer e, por fim, partiu.<sup>12</sup> Quanto ao rapaz, levaram-no vivo, o que lhes deu uma enorme consolação.

### Viagem até Mileto

<sup>13</sup>Nós, porém, que tínhamos partido de barco, navegámos até Asso, onde haveríamos de receber Paulo a bordo. Foi assim que ele determinou, pois queria fazer o caminho a pé.<sup>14</sup> Quando nos alcançou em Asso, recebemo-lo a bordo e fomos para Mitilene.<sup>15</sup> Zarpámos de lá e, no dia seguinte, encontrámo-nos em frente a Quios. No outro dia atingimos Samos, e no seguinte chegámos a Mileto.<sup>16</sup> Paulo tinha decidido passar ao largo de Éfeso, para não perder tempo na Ásia, pois estava com pressa: se lhe fosse possível, queria estar em Jerusalém no dia de Pentecostes.

### Discurso de despedida aos anciãos de Éfeso<sup>a</sup>

<sup>17</sup>De Mileto, Paulo<sup>b</sup> mandou chamar os anciãos da Igreja de Éfeso.<sup>18</sup> Quando chegaram junto dele, disse-lhes: «Vós sabeis como tenho procedido convosco<sup>c</sup> durante todo este tempo, desde o primeiro dia em que cheguei à Ásia:<sup>19</sup> servindo o Senhor com toda a humildade, com as lágrimas e as provações que as conspirações dos judeus me trouxeram.<sup>20</sup> Sabeis também<sup>d</sup> como nunca me esquivei a nada daquilo que importava, de vos pregar e ensinar, publicamente e de casa em casa,<sup>21</sup> dando testemunho a judeus e a gregos da necessidade<sup>e</sup> da conversão a Deus e da fé em nosso Senhor Jesus<sup>f</sup>.<sup>22</sup> E eis que agora, impellido pelo Espírito<sup>g</sup>, vou a Jerusalém, sem saber o que lá me acontecerá;<sup>23</sup> apenas sei que o Espírito Santo me vai dando testemunho, de cidade em cidade, de que me aguardam cadeias e tribulações.<sup>24</sup> Contudo, não é a minha vida que me importa<sup>h</sup>, mas sim completar o meu percurso e o ministério que recebi do Senhor Jesus: dar testemunho<sup>i</sup> do evangelho da graça de Deus.<sup>25</sup> Agora<sup>j</sup> sei que não voltareis a ver o meu rosto, todos vós, por entre quem passei proclamando o reino<sup>k</sup>.<sup>26</sup> Por isso, vos tomo hoje como testemunhas de que estou inocente em relação ao

<sup>a</sup> Este discurso apresenta elementos típicos de um testamento ou de um discurso de despedida (Jo 13-17; Mt 28,16-20; Lc 24,44-52), comuns na tradição judaica (Gn 47,29-50,14; Js 23,1-24,30; 1Sm 12; 1Rs 2,1-10; 1Cr 28,1-29,28; Tb 4; 14; 1Mac 2,49-70; 4Esd 14; 2Br 44; 1Hen 91; 2Hen 58-66; Jub 20). É o terceiro discurso do apóstolo, depois de se ter dirigido aos judeus (At 13) e aos gentios em Atenas (At 17).

<sup>b</sup> Paulo é acrescento da tradução.

<sup>c</sup> Lit.: *como tenho estado convosco*.

<sup>d</sup> *Sabeis também* é acrescento da tradução.

<sup>e</sup> *Da necessidade* é acrescento da tradução.

<sup>f</sup> Alguns mss. acrescentam *Cristo*.

<sup>g</sup> Lit.: *preso ao/pelo Espírito*.

<sup>h</sup> Lit.: *mas para mim próprio não faço [considero] a minha vida merecedora de uma palavra*.

<sup>i</sup> Vários mss. acrescentam *com alegria*.

<sup>j</sup> O grego antepõe *eis (que)/ vê* (cf. Mt 2,13 nota).

<sup>k</sup> Alguns mss. acrescentam *de Deus*. O anúncio do reino é uma missão comum a Jesus, aos discípulos e aos seus enviados (cf. Lc 8,1; 10,9; At 1,3; 8,12; 14,22; 19,8; 20,25; 28,23.31). A parte final da vida de Paulo em At é descrita em paralelo com a paixão de Jesus no evangelho (Lc 22-23).

sangue de todos,<sup>27</sup> porque nunca me furtei a anunciar-vos a totalidade do desígnio de Deus.<sup>28</sup> Tende cuidado convosco e com todo o rebanho, no qual o Espírito Santo vos colocou como guardiães para apascentardes a Igreja de Deus<sup>m</sup>, que Ele adquiriu com o sangue do próprio Filho<sup>n</sup>.<sup>29</sup> Eu sei que, depois da minha partida, se hão de introduzir entre vós lobos vorazes<sup>o</sup>, que não pouparão o rebanho,<sup>30</sup> e que, mesmo no meio de vós, se hão de levantar homens que vos dirão coisas perversas, arrastando os discípulos atrás de si.<sup>31</sup> Por isso, estai vigilantes, e lembrai-vos que, durante três anos, noite e dia, não cessei de, entre lágrimas, aconselhar cada um de vós.<sup>32</sup> E agora entrego-vos a<sup>p</sup> Deus e à palavra da sua graça, que tem o poder de edificar e de vos tornar participantes da herança entre todos os que foram santificados.<sup>33</sup> Não desejei de ninguém nem prata, nem ouro, nem vestes.<sup>34</sup> Vós sabeis que foi com as minhas próprias mãos que provi às minhas necessidades e às dos que estavam comigo<sup>q</sup>.<sup>35</sup> Em tudo vos mostrei que é trabalhando assim que devemos acudir aos mais fracos. E recordo-vos as palavras que o próprio Senhor Jesus disse: «Há mais felicidade em dar do que em receber»<sup>r</sup>.<sup>36</sup> Tendo dito isto, pôs-se de joelhos e rezou com todos eles.<sup>37</sup> Então começaram todos a chorar copiosamente e, lançando-se ao pescoço de Paulo, beijavam-no repetidamente.<sup>38</sup> Estavam sobretudo angustiados com aquilo que ele lhes dissera: que não voltariam a ver o seu rosto. E acompanharam-no até ao barco.

## 21 Viagem de Paulo de Mileto para Jerusalém

<sup>1</sup> Quando nos separámos<sup>s</sup> deles, embarcámos e navegámos diretamente para Cós; no dia seguinte fomos para Rodes, e daí para Pátara.<sup>2</sup> Tendo encontrado ali um barco que fazia a travessia para a Fenícia, subimos a bordo e partimos.<sup>3</sup> Quando avistámos Chipre, deixámo-la à esquerda e, continuando a navegar para a Síria, chegámos a Tiro, onde o barco ia descarregar.<sup>4</sup> Ali encontrámos os discípulos, e ficámos

<sup>1</sup> Sobre a expressão, cf. 18,6 nota.

<sup>m</sup> Vários mss. leem *Senhor*. Com esta linguagem pastoril, retoma-se uma imagem presente no AT (Dt 28,1-68; Js 23,1-16; 1Sm 12,1-17; 1Rs 2,1-9; Jr 23,5; Ez 34) e usada por Jesus (Jo 10; Mc 6,34; cf. 1Pd 5,1-3) para descrever o serviço dos mais velhos, enquanto cuidadores da comunidade eclesial. A figura do *episkopos* (*bispo*, *guardião*, lit.: *supervisor*), e que faz parte da anterior tradição paulina (Flp 1,1; 1Tm 3,1-6; Tt 1,5-9), é usada por Lucas apenas neste v. e para apresentar o serviço de liderança das comunidades cristãs.

<sup>n</sup> Lit.: *por meio do sangue do próprio*. Não podendo referir-se ao sangue de Deus, a expressão remete para o sangue de Jesus.

<sup>o</sup> Os inimigos são frequentemente denunciados nos discursos de despedida (cf. *TestLev* 4,1; *TestIsaac* 6,1; *TestJud* 18,1).

<sup>p</sup> Alguns mss. acrescentam *Senhor*.

<sup>q</sup> Paulo fabricava tecido para tendas. Este trabalho permitia-lhe não sobrecarregar as comunidades (1Cor 4,12; 9,7; 1Ts 2,9; 2Ts 3,10).

<sup>r</sup> Frase que não se encontra nos evangelhos, embora surja em termos semelhantes em *1Clem* 2,1 (cf. *Did.* 1,5; 4,5; *Barn* 19,9) e ecoe em Mt 10,8, pelo que alguns autores defendem que se trata de uma citação livre de um possível dito de Jesus.

<sup>s</sup> Este *nós* inclui no discurso, pela terceira vez, o conjunto dos colaboradores que acompanham Paulo na sua atividade missionária (cf. 16,11 nota).

sete dias com eles. Movidos pelo Espírito<sup>a</sup>, eles diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. <sup>5</sup>Porém, quando passaram esses dias<sup>b</sup>, partimos e seguimos viagem; todos eles nos acompanharam, com as suas mulheres e filhos, até fora da cidade. Pusemo-nos, então, de joelhos na praia para rezar. <sup>6</sup>Depois de nos despedirmos uns dos outros, subimos para o barco, e eles voltaram para as suas casas<sup>c</sup>. <sup>7</sup>E nós, terminada a travessia, de Tiro chegámos a Ptolemaida<sup>d</sup>, onde fomos saudar os irmãos e ficámos um dia com eles. <sup>8</sup>Partimos no dia seguinte e chegámos a Cesareia. Fomos para casa de Filipe, o evangelista<sup>e</sup>, que era um dos Sete, e ali ficámos com ele. <sup>9</sup>Ele tinha quatro filhas virgens, que eram profetizas<sup>f</sup>. <sup>10</sup>Permanecíamos ali há já alguns dias, quando chegou da Judeia um profeta chamado Ágabo. <sup>11</sup>Ele veio ter connosco e, tomando o cinto de Paulo, amarrou os seus próprios pés e mãos, e disse: «Isto diz o Espírito Santo: é desta forma que os judeus em Jerusalém hão de amarrar o homem a quem pertence este cinto, e entregá-lo nas mãos dos pagãos». <sup>12</sup>Quando ouvimos isto, tanto nós como os daquele lugar<sup>g</sup> suplicámos a Paulo<sup>h</sup> que não subisse a Jerusalém. <sup>13</sup>Paulo, porém, respondeu: «Mas que estais a fazer? Porque chorais e me partis o coração? Estou pronto não só para que me amarrem, mas também para morrer pelo nome do Senhor Jesus». <sup>14</sup>Como ele não se deixava convencer, não insistimos mais e dissemos: «Seja feita a vontade do Senhor».

### Paulo em Jerusalém

<sup>15</sup>Passados esses dias e feitos os preparativos, subimos a Jerusalém. <sup>16</sup>Foram também connosco alguns discípulos de Cesareia, que nos levaram até à casa de um certo Mnáson, cipriota, um discípulo da primeira hora<sup>i</sup>, onde nos hospedámos.

<sup>17</sup>Quando chegámos a Jerusalém, os irmãos acolheram-nos com alegria. <sup>18</sup>No dia seguinte, Paulo foi connosco até à casa de Tiago, onde se encontravam também todos os anciãos<sup>j</sup>. <sup>19</sup>Depois de os saudar, ele começou a contar em pormenor o que Deus tinha feito entre os pagãos por meio do seu ministério. <sup>20</sup>Ao ouvi-lo, deram glória a<sup>k</sup> Deus. Mas depois disseram-lhe: «Como vês, irmão, milhares de judeus

<sup>a</sup> Lit.: *através do Espírito*.

<sup>b</sup> Lit.: *mas quando aconteceu que nós completámos os dias*.

<sup>c</sup> Lit.: *para as suas coisas*.

<sup>d</sup> Trata-se da cidade que no período dos cruzados ficou conhecida como S. João de Acre.

<sup>e</sup> Filipe recebe ainda o título de *evangelista*, que nesta fase da missão paulina se refere ao serviço de anunciar o evangelho (só no séc. II passará a indicar os redatores dos evangelhos).

<sup>f</sup> Lit.: *que profetizavam*.

<sup>g</sup> Lit.: *de lá*.

<sup>h</sup> Lit.: *ele*.

<sup>i</sup> Lit.: *um discípulo antigo*.

<sup>j</sup> Lucas omite a razão da ida de Paulo a Jerusalém: a entrega da coleta (11,27-30; Rm 15,26s; 1Cor 16,3; 2Cor 9,1ss; Gl 2,10). Todavia, a narração deste encontro com Tiago segue o mesmo esquema do relato do encontro anterior (At 15): subida a Jerusalém e reunião com os irmãos; acolhimento favorável; narrativa das maravilhas acontecidas entre os gentios; proposta de solução por parte de Tiago; decreto apostólico e sua execução.

<sup>k</sup> Alguns mss. acrescentam *Senhor*.

abraçaram a fé<sup>l</sup> e todos eles continuam a ser zelosos cumpridores da Lei.<sup>21</sup> Ora, disseram-lhes que tu andas a ensinar a todos os judeus que vivem entre os pagãos que devem apostatar<sup>m</sup> de Moisés, pois dizes que não devem circuncidar os seus filhos nem seguir os nossos costumes<sup>n</sup>.<sup>22</sup> Que fazer, então? Certamente que já ouviram dizer que chegaste.<sup>23</sup> Portanto, faz aquilo que te vamos sugerir<sup>o</sup>: estão aqui connosco quatro homens que têm um voto a cumprir<sup>p</sup>; <sup>24</sup>leva-os contigo, purifica-te juntamente com eles e paga-lhes as despesas necessárias para raparem a cabeça. Assim todos ficarão a saber que é falso aquilo que foi dito a teu respeito, visto que, pelo contrário, tu procedes corretamente, observando a Lei<sup>q</sup>. <sup>25</sup>Quanto aos pagãos que abraçaram a fé<sup>r</sup>, já lhes escrevemos com instruções para que se abstenham não só da carne imolada aos ídolos, como também do sangue, dos animais estrangulados<sup>s</sup> e da promiscuidade<sup>t</sup>. <sup>26</sup>Então Paulo levou os homens consigo e depois de, no dia seguinte, se purificar juntamente com eles, entrou no templo para fazer saber a data do final dos dias da purificação<sup>u</sup>, em que se apresentaria a oblação por cada um deles.

#### IV. PAULO PRISIONEIRO (21,27-28,31)

##### Prisão de Paulo no templo

<sup>27</sup>Quando os sete dias estavam já a terminar, os judeus da Ásia, ao ver Paulo<sup>v</sup> no templo, instalaram a confusão entre a multidão<sup>v</sup> e lançaram as mãos sobre ele, <sup>28</sup>gritando: «Homens de Israel, ajudai-nos! É este o homem que anda a ensinar a toda a gente e por todo o lado coisas contra o povo, a lei e este lugar. E mais ainda: chegou mesmo a introduzir gregos no templo, profanando este lugar santo!»<sup>w</sup>. <sup>29</sup>De facto, eles tinham visto Trófimo de Éfeso<sup>x</sup> com ele na cidade e pensavam que Paulo o tivesse introduzido no templo. <sup>30</sup>Toda a cidade ficou, então, numa grande agitação, e o povo veio a correr<sup>y</sup>. Agarraram Paulo, arrastaram-no para fora do templo,

<sup>l</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>m</sup> Lit.: [*que andas a ensinar*] *a apostasia*. A acusação contra Paulo de incitar ao abandono da lei mosaica (cf. Gl 3,10-25; 5,6; 6,15; Rm 3,20s; 10,4) é semelhante à feita a Estêvão (6,11-14).

<sup>n</sup> Lit.: *caminhar nos costumes*.

<sup>o</sup> Lit.: *dizer*.

<sup>p</sup> Lit.: *que têm um voto em cima de si próprios*.

<sup>q</sup> Lit.: *caminhas também tu próprio observando a lei*.

<sup>r</sup> Lit.: *acreditaram* (cf. 2,44 nota).

<sup>s</sup> *Animais* é acrescento da tradução.

<sup>t</sup> Para esta prática, cf. Nm 6,13ss (cf. 18,18; 21,24; 1Cor 9,20).

<sup>u</sup> Lit.: *ao vê-lo*.

<sup>v</sup> Com este episódio, Lucas pretende mostrar que as dificuldades provêm do exterior da comunidade e que os cristãos não constituem um problema para a administração romana, nem são um movimento político subversivo.

<sup>w</sup> Era expressamente proibido aos não judeus ultrapassar o átrio dos gentios, sob pena de morte. (Flávio Josefo, *Bell. Jud.* V, 5,2; *Ant. Jud.* XV, 11,5).

<sup>x</sup> Cf. 20,4.

<sup>y</sup> Lit.: *surgiu uma corrida conjunta do povo*.

e as portas foram fechadas imediatamente. <sup>31</sup>Estavam já para o matar<sup>a</sup>, quando chegou ao tribuno da coorte a notícia de que a confusão se tinha instalado por toda a Jerusalém. <sup>32</sup>Ele tomou imediatamente consigo soldados e centuriões, e correu até à multidão<sup>b</sup>. Quando viram o tribuno e os soldados, pararam de bater em Paulo. <sup>33</sup>Então o tribuno aproximou-se, agarrou Paulo<sup>c</sup> e ordenou que fosse preso com duas correntes. Começou, então, a perguntar quem era ele e o que tinha feito, <sup>34</sup>mas, de entre a multidão, cada um gritava a sua coisa. Ao não conseguir ter informações seguras<sup>d</sup> por causa de todo aquele alvoroço, ordenou que o levassem para a fortaleza. <sup>35</sup>Quando chegou à escadaria, Paulo<sup>e</sup> teve de ser carregado pelos soldados, por causa da violência da multidão, <sup>36</sup>pois o povo seguia-o em grande número<sup>f</sup>, gritando: «À morte!». <sup>37</sup>Quando estava prestes a ser introduzido na fortaleza, Paulo disse ao tribuno: «É-me permitido dizer-te uma coisa?». Ele disse-lhe: «Sabes falar grego? <sup>38</sup>Então não és tu aquele egípcio que há tempos sublevo e levou para o deserto quatro mil sicários?». <sup>39</sup>Paulo respondeu: «Não, eu sou judeu<sup>h</sup>, natural de Tarso da Cilícia<sup>i</sup>, cidadão dessa importante cidade. Peço-te que me permitas falar ao povo». <sup>40</sup>Foi-lhe permitido, e Paulo, pondo-se de pé na escadaria, fez um sinal com a mão ao povo. Fez-se um grande silêncio, e ele dirigiu-se-lhes em hebraico<sup>j</sup>, dizendo:

## 22 Discurso de Paulo

<sup>1</sup>«Irmãos<sup>k</sup> e pais, ouvi agora o que tenho para vos dizer em minha defesa<sup>l</sup>». <sup>2</sup>Ao ouvirem que se lhes dirigia em hebraico, fizeram um silêncio ainda maior. Ele continuou<sup>m</sup>, então: <sup>3</sup>«Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia. Porém, fui educado

<sup>a</sup> Lit.: *procurando (eles) matá-lo*.

<sup>b</sup> Lit.: *até eles*.

<sup>c</sup> Lit.: *agarrou-o*.

<sup>d</sup> Lit.: *conhecer o [que é] firme*.

<sup>e</sup> Lit.: *ele*.

<sup>f</sup> Lit.: *a multidão do povo seguia*.

<sup>g</sup> Este egípcio era um pseudoprotefa messiânico (cf. Flávio Josefo, *Bell. Jud.* II, 263; XX, 171) que prometia a libertação de Roma para reinar sobre o povo; para tal, agregou junto de si inúmeros sicários (guerrilheiros e extremistas religiosos conhecidos pela *sica* [punhal] que levavam sempre consigo), tendo sido derrotado pelo procurador Félix. Sabendo que Félix foi procurador da Judeia entre 52-60 d.C., e se, conforme informação de Flávio Josefo, este caso ocorreu em 54-55 d.C., isto significa que o encontro de Paulo diante do tribuno Lísias deve ter ocorrido em 57 ou 58 d.C., o que constitui um dado fundamental para a reconstrução da biografia paulina.

<sup>h</sup> Lit.: *homem judeu*.

<sup>i</sup> Tarso era uma cidade da província romana da Cilícia e, como tal, aos seus naturais era concedido o direito de cidadania.

<sup>j</sup> Ou *num dialecto hebraico*; neste caso seria, provavelmente, o aramaico.

<sup>k</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>l</sup> Lit.: *ouvi agora a minha defesa para vós*. Esta é a primeira de uma série de três *apologias* (discursos de defesa) de Paulo: 22,1-21; 24,10-21 (diante do governador Félix); 26,2-23 (diante de Herodes Agripa). Este discurso acrescenta informação a At 9 sobre a juventude e a formação de Saulo (v.3), sobre a sua reação à visão que teve (v.10), assim como detalhes do seu êxtase no templo (vv.17-21). A narrativa sublinha o facto de que Paulo permaneceu fiel ao Deus de Israel, tal como a algumas tradições judaicas.

<sup>m</sup> Lit.: *e afirmou*.

nesta cidade de Jerusalém<sup>n</sup> e instruído aos pés de Gamaliel<sup>o</sup>, na observância rigorosa da Lei dos nossos pais; e servi a Deus com o mesmo zelo com que todos vós o fazeis hoje<sup>p</sup>. <sup>4</sup>Persegui de morte este Caminho<sup>q</sup>, prendendo e metendo na prisão homens e mulheres, <sup>5</sup>como podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o conselho dos anciãos. Cheguei mesmo a receber, da parte destes, cartas para os irmãos de Damasco, e para aí parti, com a intenção de trazer prisioneiros para Jerusalém os que lá estivessem, a fim de serem punidos. <sup>6</sup>Aconteceu, porém, que, durante a viagem, ao aproximar-me de Damasco, por volta do meio-dia, uma intensa luz vinda do céu me envolveu. <sup>7</sup>Caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”. <sup>8</sup>Eu respondi: “Quem és Tu, Senhor?”. Disse-me: “Eu sou Jesus, o Nazareno<sup>r</sup>, a quem tu persegues!”. <sup>9</sup>Os que estavam comigo viram a luz, mas não ouviram a voz daquele que me falava<sup>s</sup>. <sup>10</sup>Perguntei, então: “Que devo fazer, Senhor?”. E o Senhor respondeu-me: “Levanta-te e segue para Damasco; lá te dirão tudo o que está determinado fazeres”. <sup>11</sup>Como eu tinha deixado de ver por causa do esplendor daquela luz, cheguei a Damasco conduzido pela mão dos que estavam comigo. <sup>12</sup>Entretanto, um certo Ananias, um homem piedoso e observante da Lei<sup>t</sup>, de quem todos os judeus que ali habitavam<sup>u</sup> davam bom testemunho, <sup>13</sup>veio ao meu encontro e, ao chegar junto de mim, disse-me: “Saulo, meu<sup>v</sup> irmão, volta a ver!”. E, nessa mesma hora, eu recuperei a vista e pude vê-lo<sup>w</sup>. <sup>14</sup>Ele disse: “O Deus dos nossos pais designou-te, de antemão, para conheceres a sua vontade, para veres o Justo e ouvires a voz que sai da sua boca, <sup>15</sup>porque serás sua testemunha diante de todos os homens acerca do que viste e ouviste. <sup>16</sup>E agora, de que estás à espera? Levanta-te, recebe o batismo e lava-te dos teus pecados, invocando o seu nome”.

<sup>17</sup>Regressei<sup>x</sup>, então, a Jerusalém e, enquanto estava a rezar no templo, fui arrebatado em êxtase, <sup>18</sup>e vi o Senhor<sup>y</sup>, que me disse: “Apressa-te e sai rapidamente de Jerusalém, porque não aceitarão o teu testemunho a meu respeito”<sup>z</sup>. <sup>19</sup>Eu respondi: “Senhor, eles sabem que eu andava pelas sinagogas a prender e a açoitar aqueles que acreditavam em ti, <sup>20</sup>e que, enquanto estava a ser derramado o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu próprio não só estava presente, como estava de acordo, guardando

<sup>n</sup> *De Jerusalém* é acrescento da tradução.

<sup>o</sup> Gamaliel, o Velho, um dos maiores rabinos do séc. I, já referido em 5,34.

<sup>p</sup> Lit.: *sendo zeloso de Deus tal como todos vós sois hoje*.

<sup>q</sup> Sobre o termo *Caminho*, cf. 9,2 nota.

<sup>r</sup> Em At 9 Jesus não se intitula *nazareno*.

<sup>s</sup> Esta informação contradiz a de 9,7, segundo a qual os companheiros de Paulo ouviram a voz, mas não viram a luz.

<sup>t</sup> Lit.: *piedoso de acordo com a Lei*.

<sup>u</sup> Vários mss. acrescentam *em Damasco*.

<sup>v</sup> *Meu* é acrescento da tradução.

<sup>w</sup> Lit.: *voltei a ver, para ele*.

<sup>x</sup> O grego antepõe *aconteceu, porém [que]*.

<sup>y</sup> Lit.: *vi-o*.

<sup>z</sup> A recusa dos judeus em acolher a pregação do evangelho é uma temática recorrente no livro (13,46ss; 18,6; 28,25-28).

as capas daqueles que o matavam. <sup>21</sup>Mas Ele disse-me: “Vai, porque te enviarei para longe, aos pagãos”».

### Paulo invoca a cidadania romana

<sup>22</sup>Os judeus foram ouvindo Paulo, mas nesse momento ergueram a voz<sup>a</sup>, dizendo: «Elimina este homem da face da terra<sup>b</sup>; não lhe deve ser permitido viver!». <sup>23</sup>Como continuavam a gritar, a atirar os mantos ao chão e a lançar poeira para o ar, <sup>24</sup>o tribuno ordenou que o levassem para a fortaleza, dizendo que o interrogassem a golpes de chicote<sup>c</sup>, para saber a razão por que vociferam contra ele daquela forma. <sup>25</sup>Mas, quando já o tinham amarrado com as correias para o chicotear<sup>d</sup>, Paulo disse ao centurião que ali estava: «Ser-vos-á lícito chicotear um cidadão<sup>e</sup> romano, sem julgamento?». <sup>26</sup>Ao ouvir isto, o centurião foi ter com o tribuno para o prevenir e disse-lhe<sup>f</sup>: «Que vais fazer? É que este homem é cidadão<sup>g</sup> romano!». <sup>27</sup>Então o tribuno foi ter com Paulo e perguntou-lhe: «Diz-me: tu és mesmo cidadão romano?». Ele respondeu: «Sim». <sup>28</sup>Replicou o tribuno: «Eu adquiri tal cidadania por uma grande soma de dinheiro!». Paulo respondeu: «Pois eu já nasci cidadão romano<sup>h</sup>». <sup>29</sup>Os que iam interrogá-lo afastaram-se imediatamente dele, e o próprio tribuno ficou com medo, ao saber que Paulo era cidadão romano e o tinha mandado prender.

<sup>30</sup>No dia seguinte, querendo obter informações seguras<sup>i</sup> sobre o motivo pelo qual era acusado pelos judeus, libertou-o das correntes<sup>j</sup> e ordenou que se reunissem os chefes dos sacerdotes e todo o sinédrio<sup>k</sup>. Mandou, então, Paulo descer, para comparecer diante deles<sup>l</sup>.

## 23 Paulo perante o sinédrio<sup>m</sup>

Fixando o olhar no sinédrio<sup>n</sup>, Paulo disse: «Irmãos<sup>o</sup>, é em total boa consciência que tenho procedido diante de Deus até ao dia de hoje». <sup>2</sup>Mas o sumo sacerdote

<sup>a</sup> Lit.: *ouviam-no até esta palavra e levantaram a voz deles*.

<sup>b</sup> Lit.: *tira-o da terra*.

<sup>c</sup> Lit.: *com chicotes*.

<sup>d</sup> Lit.: *mas quando o esticaram com as correias*. A expressão em grego parece sugerir que o corpo de Paulo já tinha sido esticado num poste, com correias de cabedal, a fim de ser flagelado.

<sup>e</sup> Lit.: *homem*. Sendo natural de Tarso, cidade da Cilícia (província romana), Paulo detinha a cidadania romana.

<sup>f</sup> Lit.: *e anunciou, dizendo*.

<sup>g</sup> *Cidadão* é acrescento da tradução, tal como nos vv.26.27.29.

<sup>h</sup> *Cidadão romano* é acrescento da tradução.

<sup>i</sup> Lit.: *conbeceer o [que é] firme*.

<sup>j</sup> *Das correntes* é acrescento da tradução.

<sup>k</sup> Cf. 4,15 nota.

<sup>l</sup> Lit.: *conduzindo Paulo abaixo, [ele] ficou [de pé] diante deles*.

<sup>m</sup> A experiência de Paulo diante do sinédrio ecoa as experiências paralelas de Jesus (Lc 22,63-71), de Pedro e de João (At 4,5-22), dos apóstolos (6,26-40) e de Estêvão (6,12-7,60), o que sugere o uso de um mesmo esquema literário ao longo do livro.

<sup>n</sup> Cf. 4,15 nota.

<sup>o</sup> Lit.: *homens irmãos*.

Ananias<sup>p</sup> ordenou aos que estavam perto dele que lhe batesses na boca. <sup>3</sup>Então Paulo disse-lhe: «É Deus quem te há de bater, ó parede caiada<sup>q</sup>! Estás tu sentado a julgar-me segundo a Lei, quando é essa mesma Lei que violas ao ordenares que me batam?»<sup>r</sup> <sup>4</sup>Os que estavam ali presentes disseram: «Estás a insultar o sumo sacerdote de Deus?»<sup>s</sup> <sup>5</sup>Paulo respondeu: «Irmãos, não sabia que é o sumo sacerdote. De facto, está escrito: *Não falarás mal de um chefe do teu povo*<sup>s</sup>».

<sup>6</sup>Sabendo que uma parte do sinédrio era constituída por saduceus e outra por fariseus, Paulo gritou: «Irmãos<sup>t</sup>, eu sou fariseu, filho de fariseus, e é por causa da esperança na ressurreição<sup>u</sup> dos mortos que eu estou a ser julgado». <sup>7</sup>Mal disse isto, desencadeou-se um conflito entre os fariseus e os saduceus, e a assembleia ficou dividida. <sup>8</sup>De facto, os saduceus<sup>v</sup> dizem que não há ressurreição, nem anjos, nem espíritos, enquanto os fariseus professam todas estas coisas. <sup>9</sup>Instalou-se, então, uma enorme gritaria, e alguns doutores da lei da fação dos fariseus levantaram-se e começaram a protestar energicamente, dizendo: «Não encontramos nada de mal neste homem. E se foi um espírito ou um anjo que lhe falou?». <sup>10</sup>Como o conflito se estava a intensificar<sup>w</sup>, o tribuno, temendo que Paulo fosse despedaçado por eles, ordenou que os soldados descessem, o arrancassem do meio deles e o conduzissem à fortaleza.

<sup>11</sup>Na noite seguinte, o Senhor apresentou-se-lhe e disse: «Tem coragem! Tal como deste testemunho de mim em Jerusalém, assim é necessário que dês testemunho também em Roma».

### Cilada dos judeus contra Paulo

<sup>12</sup>Quando se fez dia, os judeus, em conluio<sup>x</sup>, juraram sob pena de anátema<sup>y</sup> que não comeriam nem beberiam enquanto não dessem a morte a Paulo. <sup>13</sup>Eram mais de quarenta os que participaram nesta conjura. <sup>14</sup>Foram ter com os chefes dos sacerdotes e com os anciãos e disseram: «Jurámos, sob pena de anátema, que não provaremos qualquer alimento enquanto não dermos a morte a Paulo. <sup>15</sup>Agora, com o

<sup>p</sup> Ananias era filho de Nebedeu e foi sumo sacerdote entre 47-59 d.C. (cf. *Ant. Jud.* XX, 5.2; 103.131.205-213; *Bell. Jud.* II, 429.441), tendo sido assassinado pelos zelotas no ano 66, aquando da revolta judaica contra Roma.

<sup>q</sup> A origem desta expressão insultuosa, idiomática em grego, poderá prender-se com o facto de, ao cair-se uma parede externa, a interior ficar com um aspeto diferente, o que representará a hipocrisia de fazer-se passar por algo, quando no interior se alimenta outro tipo de sentimentos. O insulto ecoa em Mt 23,27s, que apresenta uma imagem bastante similar.

<sup>r</sup> Trata-se de uma violação da norma de Lv 19,15.

<sup>s</sup> Ex 22,27 (LXX).

<sup>t</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>u</sup> A conjunção e da expressão *por causa da esperança e da ressurreição* pode ser interpretada de três formas distintas: como uma hendiáde (*por causa da esperança na ressurreição*); como copulativa (*da esperança e da ressurreição*); como explicativa (*por causa da esperança, isto é, da ressurreição*).

<sup>v</sup> Cf. 4,1 nota.

<sup>w</sup> Lit.: *surgindo um grande conflito*.

<sup>x</sup> Lit.: *fazendo uma combinação*.

<sup>y</sup> O anátema consistia numa execração sob a forma de juramento solene e era provocado por uma afronta à fé judaica, interpretada como blasfémia.

acordo do sinédrio<sup>a</sup>, ide solicitar ao tribuno que o faça descer até vós, sob pretexto de examinardes o seu caso com maior precisão<sup>b</sup>. Quanto a nós, estaremos preparados para o liquidar antes de ele se aproximar». <sup>16</sup>Entretanto, o filho da irmã de Paulo teve conhecimento da cilada<sup>c</sup>, foi à fortaleza, entrou e contou tudo<sup>d</sup> a Paulo. <sup>17</sup>Então Paulo chamou um dos centuriões e disse: «Leva este jovem ao tribuno, porque tem algo para lhe contar». <sup>18</sup>O centurião, tomando-o consigo, levou-o ao tribuno e disse: «O prisioneiro Paulo chamou-me e pediu-me que te trouxesse este jovem, porque tem algo para te dizer». <sup>19</sup>O tribuno tomou-o pela mão e, retirando-se com ele a sós, perguntou-lhe: «O que tens para me contar?». <sup>20</sup>Ele respondeu: «Os judeus combinaram pedir-te que amanhã faças descer Paulo ao sinédrio, sob pretexto de examinar o seu caso com maior precisão. <sup>21</sup>Mas tu não te deixes convencer por eles, pois mais de quarenta dos seus homens prepararam-lhe uma cilada; eles juraram, sob pena de anátema, que não comeriam nem beberiam enquanto não o matassem, e já estão preparados, aguardando apenas o teu consentimento. <sup>22</sup>Então o tribuno despediu o jovem com esta ordem: «Não digas a ninguém que me deste estas informações».

### Paulo escoltado para Cesareia

<sup>23</sup>Depois chamou dois centuriões e disse-lhes: «Preparai duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros, para irem a Cesareia pelas nove horas da noite<sup>f</sup>. <sup>24</sup>Proveñenciai também cavalos<sup>g</sup> para Paulo montar, a fim de o levarem são e salvo ao governador Félix<sup>h</sup>». <sup>25</sup>Escreveu também uma carta, nestes termos<sup>i</sup>: <sup>26</sup>«Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saudações. <sup>27</sup>Os judeus apoderaram-se deste homem e estavam prestes a matá-lo; mas, ao saber que era cidadão romano, intervim com os soldados e libertei-o. <sup>28</sup>Querendo perceber a razão por que o acusavam, fi-lo descer ao sinédrio deles. <sup>29</sup>Descobri que o acusavam por controvérsias relativas à sua Lei<sup>j</sup>, mas nenhuma das acusações que lhe faziam era merecedora de morte ou de prisão<sup>k</sup>. <sup>30</sup>Foi-me, porém, revelada uma conspiração contra este homem, e de imediato o enviei a ti, tendo ordenado aos seus acusadores que dissessem na tua presença o que têm contra ele».

<sup>a</sup> Lit.: *com o sinédrio*.

<sup>b</sup> Lit.: *como se fôsesse distinguir mais rigorosamente as coisas sobre ele*.

<sup>c</sup> Lit.: *ouvindo a cilada*.

<sup>d</sup> *Tudo* é acrescento da tradução.

<sup>e</sup> Lit.: *que manifestaste tais coisas a mim*.

<sup>f</sup> Lit.: *à terceira hora da noite*.

<sup>g</sup> O grego não especifica o tipo de montada.

<sup>h</sup> Félix era um cidadão romano, amigo de pessoas próximas dos imperadores Cláudio e Nero, cujo governo ficou marcado pela violência (Tácio, *Anais* XII, 52; *Histórias* V, 9; Suetónio, *Cláudio* 28).

<sup>i</sup> Lit.: *que tinha este tipo*.

<sup>j</sup> Alguns mss. acrescentam *de Moisés e a um tal Jesus*.

<sup>k</sup> Paulo é ilibado de qualquer culpa, à semelhança do que aconteceu no processo de Jesus por parte de Pilatos (Lc 23,14-22).

<sup>31</sup>Então, de acordo com o que lhes tinha sido ordenado, os soldados tomaram Paulo e levaram-no, de noite, até Antipátride. <sup>32</sup>No dia seguinte, deixaram os cavaleiros seguir viagem com ele e regressaram à fortaleza. <sup>33</sup>Ao chegarem a Cesareia, os cavaleiros<sup>1</sup> entregaram a carta ao governador e levaram Paulo à sua presença. <sup>34</sup>Depois de a ler, perguntou-lhe de que província era e, ao ser informado de que era da Cilícia, <sup>35</sup>disse: «Escutar-te-ei quando aqui estiverem também os teus acusadores». E ordenou que o mantivessem sob vigia no pretório de Herodes<sup>m</sup>.

## 24 Paulo acusado perante o governador<sup>n</sup>

<sup>1</sup>Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias desceu, juntamente com alguns anciãos e um advogado<sup>o</sup>, um certo Tértulo, e apresentaram ao governador a sua acusação contra Paulo<sup>p</sup>. <sup>2</sup>Depois de este ter sido convocado, Tértulo começou a acusação, dizendo: «Gozamos de uma grande paz, graças a ti e às reformas que, por tua providência, foram feitas em benefício deste povo; <sup>3</sup>acolhemo-las em tudo e em toda a parte, excelentíssimo Félix, com profunda gratidão. <sup>4</sup>Mas, para não te importunar por mais tempo, rogo-te que nos ouças por um momento, com toda a tua benevolência. <sup>5</sup>Verificámos que este homem é uma peste, que provoca tumultos entre os judeus do mundo inteiro<sup>q</sup>, como cabecilha da seita dos nazarenos<sup>f</sup>. <sup>6</sup>Chegou mesmo a tentar profanar o templo, mas nós prendemo-lo. <sup>7</sup>Is <sup>8</sup>Tu próprio, ao interrogá-lo acerca de tudo isto, poderás confirmar aquilo de que o acusamos». <sup>9</sup>Então juntaram-se à acusação também os judeus, que asseguravam que as coisas eram mesmo assim.

### Discurso de Paulo

<sup>10</sup>Quando o governador lhe fez sinal para que falasse, Paulo respondeu: «Sei que és juiz desta nação há muitos anos e é com confiança que defendo a minha causa. <sup>11</sup>Como tu próprio podes confirmar que, há não mais de doze dias, subi a Jerusalém para ado-

<sup>1</sup> Lit.: *estes*.

<sup>m</sup> Trata-se de um palácio mandado construir por Herodes, o Grande, e transformado em residência oficial do procurador romano.

<sup>n</sup> Toda a narrativa é desenvolvida em paralelo com a paixão de Jesus, manifestando, desta forma, a íntima relação entre o que lhe aconteceu e o que sucede aos seus discípulos. Além disso, evidencia-se a inocência de Paulo e a falsidade das acusações dos judeus, procurando-se com isso tornar claro que os cristãos não são uma ameaça para a administração romana, nem um grupo político subversivo.

<sup>o</sup> Em grego *rhêtôr* (*orador público*) isto é, alguém versado na arte da retórica.

<sup>p</sup> Lit.: *manifestaram-se ao governador contra Paulo*.

<sup>q</sup> Lit.: *todos os judeus que [estão] sobre o mundo habitado*.

<sup>f</sup> É a única vez em todo o NT que os cristãos são denominados *nazarenos*, numa referência à origem do seu Mestre, tal como é explicitada no querigma (cf. 2,22; 4,10).

<sup>s</sup> Alguns mss. acrescentam o v.7 e parte do v.8: *mas o tribuno Lísias chegou entretanto, e levou-o das nossas mãos, com grande violência, [8]ordenando que os seus acusadores viessem até ti*. Este texto é considerado, pela crítica textual, uma interpolação, visto que está ausente em importantes mss. e é contraditório com o relato de 21,32-36.

rar a Deus<sup>a</sup>. <sup>12</sup>Ora, nunca me encontraram no templo a discutir com ninguém ou a incitar o povo à rebelião, fosse nas sinagogas ou na cidade; <sup>13</sup>eles não te podem provar nenhuma das coisas de que agora me acusam. <sup>14</sup>Confesso-te, porém, o seguinte: eu presto culto ao Deus dos meus pais, seguindo o Caminho<sup>b</sup> – a que eles chamam seita – e acreditando em tudo aquilo que está de acordo com a Lei e escrito nos profetas. <sup>15</sup>Tenho em Deus a mesma esperança que eles têm: a de que haverá uma ressurreição, tanto dos justos, como dos injustos<sup>c</sup>. <sup>16</sup>Por isso, esforço-me por ter sempre uma consciência irrepreensível, diante de Deus e dos homens. <sup>17</sup>Depois de muitos anos, vim trazer esmolas ao meu povo e apresentar oblações. <sup>18</sup>Foi nessas circunstâncias que me encontraram no templo, já depois de ter feito o rito da purificação. Não havia qualquer ajuntamento ou alvoroço. <sup>19</sup>Foram uns certos judeus da Ásia a encontrar-me e eram eles que deviam estar aqui, na tua presença, a apresentar a sua acusação, se, de facto, tivessem alguma coisa contra mim. <sup>20</sup>Ou então, que sejam estes mesmos aqui presentes a dizer que crime cometi eu, quando estive na presença do sínédrio, <sup>21</sup>a não ser que se trate desta única frase que gritei, quando estava no meio deles: «É por causa da ressurreição dos mortos que eu estou hoje a ser julgado diante de vós».

### Prisão de Paulo em Cesareia

<sup>22</sup>Então Félix, que conhecia com bastante precisão aquilo que diz respeito ao Caminho<sup>d</sup>, suspendeu a sessão, dizendo: «Quando o tribuno Lísias descer até cá, examinarei o vosso caso». <sup>23</sup>E ordenou ao centurião que o mantivesse sob custódia, deixando que tivesse alguma liberdade e que não se impedisse nenhum dos seus de prover às suas necessidades.

<sup>24</sup>Alguns dias depois, chegou Félix com a sua mulher Drusila<sup>e</sup>, que era judia. Mandou vir Paulo e ouviu-o falar sobre a fé em Cristo Jesus<sup>g</sup>. <sup>25</sup>Mas, quando ele começou a discursar sobre a justiça, o autodomínio e o juízo que está para chegar, Félix ficou amedrontado e disse: «Por agora podes ir. Quando tiver oportunidade, mandar-te-ei chamar de novo». <sup>26</sup>Ele esperava que, entretanto, Paulo lhe desse dinheiro e, por isso, mandava vi-lo com frequência e conversava com ele<sup>h</sup>. <sup>27</sup>Passados dois anos<sup>i</sup>,

<sup>a</sup> *A Deus* é acrescento da tradução.

<sup>b</sup> Lit.: *segundo o Caminho*. Sobre o termo *Caminho*, cf. 9,2 nota.

<sup>c</sup> A fé na ressurreição era partilhada por grande parte do povo de Israel (cf. Dn 12,2), com a exceção dos saduceus.

<sup>d</sup> Sobre o termo *Caminho*, cf. 9,2 nota.

<sup>e</sup> *Até cá* é acrescento da tradução.

<sup>f</sup> Drusila, a filha mais nova do rei Herodes Agripa I, que antes tinha sido mulher do rei de Emessa (*Ant. Jud.* XX, 7.2).

<sup>g</sup> Alguns mss. omitem *Jesus*.

<sup>h</sup> Esta reação contrasta com a descrição que Tácito faz de Félix (*Annales* XII, 54); de facto, o historiador romano apresenta o governador como alguém com um feitio intempestivo e irascível, acompanhado de alguma brutalidade.

<sup>i</sup> Este período de dois anos coloca o fim da prisão de Paulo em Cesareia por volta do ano 61 d.C.

Félix<sup>j</sup> foi sucedido por Pórcio Festo<sup>k</sup>, e, querendo ficar nas boas graças dos judeus, deixou Paulo na prisão.

## 25 **Apelação a César**

<sup>1</sup>Três dias depois de ter chegado à província, Festo subiu de Cesareia a Jerusalém. <sup>2</sup>Os chefes dos sacerdotes e os mais notáveis dos judeus apresentaram-se diante dele para acusar Paulo<sup>l</sup> e interpelaram-no, <sup>3</sup>pedindo, contra os desejos de Paulo<sup>m</sup>, o favor de o mandar vir para Jerusalém – isto porque preparavam uma cilada para o matar pelo caminho. <sup>4</sup>Mas Festo respondeu que Paulo devia ser mantido sob custódia em Cesareia e que ele próprio, em breve, iria partir para lá<sup>n</sup>. <sup>5</sup>E acrescentou: «Portanto, que desçam comigo a Cesareia<sup>p</sup> aqueles que entre vós têm autoridade<sup>q</sup>, e, se esse homem tiver feito algo de errado<sup>r</sup>, que apresentem então a acusação contra ele».

<sup>6</sup>Depois de ter ficado entre eles não mais de oito ou dez dias, desceu a Cesareia e, no dia seguinte, sentou-se no tribunal e ordenou que lhe trouxessem Paulo<sup>s</sup>. <sup>7</sup>Quando este chegou, os judeus que tinham descido de Jerusalém rodearam-no, apresentando contra ele muitas e graves acusações, sem, contudo, serem capazes de as provar. <sup>8</sup>Paulo defendeu-se, dizendo: «Não cometi qualquer falta, nem contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César». <sup>9</sup>Mas, Festo, querendo cair nas boas graças dos judeus, perguntou a Paulo: «Queres subir a Jerusalém, para lá seres julgado perante mim a respeito disto de que te acusam<sup>t</sup>?». <sup>10</sup>Paulo respondeu: «Estou perante o tribunal de César; é aqui que devo ser julgado. Não cometi nenhum delito contra os judeus, como muito bem sabes. <sup>11</sup>Portanto, se cometi algum delito ou algo que mereça a morte, não me recuso a morrer; mas, se não há fundamento<sup>v</sup> naquilo de que me acusam, ninguém me pode entregar a eles. Apelo, pois, a César!»<sup>w</sup>. <sup>12</sup>Então Festo, depois de ter conferenciado com o conselho, respondeu: «Apelaste a César, a César irás».

<sup>j</sup> Lit.: *Félix recebeu como sucessor Pórcio Festo.*

<sup>k</sup> Pórcio Festo sucedeu a Félix como governador da província romana da Judeia por volta do ano 59 ou 60 d.C.

<sup>l</sup> Lit.: *contra Paulo.*

<sup>m</sup> Lit.: *contra Paulo.*

<sup>n</sup> *Para lá* é acréscimo da tradução.

<sup>o</sup> Lit.: *afirmou.*

<sup>p</sup> *A Cesareia* é acréscimo da tradução.

<sup>q</sup> Lit.: *os poderosos em vós.*

<sup>r</sup> Lit.: *e se algo impróprio existir no homem.*

<sup>s</sup> Este episódio, como outros, está construído em paralelismo com o relato da paixão de Jesus. Assim, a comparação de Paulo diante de Festo e de Agripa recorda a comparência de Jesus diante de Pilatos e de Herodes (Lc 23,1-12), tal como a constatação de Festo da inexistência de provas contra Paulo (At 25,18) é igual à conclusão a que chega Pilatos no processo de Jesus (Lc 23,4).

<sup>t</sup> Lit.: *respondendo a Paulo disse.*

<sup>u</sup> Lit.: *acerca destas coisas.*

<sup>v</sup> Lit.: *mas se nada há.*

<sup>w</sup> Paulo recorre à sua cidadania romana, que concedia o direito a ser julgado pelo tribunal do imperador.

### Paulo perante Agripa

<sup>13</sup>Passados alguns dias, chegaram a Cesareia o rei Agripa e Berenice<sup>a</sup> e foram saudar Festo. <sup>14</sup>E como ficaram ali vários dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo<sup>b</sup>: «Há aqui um homem, que Félix deixou preso, <sup>15</sup>contra o qual os chefes dos sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram a acusação<sup>c</sup>, quando eu estive em Jerusalém, pedindo a sua condenação. <sup>16</sup>Respondi-lhes que não é costume dos romanos entregar alguém<sup>d</sup> sem que antes o acusado tenha estado perante os seus acusadores<sup>e</sup>, e tido a oportunidade de se defender da acusação. <sup>17</sup>Vieram, então, comigo, e eu, sem mais demoras, sentei-me no dia seguinte no tribunal e ordenei que trouxessem o homem. <sup>18</sup>Os acusadores puseram-se à sua volta, mas não referiram nenhum dos crimes perversos de que eu suspeitava<sup>f</sup>. <sup>19</sup>Apenas tinham contra ele algumas controvérsias relativas à sua própria religião<sup>g</sup>, e a um certo Jesus, já morto, que Paulo assegurava estar vivo. <sup>20</sup>Perante uma controvérsia deste género, eu fiquei perplexo e perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém para lá ser julgado por essas coisas. <sup>21</sup>Mas, como Paulo apelou a que fosse mantido sob custódia enquanto não viesse uma decisão do imperador<sup>h</sup>, ordenei que assim fizessem<sup>i</sup>, até o enviar a César. <sup>22</sup>Agripa disse, então, a Festo: «Eu também quero ouvir esse homem!»<sup>j</sup>. Festo<sup>k</sup> respondeu: «Amanhã poderás ouvi-lo».

<sup>23</sup>No dia seguinte, Agripa e Berenice vieram com grande pompa e, depois de entrarem na sala de audiências com os tribunos e proeminentes homens da cidade, trouxeram Paulo por ordem de Festo. <sup>24</sup>Festo disse, então: «Rei Agripa, e todos vós<sup>l</sup> que estais aqui presentes connosco: estais a ver aquele a respeito de quem os judeus em peso<sup>m</sup> me vieram apelar, tanto aqui como em Jerusalém, gritando que ele não devia continuar a viver. <sup>25</sup>Eu, porém, dei-me conta de que ele nada cometeu que mereça a morte. Mas, como apelou ao imperador, julguei por bem enviar-lho. <sup>26</sup>Não tenho informações seguras sobre ele que possa escrever ao imperador<sup>n</sup>; por

<sup>a</sup> Trata-se de Agripa II, filho de Agripa I e a quem Lucas chama *Herodes* em 12, 1. Nasceu em 27 d.C., foi rei de Cálcis (atual Líbano) e morreu em Roma, c.100 d.C. Era irmão de Drusila e de Berenice (mulher de Félix). Júlia Berenice casou aos treze anos com Marco Júlio Alexandre e três anos mais tarde com o seu tio Herodes de Cálcis. Por fim, tornou-se amante do futuro imperador Tito.

<sup>b</sup> Lit.: *as coisas contra Paulo*.

<sup>c</sup> Lit.: *pediram contra ele*.

<sup>d</sup> Lit.: *oferecer algum homem*.

<sup>e</sup> Lit.: *sem antes o acusado ter tido os acusadores diante do rosto*.

<sup>f</sup> Lit.: *à volta dele estando de pé, os acusadores não traziam nenhuma culpa, que eu supunha perversas*.

<sup>g</sup> Ou *superstição* (do ponto de vista romano). O termo em grego quer dizer algo como “temor pelas divindades”.

<sup>h</sup> Em grego *Sebastós* (tal como no v.25), a tradução do latim *Augustus* (Augusto), termo honorífico atribuído ao *princeps* (imperador) de Roma, desde o seu primeiro, Gaio Júlio César Octaviano.

<sup>i</sup> Lit.: *que o mantivessem sob custódia*.

<sup>j</sup> Também o seu tio-avô, Herodes Antipas, quisera ver Jesus.

<sup>k</sup> Festo é acrescento da tradução.

<sup>l</sup> Lit.: *todos os homens*.

<sup>m</sup> Lit.: *toda a multidão dos judeus*.

<sup>n</sup> Lit.: *senhor*.

isso o trouxe à vossa presença, especialmente à tua, rei Agripa, a fim de que, depois do interrogatório<sup>o</sup>, tenha alguma coisa que escrever. <sup>27</sup>De facto, parece-me absurdo enviar um prisioneiro sem indicar as acusações que recaem sobre ele<sup>p</sup>».

## 26 Discurso de Paulo diante do rei

Agripa disse a Paulo: «É-te permitido falar agora em tua defesa<sup>q</sup>». Então Paulo estendeu a mão<sup>r</sup> e começou a sua defesa: <sup>2</sup>«Sinto-me feliz, rei Agripa, por poder defender-me hoje perante ti de tudo aquilo de que sou acusado pelos judeus,<sup>3</sup> tanto mais por conheceres todos os costumes dos judeus e também as suas controvérsias. Peço-te, por isso, que me ouças com paciência. <sup>4</sup>Todos os judeus conhecem a minha vida desde a minha juventude, tal como decorreu desde os primeiros tempos, entre o meu povo e em Jerusalém. <sup>5</sup>Eles conhecem-me de longa data e, se assim quiserem, poderão dar testemunho de que vivi de acordo com a façção mais rigorosa da nossa religião, isto é, como fariseu<sup>s</sup>. <sup>6</sup>E é por causa da esperança na promessa feita por Deus aos nossos pais que agora estou a ser julgado, <sup>7</sup> promessa<sup>t</sup> que as nossas doze tribos esperam ver realizada, prestando diligentemente culto a Deus, dia e noite. É desta esperança, ó rei<sup>u</sup>, que estou a ser acusado pelos judeus. <sup>8</sup>Por que razão vos parece inacreditável que Deus ressuscite os mortos? <sup>9</sup>Eu convenci-me de que era necessário fazer tudo o que pudesse contra o nome de Jesus, o Nazareno,<sup>10</sup> e foi o que fiz em Jerusalém. Com a autorização dos chefes dos sacerdotes, encerrei na prisão muitos santos<sup>v</sup> e, quando se tratava de os condenar à morte, eu contribuía com o meu voto<sup>w</sup>. <sup>11</sup>Percorrendo todas as sinagogas<sup>x</sup>, muitas vezes para os poder castigar forçava-os a blasfemar; cada vez mais enfurecido contra eles, perseguia-os, até mesmo em cidades estrangeiras. <sup>12</sup>Foi com esta intenção que parti para Damasco, com a autorização e plenos poderes dos chefes dos sacerdotes. <sup>13</sup>Mas já a caminho, pelo meio-dia, vi, ó rei, vinda do céu, uma luz mais brilhante do que o sol, que me envolveu, a mim e aos que iam comigo. <sup>14</sup>Todos caímos por terra, e ouvi uma voz que me disse em língua hebraica: “Saulo, Saulo, porque me persegues? É duro para ti recalçar contra o aguilhão<sup>y</sup>”. <sup>15</sup>Eu disse: “Quem és tu, Senhor?”. E o Senhor

<sup>o</sup> O grego acrescenta *acontecer*.

<sup>p</sup> Lit.: *as causas contra ele*.

<sup>q</sup> Lit.: *é-te permitido dizer acerca de ti próprio*.

<sup>r</sup> O gesto sugere provavelmente a pose que os oradores da antiguidade adotavam durante os seus discursos.

<sup>s</sup> A piedade farisaica de Paulo é aqui apresentada de modo positivo (cf. Flp 3,4-9).

<sup>t</sup> *Promessa* é acrescento da tradução. Segundo a teologia paulina, as promessas de Deus são independentes, anteriores e maiores do que a Lei (cf. Rm 4,13-17; Gl 3,15-18).

<sup>u</sup> Alguns mss. acrescentam *Agripa*.

<sup>v</sup> Ou seja, os cristãos (cf. 9,13 nota).

<sup>w</sup> Lit.: *depus voto*.

<sup>x</sup> Lit.: *por todas as sinagogas*.

<sup>y</sup> Trata-se de um provérbio do mundo clássico (cf. Eurípides, *Bacantes* 795), que sublinha o absurdo da resistência contra alguém mais forte, tal como seria inútil um animal resistir ao aguilhão que o impele a mover-se.

respondeu: “Eu sou Jesus<sup>a</sup>, a quem tu persegues!<sup>16</sup> Mas levanta-te e mantém-te de pé. Pois foi para isto que te apareci: para te designar como servidor e testemunha das coisas que viste<sup>b</sup> e daquelas pelas quais ainda te hei de aparecer.<sup>17</sup> Livrar-te-ei do teu povo e dos pagãos<sup>c</sup>, a quem Eu te envio<sup>18</sup> a fim de lhes abrires os olhos, para que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás a Deus<sup>d</sup>, e para que recebam o perdão dos pecados e a herança entre aqueles que foram santificados pela fé em mim”.<sup>19</sup> Desde então, ó rei Agripa, eu não desobedeci a esta visão celeste.<sup>20</sup> Pelo contrário, anunciei primeiro aos de Damasco, depois aos de Jerusalém e em toda a terra da Judeia e, por fim, aos pagãos, que se convertessem e se voltassem para Deus, praticando obras dignas dessa conversão.<sup>21</sup> Foi por isto que os judeus se apoderaram de mim, quando estava no templo, e tentaram matar-me.<sup>22</sup> Mas, com a ajuda de Deus<sup>e</sup>, até este dia tenho dado testemunho quer a pequenos, quer a grandes, sem nada dizer para além daquilo que os profetas e Moisés disseram que iria acontecer:<sup>23</sup> que o Cristo haveria de sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar dos mortos, anunciaria a luz ao povo judeu<sup>g</sup> e aos pagãos».

### A reação de Agripa

<sup>24</sup> Enquanto ele assim falava em sua defesa, Festo afirmou com voz forte: «Estás louco, Paulo. Todos esses estudos estão a levar-te à loucura<sup>h</sup>!». <sup>25</sup> Paulo respondeu: «Não estou louco, excelentíssimo Festo. Pelo contrário, expresse-me com a linguagem<sup>i</sup> da verdade e do bom senso. <sup>26</sup> O rei sabe disto, e é por isso que falo diante dele com franqueza, convencido de que nada disto lhe é desconhecido, visto não serem factos que tenham ocorrido em segredo. <sup>27</sup> Acreditas, rei Agripa, nos profetas? Sei que acreditas». <sup>28</sup> Agripa respondeu a Paulo: «Por pouco não me convences a fazer-me cristão!». <sup>29</sup> Paulo replicou: «Por pouco ou por muito, rezo a Deus que não só tu, mas todos aqueles que hoje me ouvem, vos torneis como eu, exceto no que diz respeito a estas cadeias!». <sup>30</sup> Levantou-se então o rei, assim como o governador, Berenice e os que estavam sentados com ele. <sup>31</sup> Depois de se retirarem, começaram a falar entre si, dizendo: «Este homem nada fez que mereça a morte ou a prisão». <sup>32</sup> Então Agripa disse a Festo: «Este homem podia ser posto em liberdade<sup>j</sup>, se não tivesse apelado a César».

<sup>a</sup> Alguns mss. acrescentam *nazareno*.

<sup>b</sup> Alguns mss. leem *viste-me* (a lição de NA<sup>28</sup>), talvez para explicitar que a expressão *as coisas* se referem a Jesus, o que no entanto cria uma sintaxe arresvesada.

<sup>c</sup> Juntamente com o chamamento, Jesus promete a Paulo que o protegerá dos perigos que a missão encerra, primeiro junto do *povo* (de Israel) e depois dos *pagãos*.

<sup>d</sup> Nesta afirmação ecoa a promessa de salvação universal do deutero-Isaías (Is 42,7-16). A passagem *das trevas à luz* é uma imagem e linguagem tipicamente batismal (Cl 1,12ss; Ef 5,8; 1Pd 2,9).

<sup>e</sup> Lit.: *obtido a ajuda [vinda] de Deus*.

<sup>f</sup> Paulo estabelece uma continuidade entre o AT e o NT, na medida em que as Escrituras de Israel (*Moisés e os profetas*) anunciam o que vai ser cumprido no NT.

<sup>g</sup> *Judeu* é acrescento da tradução.

<sup>h</sup> Lit.: *as muitas letras estão a transformar-te em loucura*.

<sup>i</sup> Lit.: *pronuncio palavras*.

<sup>j</sup> Lit.: *ser solto*.

## 27 Início da viagem para Roma

<sup>1</sup>Quando se decidiu que embarcássemos<sup>k</sup> para Itália, entregaram Paulo e mais alguns prisioneiros a um centurião da coorte Augusta, chamado Júlio. <sup>2</sup>Em Adramítio<sup>l</sup> tomámos, então, um barco, que ia zarpar em direção aos portos da Ásia<sup>m</sup>, e partimos, levando connosco Aristarco, um macedónio de Tessalónica. <sup>3</sup>No dia seguinte, aportámos em Sídon, e Júlio, que tratava Paulo com humanidade, permitiu que ele fosse ter com os amigos e recebesse os seus cuidados. <sup>4</sup>Partindo dali, passámos a sota-vento de Chipre, porque os ventos eram contrários<sup>n</sup>. <sup>5</sup>Depois, navegando através dos mares da Cilícia e da Panfília, chegámos a Mira, na Lícia<sup>o</sup>. <sup>6</sup>O centurião encontrou aí um barco de Alexandria que estava de partida para Itália, e mandou-nos embarcar. <sup>7</sup>Navegando lentamente durante vários dias, foi com dificuldade que chegámos às imediações de Cnido. Mas como o vento não nos permitia atracar, passámos a sotavento de Creta, pela parte de Salmone<sup>p</sup>. <sup>8</sup>Navegámos com dificuldade ao longo da sua costa<sup>q</sup>, e chegámos a um lugar chamado Bons Portos, que fica próximo da cidade de Laseia. <sup>9</sup>Mas como já tinha passado muito tempo e a navegação se estava a tornar perigosa, pois já tinha passado o Dia do Jejum<sup>r</sup>, Paulo avisou-os, <sup>10</sup>dizendo: «Meus senhores<sup>s</sup>, estou a ver que esta viagem será arriscada e bastante perigosa<sup>u</sup>, não só para o barco e para a sua carga, mas também para as nossas vidas». <sup>11</sup>O centurião, porém, dava mais crédito ao piloto e ao patrão do barco<sup>v</sup> do que àquilo que Paulo dizia. <sup>12</sup>Por outro lado, como aquele porto não era adequado para passar o inverno, a maioria decidiu partir dali, para ver se de algum modo conseguiriam chegar a Fénix, um porto de Creta aberto<sup>w</sup> para sudoeste e nordeste, e lá passar o inverno.<sup>13</sup>E assim, quando o vento sul começou a soprar ligeiramente, pensaram que podiam fazer o que tinham planeado<sup>x</sup> e, levantando âncora<sup>y</sup>, navegaram ao longo da costa de Creta, mantendo-se perto dela.

<sup>k</sup> Este *nós* inclui no discurso pela última vez o conjunto dos colaboradores que acompanham Paulo na sua atividade missionária (cf. 16,11 nota).

<sup>l</sup> Porto no noroeste da Ásia Menor, a leste de Tróade.

<sup>m</sup> Lit.: *navegar para os sítios ao longo da Ásia*.

<sup>n</sup> I.e., se os ventos não fossem contrários, poder-se-ia ter feito o caminho direto de Sídon a Lícia, pelo sul de Chipre, como na terceira viagem apostólica (cf. 21,3).

<sup>o</sup> Mira, na Lícia, situava-se na costa sul da Ásia Menor, a leste de Pátara.

<sup>p</sup> Salmone situava-se no nordeste da ilha de Creta.

<sup>q</sup> O grego não é claro sobre que costa será esta; alguns consideram que é a costa de Creta, outros, a de Salmone.

<sup>r</sup> Trata-se do Dia da Expiação, *Yom Kippur*. A navegação era considerada perigosa entre meados de outubro e meados de novembro (o chamado *mare clausum*).

<sup>s</sup> Lit.: *avisou dizendo-lhes*.

<sup>t</sup> Lit.: *homens*.

<sup>u</sup> Lit.: *está prestes a ser com injúria [dos elementos] e grande dano*.

<sup>v</sup> Ou seja, a pessoa responsável pela exploração do barco, sendo, ou não, o seu dono.

<sup>w</sup> Lit.: *olhando*.

<sup>x</sup> Lit.: *pensaram agarrar o plano*.

<sup>y</sup> *Âncora* é acrescento da tradução.

## Naufágio

<sup>14</sup>Mas pouco depois, abateu-se contra a ilha<sup>a</sup> um vento ciclónico, o chamado Euroaquilão. <sup>15</sup>O barco foi apanhado pelo vento e, sendo incapaz de lhe resistir, ficámos à deriva. <sup>16</sup>Navegando a sotavento de uma ilha chamada Cauda<sup>b</sup>, foi com dificuldade que conseguimos salvar o bote<sup>c</sup>. <sup>17</sup>Depois de o içarem a bordo, usaram cordas para reforçar o casco do barco<sup>d</sup> e, com medo de encalhar no golfo de Sirte<sup>e</sup>, soltaram a âncora flutuante, e continuaram à deriva. <sup>18</sup>Como no dia seguinte continuávamos a ser fortemente fustigados pela tempestade, começaram a lançar a carga pela borda<sup>f</sup>, <sup>19</sup>e ao terceiro dia, com as próprias mãos, atiraram fora o equipamento do barco. <sup>20</sup>Mas como, durante vários dias, nem o sol nem as estrelas apareciam, e a tempestade continuava a abater-se sobre nós sem diminuir a intensidade<sup>g</sup>, começámos por fim a perder qualquer esperança de nos salvarmos.

<sup>21</sup>Havia muito tempo que ninguém comia nada<sup>h</sup>. Então Paulo pôs-se de pé no meio deles e disse: «Meus senhores<sup>i</sup>, devíeis ter seguido o meu conselho e não ter saído de Creta; isso ter-nos-ia poupado a este risco e a estas perdas. <sup>22</sup>Agora, porém, peço-vos que vos animeis: nenhuma vida se há de perder entre vós; apenas se perderá o barco<sup>j</sup>. <sup>23</sup>De facto, esta noite apresentou-se-me um anjo do Deus a quem eu pertenço e presto culto, <sup>24</sup>e disse-me: «Não tenhas medo, Paulo! É necessário que vás à presença de César. Eis que Deus te concedeu a graça de se salvarem todos os que estão a navegar contigo<sup>k</sup>. <sup>25</sup>Por isso, senhores, animai-vos! Tenho fé em Deus de que tudo acontecerá como Ele me disse. <sup>26</sup>Mas, primeiro, vai ser necessário encalharmos numa ilha». <sup>27</sup>Quando chegou a décima quarta noite, continuando nós à deriva no Adriático, por volta da meia-noite os marinheiros suspeitaram que se aproximavam de terra firme. <sup>28</sup>Lançaram a sonda e mediram vinte braças<sup>l</sup>. Avançando um pouco mais, lançaram a sonda de novo e mediram quinze braças. <sup>29</sup>Com medo de que embatêssemos nos rochedos, lançaram da popa quatro âncoras, desejando ansiosamente que se fizesse dia. <sup>30</sup>Entretanto, os marinheiros começaram a tentar fugir do barco e já faziam descer o bote ao mar, sob pretexto de irem largar as âncoras

<sup>a</sup> Lit.: *ela*.

<sup>b</sup> A ilha de Cauda situa-se a 40 km a sul de Creta.

<sup>c</sup> Isto é, o bote que navegava junto ao barco, e que tentavam içar a bordo, para não se afundar.

<sup>d</sup> Lit.: *usaram suportes, amarrando o barco por baixo*.

<sup>e</sup> O golfo de Sirte e os seus perigosos bancos de areia situavam-se na costa africana. A *âncora flutuante* era um estrado em madeira que era lançado ao mar para ajudar a travar o andamento da embarcação. O termo grego, porém, é ambíguo, podendo referir-se também às velas, ou a um outro qualquer equipamento do barco.

<sup>f</sup> Lit.: *faziam lançamento*.

<sup>g</sup> Lit.: *deitando-se tempestade não pequena*.

<sup>h</sup> Lit.: *tendo existido uma grande privação de comida*.

<sup>i</sup> Lit.: *homens*, tal como no v.25.

<sup>j</sup> Lit.: *pois haverá nenhuma perda de vida, exceto o barco*.

<sup>k</sup> Lit.: *agraciou a ti todos os que navegam contigo*.

<sup>l</sup> Lit.: *encontraram vinte braças*. Uma braça corresponde à medida que vai de um polegar ao outro, de braços estendidos (c. de 1,80 m).

da proa<sup>m</sup>, <sup>31</sup>mas Paulo disse ao centurião e aos soldados: «Se eles não ficarem no barco, não vos podereis salvar». <sup>32</sup>Então os soldados cortaram as amarras do bote e deixaram-no cair ao mar<sup>n</sup>.

<sup>33</sup>Quando estava prestes a fazer-se dia, Paulo exortou todos a que tomassem alimento, dizendo: «Hoje é já o décimo quarto dia em que continuais na expectativa, sem comer nem tomar nada. <sup>34</sup>Exorto-vos a que tomeis alimento, pois tal é necessário para a vossa<sup>o</sup> salvação; nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá<sup>p</sup>». <sup>35</sup>Depois de dizer isto, tomou o pão, deu graças a Deus diante de todos, partiu-o e começou a comer<sup>q</sup>. <sup>36</sup>Então todos se animaram e também eles tomaram alimento. <sup>37</sup>No total, estávamos no barco duzentas e setenta e seis pessoas. <sup>38</sup>Uma vez saciados<sup>r</sup>, começaram a aliviar a carga do barco, lançando o trigo ao mar.

<sup>39</sup>Quando se fez dia, não conseguiam reconhecer que terra era aquela, mas viram uma enseada que tinha uma praia<sup>s</sup>, para a qual planeavam dirigir o barco, se conseguissem. <sup>40</sup>Soltaram as âncoras e deixaram-nas cair ao mar, ao mesmo tempo que desatavam as amarras que prendiam os lemes<sup>t</sup>. Depois içaram ao vento a vela mestra<sup>u</sup> e tomaram a direção da praia. <sup>41</sup>Mas foram de encontro a um banco de areia<sup>v</sup>, e o barco encalhou; a proa ficou presa e permaneceu imóvel, enquanto a popa se desconjuntava, com a violência das ondas. <sup>42</sup>Então os soldados decidiram matar os prisioneiros, para que nenhum deles pudesse escapar a nado. <sup>43</sup>Mas o centurião, querendo salvar Paulo, impediu que eles executassem tal plano. Ordenou aos que sabiam nadar que saltassem primeiro e alcançassem a terra, <sup>44</sup>e aos restantes que fossem atrás<sup>w</sup>, agarrados a pranchas e aos outros destroços do barco<sup>x</sup>. E assim aconteceu que todos chegaram a terra sãos e salvos<sup>y</sup>.

## 28 Paulo em Malta

Já depois de estarmos em terra sãos e salvos<sup>z</sup>, é que soubemos que a ilha se chamava Malta. <sup>2</sup>Os nativos<sup>aa</sup> trataram-nos com uma extraordinária humani-

<sup>m</sup> A ideia é a de que levariam as âncoras a uma distância razoável da proa, para as largarem ao mar, deixando assim o barco ancorado dos dois lados.

<sup>n</sup> *Ao mar* é acréscimo da tradução.

<sup>o</sup> Alguns mss. leem *nossa*.

<sup>p</sup> A expressão evoca 1Sm 14,45; 2Sm 14,11; Lc 21,18.

<sup>q</sup> O vocabulário é tipicamente eucarístico.

<sup>r</sup> Lit.: *saciados de alimento*.

<sup>s</sup> A baía situa-se no noroeste da ilha de Malta.

<sup>t</sup> Lit.: *soltando as amarras dos lemes*.

<sup>u</sup> Lit.: *artemão*, que também pode indicar a vela do mastro de ré. O exato significado da expressão é disputado.

<sup>v</sup> Lit.: *tendo caído num sítio rodeado de dois mares*.

<sup>w</sup> *Que fossem atrás* é acréscimo da tradução.

<sup>x</sup> Lit.: *sobre certas coisas a partir do barco* ou *sobre alguns dos que [nadavam] a partir do barco*.

<sup>y</sup> Lit.: *foram postos a salvo sobre a terra*.

<sup>z</sup> Lit.: *e postos a salvo*.

<sup>aa</sup> Lit.: *estrangeiros (bárbaroi)*, que eram assim considerados pelos gregos por não falarem a sua língua. Aqui, trata-se provavelmente de nativos de origem púnica.

dade. De facto, acolheram-nos a todos ao redor de uma fogueira que acenderam por causa da chuva que caía e do frio. <sup>3</sup>Paulo juntou um braçado de lenha seca e estava a atirá-la para a fogueira quando, por causa do calor, saiu de lá uma vÍbora que se lhe agarrou à mão. <sup>4</sup>Quando os nativos viram a serpente<sup>a</sup> pendurada na sua mão, começaram a dizer uns aos outros: «Este homem é certamente um assassino; apesar de se ter salvado do mar, a deusa Justiça<sup>b</sup> não lhe permite que continue a viver». <sup>5</sup>Mas ele sacudiu a serpente para o fogo, sem sofrer mal algum. <sup>6</sup>Os nativos ficaram à espera de que a qualquer momento ele inchasse ou que subitamente caísse morto, mas, depois de muito tempo à espera e ao verem que nada de anormal lhe acontecia, mudaram de opinião e começaram a dizer que ele era um deus.

<sup>7</sup>Próximo daquele lugar havia uma propriedade que pertencia ao homem mais importante<sup>c</sup> da ilha, chamado Públio, que nos recebeu e amavelmente nos hospedou durante três dias. <sup>8</sup>Ora, aconteceu que o pai de Públio estava de cama, tomado pela febre e pela disenteria. Paulo foi ter com ele e, depois de rezar, impôs-lhe as mãos e curou-o. <sup>9</sup>Depois de isto ter acontecido, também os restantes habitantes da ilha que tinham alguma enfermidade começaram a ir ter com ele e eram curados. <sup>10</sup>Eles cumularam-nos de honras<sup>d</sup> e, quando estávamos para embarcar, puseram a bordo tudo o que precisávamos<sup>e</sup>.

## De Malta a Roma

<sup>11</sup>Três meses depois, partimos num barco alexandrino, que tinha o dístico dos Dióscuros<sup>f</sup> e que passara o inverno na ilha. <sup>12</sup>Aportámos em Siracusa<sup>g</sup>, onde ficámos três dias, <sup>13</sup>e dali, contornando a costa, chegámos a Régio. No dia seguinte, levantou-se o vento sul e assim, em dois dias, chegámos a Putéolos<sup>h</sup>, <sup>14</sup>onde encontrámos alguns irmãos, que nos convidaram a ficar com eles durante uma semana. E assim chegámos a Roma. <sup>15</sup>Os irmãos desta cidade<sup>i</sup>, quando ouviram falar de nós<sup>j</sup>, foram até ao Fórum Ápio e às Três Tabernas<sup>k</sup> para nos receber. Ao vê-los, Paulo deu graças a Deus e sentiu-se encorajado.

<sup>a</sup> Lit.: *fera*.

<sup>b</sup> A deusa é acresceto da tradução. A deusa Justiça (*Diké*) era a filha virgem de Zeus, que denunciava os homens injustos diante do pai, reclamando o seu castigo.

<sup>c</sup> Lit.: *o primeiro*, título do oficial romano responsável pela ilha, neste caso Públio, legado do pretor da Sicília.

<sup>d</sup> Lit.: *com muitas honras nos honraram*.

<sup>e</sup> Lit.: *puseram em cima as coisas para as necessidades*.

<sup>f</sup> Os Dióscuros (Castor e Pólux) eram divindades protetoras marítimas, muito veneradas, e normalmente pintadas ou esculpidas nas proas das embarcações. Eram irmãos de Helena de Tróia e filhos de Zeus.

<sup>g</sup> Siracusa era uma cidade portuária no sudeste da Sicília.

<sup>h</sup> Em latim *Puteoli*, atual Pozzuoli, localidade que se situa na baía de Nápoles a c. 200 km de Roma.

<sup>i</sup> Lit.: *de lá*.

<sup>j</sup> Lit.: *tendo ouvido as coisas sobre nós*.

<sup>k</sup> O Fórum Ápio distava 65 km de Roma, e Três Tabernas 49 km.

### Paulo em Roma<sup>1</sup>

<sup>16</sup>Quando entrámos em Roma, foi permitido a Paulo ficar em casa própria, com um soldado a guardá-lo. <sup>17</sup>Três dias depois<sup>m</sup>, Paulo<sup>n</sup> convocou os mais notáveis dos judeus e, uma vez reunidos, disse-lhes: «Irmãos<sup>o</sup>, embora eu nada tenha feito contra o povo e os costumes dos nossos pais, fui entregue como prisioneiro nas mãos dos romanos. <sup>18</sup>Depois de me interrogarem, estes queriam soltar-me, por não haver nenhuma razão para me condenarem à morte<sup>p</sup>. <sup>19</sup>Mas, como os judeus se opunham a isso, vi-me obrigado a apelar a César, sem, de modo nenhum, querer com isso acusar o meu povo. <sup>20</sup>Foi por essa razão que pedi para vos ver e falar, pois é por causa da esperança de Israel que me prenderam com estas correntes». <sup>21</sup>Eles responderam-lhe: «Nós não recebemos carta alguma da Judeia a teu respeito, nem nenhum dos irmãos nos veio contar ou dizer algo de mal sobre ti. <sup>22</sup>Porém, parece-nos bem ouvir aquilo que pensas, pois é do nosso conhecimento que essa seita encontra oposição em toda a parte». <sup>23</sup>Marcaram, então, um dia e, em número ainda maior, foram ter com ele onde ele estava hospedado. Então, desde a manhã até ao entardecer, ele falou-lhes do reino de Deus, dando testemunho e procurando convencê-los a respeito de Jesus, a partir da Lei de Moisés e dos profetas. <sup>24</sup>Enquanto alguns se deixavam convencer pelo que lhes era dito, outros recusavam-se a acreditar<sup>q</sup>. <sup>25</sup>Estavam já para se ir embora, em discórdância uns com os outros, quando Paulo disse estas únicas palavras: «Com razão falou o Espírito Santo aos vossos pais, por meio do profeta Isaías, <sup>26</sup>ao dizer:

*Vai ter com esse povo e diz-lhe:*

*Com o ouvido, ouvireis, mas nunca haveis de entender,  
e, de facto<sup>r</sup>, olhareis, mas nunca haveis de ver.*

<sup>27</sup>*Endureceu-se o coração deste povo:*

*eles escutaram com ouvidos endurecidos  
e fecharam os seus olhos.*

*Não fosse acontecer que vissem com os olhos,  
ouvíssem com os ouvidos,  
entendessem com o coração,  
e, ao voltarem atrás, Eu os curasse<sup>s</sup>.*

<sup>1</sup> Repete-se a estrutura de 13,13-52 (instrução, rejeição por parte dos judeus, missão voltada para os gentios) e estabelece-se um paralelismo entre os últimos dias de Paulo em Roma e o exemplo de Jesus (cf. 21,11; Lc 18,32; 24,7).

<sup>m</sup> O grego antepõe *mas aconteceu [que]*.

<sup>n</sup> Lit.: *ele*.

<sup>o</sup> Lit.: *homens irmãos*.

<sup>p</sup> Lit.: *por não haver em mim nenhuma causa de morte*.

<sup>q</sup> A divisão dos judeus é uma constante na missão de Paulo (14,1s; 17,2-5; 18,5s; 19,8s; 23,9s).

<sup>r</sup> Lit.: *olhando*.

<sup>s</sup> Is 6,9s (LXX).

<sup>28</sup>Ficai, portanto, a saber que esta salvação de Deus foi enviada aos pagãos, e eles hão-de escutá-la». <sup>29a</sup>.

### Conclusão

<sup>30</sup>Paulo ficou dois anos inteiros<sup>b</sup> na casa que alugara e acolhia todos os que iam ter com ele, <sup>31</sup>proclamando-lhes o reino de Deus e ensinando o que dizia respeito ao Senhor Jesus Cristo, com total desassombro e sem qualquer impedimento<sup>c</sup>.

---

<sup>a</sup> Alguns mss. acrescentam este v., que não consta nos mss. mais antigos: *Depois de ele ter dito estas coisas, os judeus foram-se embora, debatendo muito entre si* (lit.: *tendo em si próprios muito debate*).

<sup>b</sup> Paulo termina a sua estadia em Roma por volta do ano 62-63 d.C. (cf. 20,25.38; *1 Clem* 5,5ss).

<sup>c</sup> O carácter inacabado da história de Paulo em At é comum à historiografia judaica (2Rs 25,27-30; 2Cr 36,23; 2Mac 15,37) e ao mundo antigo (cf., por ex., Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, Vergílio, *Encida*).